



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA-  
PPGEO  
MESTRADO EM GEOGRAFIA**



**REDE URBANA E ENSINO SUPERIOR:**

**A UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA COMO ELEMENTO  
RATIFICADOR DA CENTRALIDADE URBANA DE VITÓRIA DA CONQUISTA/BA**

Vitória da Conquista  
2018

**VERANILZA BATISTA RIBEIRO**

**REDE URBANA E ENSINO SUPERIOR:**

**A UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA COMO ELEMENTO  
RATIFICADOR DA CENTRALIDADE URBANA DE VITÓRIA DA CONQUISTA/BA**

Dissertação apresentada como exigência do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Área de concentração: Produção do Espaço Geográfico  
Linha de Pesquisa: Produção dos Espaços Urbanos e Rurais  
Orientador: Prof. DSc. Mário Rubem Costa Santana

Vitória da Conquista  
2018



Esta dissertação de mestrado está sobre os termos Creative Commons

R367r

Ribeiro, Veranilza Batista.

Rede urbana e ensino superior: a Universidade Estadual do Sudoeste da

Bahia como elemento ratificador da centralidade urbana.de Vitória da Conquista/Ba. / Veranilza Batista Ribeiro, 2018.

102f.; il. (algumas color.)

Orientador (a): DSc. Mário Rubem Costa Santana.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de

Pós-Graduação em Geografia - PP GEO, Vitória da Conquista, 2018.

Inclui referência F. 90 – 94.

1. Centralidade Urbana. 2. Ensino Superior - UESB. 3. Rede Urbano Regional – Vitória da Conquista/Ba. 4. Rede Urbana. I. Santana, Mário Rubem Costa. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Geografia – PP GEO. T. III.

CDD: 307.76

*Catálogo na fonte: **Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890***

Bibliotecária UESB- Campus Vitória da Conquista – Ba

UESB – Campus Vitória da Conquista – BA

**REDE URBANA E ENSINO SUPERIOR: A UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA COMO ELEMENTO RATIFICADOR DA CENTRALIDADE URBANA DE VITÓRIA DA CONQUISTA/BA**

**VERANILZA BATISTA RIBEIRO**

Dissertação apresentada como exigência do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Aprovada em 21 de setembro de 2018.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Orientador - Prof. Dr. Sc. Mário Rubem Costa Santana  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

---

Examinador Prof. Dr. Sc. Renato Leone Miranda Léda  
Universidade do Estado da Bahia

---

Examinadora Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Sc. Andrecksá Viana Oliveira Sampaio  
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Aos mais importantes do meu espaço geográfico:  
Pai, mãe e filho!

## AGRADECIMENTOS

A gratidão é o único tesouro dos humildes (William Shakespeare)

É Dele toda vitória alcançada em minha vida! Tudo é do Pai (Frederico Cruz).

Muitos podem dizer: agradecer a Deus por quê? O que ele fez? Os méritos são seus! Você é responsável por hoje concluir esse trabalho! Jamais aceitaria tais questionamentos e afirmações, sem reconhecer a importância de Deus na minha vida e quão essencial é sua participação nas minhas vitórias e conquistas! Assim digo: Deus é presença constante em minha vida, força inexplicável na qual amo e confio, que jamais abrirei mão em troca de títulos acadêmicos. Tudo que sou agradeço ao Senhor da minha existência: Pai; Irmão; Amigo; Protetor e tantos outros papéis que Ele representa para mim. Na minha pequenez diante de Deus eu só tenho a agradecer.

Quando o assunto é família, no fundo ainda somos crianças, não importa o quão velho ficamos sempre precisamos de um lar para chamar de lar. Porque sem as pessoas que você mais ama, você não pode evitar em se sentir sozinho do mundo (Gossip Girl).

A minha família que é a bússola a me orientar pelos caminhos da vida, o meu porto, para onde retorno após as aventuras vividas nos desafios do conhecimento, onde sempre encontro minhas origens e estão fincados os meus pés, lugar onde posso ser apenas Verinha! Aos melhores pais do mundo: João (In memoriam) e Vitória (In memoriam), que me deram os melhores irmãos que eu poderia querer nessa vida: Marly, José Donizete (In memoriam), Aurelina, João Carlos, Rosimeire e Paulo; de quem tive a honra de ser tia dos meus queridos sobrinhos: Sílvia (a mais entusiasta com as minhas vitórias), Cecília, Tiara, Pedro e Vitória e ao meu filho querido, minha melhor parte, meu eu evoluído. Pais, irmãos, sobrinhos e filho que dividiram comigo alegrias, tristezas, dificuldades, vitórias, sofrimentos entre tantas outras coisas vividas.

Um professor é a personificada consciência do aluno; confirma-o nas suas dúvidas; explica-lhe o motivo de sua insatisfação e lhe estimula a vontade de melhorar (Thomas Mann).

Apesar do desânimo e das várias vezes que tive vontade de desistir, você esteve do meu lado, me colocando dúvidas, não para me prender, mas pelo contrário para me libertar, para que eu pudesse com minhas próprias pernas caminhar para o conhecimento. Algumas vezes me aborreci com a orientação, “na verdade”, esses aborrecimentos nunca foram com você e sim comigo mesma, que não conseguia

chegar onde você queria. No entanto se hoje estou colhendo os frutos do meu esforço, saiba que não conseguiria sem a sua orientação. Gratidão é o que me define em relação a você Mário Rubem Costa Santana.

Exprimo aqui um sentimento “inadjetivável”, que mistura tudo que sinto por meus professores. Por dividirem comigo seus conhecimentos, desde o processo de seleção com Espedito, Mário Rubem e Suzane; nas discussões acaloradas em sala de aula entre a turma e: Altemar, Edvaldo, Fernanda, Mário Rubem e Suzane; no cuidado e zelo pela coordenação do curso por parte de Ana Emília/ Fernanda, Mário Rubem/ Altemar. E aos demais que foram/são essenciais (juntamente com os já citados) pela dedicação e esforço para criar e manter o Programa de Pós- Graduação em Geografia da UESB: Geisa, Janio, Jânio Roberto, João Phelipe, José Eloízio e Meirilane, meu muito obrigada a cada um de vocês.

Um agradecimento mais que especial aos queridos professores Andrecksa Sampaio e Renato Leone, por mais uma vez se fazerem presentes na minha vida, pelas valiosas contribuições que fizeram com que eu aperfeiçoasse o meu trabalho.

Vocês sem dúvida nenhuma fazem parte de tudo que hoje sou e penso. Modificaram em muito a minha existência. Espero que por muito tempo vocês continuem povoando a minha vida.

Todo conhecimento humano é incerto, inexato e parcial (Bertrand Russell).

Um dia aprendi que o conhecimento é uma construção, feita por várias mãos, cada um colocando o seu tijolinho, pois bem os autores apresentados nesse trabalho representam a base para o meu conhecimento, onde humildemente coloco a minha contribuição. Obrigada a cada autor citado no texto pelos estudos que muito representam a ciência que abracei, sem vocês nada disso seria possível.

A felicidade aparece para aqueles que reconhecem a importância das pessoas que passam em nossa vida (Clarice Lispector).

Apesar de momentos solitários, ninguém trilha uma caminhada sozinho, sempre estamos em grupo, porque necessitamos dos outros para viver. Nessa jornada pude conviver com pessoas, que para o resto da minha vida farão parte da minha história: Débora, Edilélio, Edvagno, Fátima, Flávia, Joscimara, Joelma, Jorman, Manara, Marília, Patrícia, Silmara e Victor. Que grande honra fazer parte da primeira turma do mestrado em Geografia com vocês, nossa marca para sempre fará parte do

programa. Aos colegas da segunda turma, que também fazem parte da minha história no mestrado, agradeço a todos nas pessoas de Joelisa, Vagner e Wanderson. Cada um especial à sua maneira.

Tatiana não sei o que seria da minha vida acadêmica, sem o seu apoio incondicional, você me permitiu cursar o mestrado, mesmo não sendo liberada para tal fim. O que poucos colegas fariam por mim. Infinitas graças sejam derramadas na sua vida, por esse desprendimento de não ser para mim uma chefia imediata, mas uma amiga capaz de incentivar na busca dos meus sonhos. Às demais colegas: Alana, Ângela, Bruna, Eliane, Fátima, Gracione, Lorena, Luanda e mais recentemente Sheila e Vivian por me darem apoio e muitas vezes ouvirem minhas lamurias em momentos de crise.

A verdadeira solidariedade começa onde não se espera nada em troca  
(Antoine de Saint-Exupéry)

Agradeço a todas as pessoas que participaram do meu trabalho, direta ou indiretamente! Aos alunos(as) da UESB que gentilmente responderam ao questionário da pesquisa e forneceram dados para a conclusão do meu trabalho e aqueles que me ajudaram a aplicar o questionário; professores(as) que permitiram a aplicação dos questionários durante as aulas e alguns que o aplicaram pessoalmente; ao professor Edvaldo Oliveira pelos seus conhecimentos cartográficos e pela paciência em contribuir para o trabalho; aos funcionários e colegas de trabalho que me ajudaram com as informações, destaco Leila Carla e Luiz Henrique. MUITÍSSIMO obrigada a todos (as) vocês!

Agradeço ainda as instituições, à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia pelo oferecimento do curso, e à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por ajudar a mantê-lo, e assim alimentar o sonho de muitos colegas que virão depois de mim.

Posso, tudo posso naquele que me fortalece. Nada e ninguém no mundo vai me fazer desistir. Quero, tudo quero, sem medo entregar meus projetos. Deixar-me guiar nos caminhos que Deus desejou pra mim e ali estar (Celina Borges).

## RESUMO

A rede urbana é formada por centros urbanos de dimensões variadas que estabelecem relações, com base nas distintas funções que cada um exerce, e que produzem a própria cidade. E conseqüentemente as diferenciam dentro de uma rede urbana, considerando a quantidade e a especialização dos serviços oferecidos por cada uma, na articulação da área de influência de cada cidade. Nessa perspectiva procurou-se analisar a importância das atividades educacionais dos cursos de graduação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) para determinar a centralidade de Vitória da Conquista - BA. Visando compreender essa dinâmica, a revisão teórica foi construída para entender conceitos importantes para a pesquisa: rede, rede urbana, cidades médias e pequenas, além disso procurou-se analisar o estudo Regiões de Influência das Cidades - REGIC 2007 (BRASIL, 2008), entender o papel da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista, na dinâmica espacial da cidade e de sua rede urbana. Para alcançar os objetivos propostos foi necessário a realização de uma pesquisa em campo com os alunos da UESB, no campus de Vitória da Conquista, no sentido de determinar a origem dos alunos, que utilizam esse serviço. As informações permitiram verificar as articulações da cidade e determinar uma rede urbana mais abrangente e de uma certa forma explicar como se dá a dinâmica da cidade, que ganha um público consumidor, que além de frequentar os cursos oferecidos pela UESB, também consome outros serviços do setor terciário. Com base nos resultados obtidos, pode-se concluir que a os serviços educacionais prestados pela UESB, campus de Vitória da Conquista tem atendido uma parcela significativa da população regional, e contribuído para as relações entre as cidades e estabelecendo uma rede urbana. Além de reforçar a importância dessa rede para o desenvolvimento da cidade.

Palavras-Chave: Centralidade urbana. Ensino superior. Rede urbana.

## **ABSTRACT**

The urban network is formed by urban centers of different dimensions that establish relations, based on the different functions that each one carries out, and which produce the city itself. And consequently they differentiate them within an urban network, considering the quantity and the specialization of the services offered by each one, in the articulation of the area of influence of each city. In this perspective, it was tried to analyze the importance of the educational activities of the undergraduate courses of the Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) to determine the centrality of Vitória da Conquista - BA. In order to understand this dynamics, the theoretical review was built to understand important concepts for the research: network, urban network, medium and small cities. In addition, we aimed to analyze the study Regiões de Influência das Cidades - REGIC 2007 (BRASIL, 2008), to understand the role of the Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus of Vitória da Conquista, in the spatial dynamics of the city and its urban network. In order to reach the proposed objectives, it was necessary to conduct a field research with UESB students, in the campus of Vitória da Conquista, in order to determine the origin of the students, who use this service. The information allowed to verify the articulations of the city and to determine a more extensive urban network and, somehow, to explain how the dynamics of the city happens, the city hosts a consuming public, that besides consuming the courses offered by UESB, also consumes other services of the tertiary sector. Based on the results, it can be concluded that the educational services provided by UESB, campus of Vitória da Conquista, have served a significant part of the regional population, and contributed to the relations among cities and establishing an urban network in addition to reinforcing the importance of this network for the city development.

Keywords: Urban centrality. Higher education. Urban network.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 – Localização do município de Vitória da Conquista – 2017.....	49
Fotografia 1 – UESB – Campus de Vitória da Conquista, 2018.....	53
Fotografia 2 – Instituições de Ensino Superior de Vitória da Conquista – BA, 2018.....	55
Fotografia 3 – Hospitais e clínicas de Vitória da Conquista – BA, 2018.....	56
Fotografia 4 – Novas clínicas de Vitória da Conquista – BA, 2018.....	58
Fotografia 5 – Centro comercial de Vitória da Conquista – BA, 2018.....	59
Fotografia 6 – Diversidade do comércio de Vitória da Conquista – BA, 2018.....	59
Fotografia 7 – Shoppings Centers de Vitória da Conquista – BA, 2018.....	60
Fotografia 8 – Grandes lojas comerciais de Vitória da Conquista – BA, 2018....	61
Mapa 2 – Rede Urbana do Brasil – REGIC 2007.....	65
Mapa 3 – Rede Urbana de Salvador – REGIC 2007 .....	66
Mapa 4 – Território da área da Rede de Influência de Vitória da Conquista – BA – REGIC 2007 .....	69
Fotografia 9 – Campus de Vitória da Conquista – UESB – 2018.....	73
Gráfico 1 – Formas de acesso dos alunos matriculados no campus de Vitória da Conquista da UESB, 2018.....	76
Gráfico 2 – Formas de acesso à UESB dos alunos pesquisados, 2018.....	77
Mapa 5 – Área de Influência de Vitória da Conquista/UESB – 2018.....	80
Gráfico 3 – Serviços utilizados pelos alunos da UESB em Vitória da Conquista – BA, 2018.....	81
Gráfico 4 – Renda familiar dos alunos da UESB, 2018.....	82

## LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Número de municípios por macrorregiões do Brasil.....	40
Tabela 2 – PIB Vitória da Conquista – BA, por setores da economia 2012 – 2016.....	52
Quadro 1 – Hierarquia urbana do Brasil – REGIC 2007.....	64
Quadro 2 – Hierarquia urbana de Salvador – REGIC 2007.....	67
Tabela 3 – Características da região de influência de Vitória da Conquista – BA em dados – REGIC 2007.....	70
Tabela 4 – População Urbana da Região de influência de Vitória da Conquista – BA.....	72
Quadro 3 - Cidades de origem dos alunos da UESB, que fazem parte da área de influência de Vitória da Conquista – BA.....	78
Quadro 4 - Cidades de origem dos alunos da UESB, que não fazem da área de influência de Vitória da Conquista – BA.....	79

## **LISTA DE SIGLAS**

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

FAINOR – Faculdade Independente do Nordeste

FTC – Faculdade de Tecnologia e Ciências

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IFBA – Instituto Federal da Bahia

IMS – Instituto Multidisciplinar em Saúde

IPEA – Instituto de Pesquisa Aplicada

PMVC – Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista

REGIC – Regiões de Influência das Cidades

SEI/BA – Superintendência de Estudos Econômicos da Bahia

SISU – Sistema de Seleção Unificada

SGC – Secretaria Geral de Cursos

UESB – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

UFBA – Universidade Federal da Bahia

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	14
2 REDE URBANA: BREVES CONSIDERAÇÕES.....	18
2.1 Rede Urbana .....	24
3 A CIDADE E SEUS DESDOBRAMENTOS .....	37
3.1 Cidades pequenas e médias .....	39
3.2 Setor terciário: importância e caracterização .....	45
3.3 A cidade média de Vitória da Conquista .....	47
3.4 Setor terciário de Vitória da Conquista .....	52
4 A UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA E A FORMAÇÃO DA REDE URBANO REGIONAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA .....	62
4.1 A Região de Influência da cidade de Vitória da Conquista segundo o REGIC, 2007 .....	62
4.2 A rede urbano regional e a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - Campus de Vitória da Conquista .....	73
5 CONCLUSÕES .....	84
REFERÊNCIAS .....	88
APÊNDICE .....	93
Apêndice 1 .....	93
ANEXOS .....	95
Anexo 1 .....	95
Anexo 2 .....	97

## 1 INTRODUÇÃO

Se soubéssemos o que estamos fazendo, não seria chamado de pesquisa  
(Albert Einstein)

As redes urbanas regionais apresentam particularidades inerentes à sua formação socioespacial, mas exibem, também, características das redes mais complexas às quais podem estar associadas.

Para Santos (1993) a rede urbana é complexa e diferenciada, considerando as diferenças entre as cidades e as relações específicas em cada cidade, interferindo na realização da vida, econômica e socialmente. Portanto, é formada por centros urbanos de dimensões variadas, na qual se estabelecem relações com base nas distintas funções que cada um exerce, produzindo a própria cidade.

Estudar as cidades torna-se necessário para a compreensão da sua produção e das funções desempenhadas por cada uma e como se dá a sua participação na rede urbana.

As relações que envolvem a cidade de Vitória da Conquista e sua região de influência, assentam-se na importância que a cidade adquiriu ao longo do tempo, desde o seu surgimento e desenvolvimento, da interferência do poder público e dos investimentos privados, entre outros.

A justificativa para se realizar uma pesquisa nesse sentido se dá pela dimensão espacial de Vitória da Conquista e, principalmente, pela importância econômica da cidade para a região, pela participação dos municípios circunvizinhos no seu crescimento econômico. A cidade de Vitória da Conquista apresenta funções específicas que tornam as pequenas cidades da sua rede urbana dependentes dos serviços oferecidos, assim boa parte da renda desses municípios é transferida para a cidade, quando esses consomem os serviços oferecidos. Apesar de se tratar de um serviço público e gratuito, o campus da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), na cidade, interfere nesse contexto.

A abordagem conceitual está referenciada na interpretação de Corrêa (1997), ao afirmar que a rede urbana é diretamente ligada à divisão territorial do trabalho, sendo uma função desta e ao mesmo tempo uma condição para sua realização. As cidades, através das relações de polarização com os centros principais de comando e controle do território, constituem uma base a possibilitar tanto o investimento e a

produção canalizados na direção dos centros de consumo mais significativos, quanto o próprio consumo daquilo que emana dos centros principais. Mas para Corrêa (1997) trata-se de uma troca desigual, em que a extração do lucro se dá na direção dos centros dominantes, através de diversos ciclos de exploração.

Diante desse contexto, questionou-se: de que forma a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista, ratifica a centralidade de Vitória da Conquista em relação aos municípios da sua rede urbana? Assim contribuem para alimentar a capacidade da cidade de oferecer serviços, criando, dessa forma, um grau de dependência entre elas. Com esse questionamento algumas hipóteses foram suscitadas: a) os municípios da rede urbana de Vitória da Conquista, ao consumirem os serviços educacionais da UESB, contribuem para que o setor terciário se desenvolva cada vez mais e promova seu crescimento econômico; b) a posição geográfica estratégica, favorecida pelas vias de acesso, contribuiu para que Vitória da Conquista assumisse uma centralidade em relação a vários municípios, inclusive fora do Estado da Bahia; c) a centralidade de Vitória da Conquista é uma condição territorial, conjuntamente com os municípios da sua rede urbana, que apresentam diferentes graus de dependência, para formação de uma rede urbano-regional.

Como objetivo geral da pesquisa procurou-se analisar a importância das atividades educacionais dos cursos de graduação da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia para determinar a centralidade de Vitória da Conquista, como cidade média possuidora de uma variedade de atividades do setor terciário que contribui para articular uma extensa rede de pequenas cidades. Para alcançar o objetivo, foram apresentadas algumas atividades relevantes do setor terciário na cidade de Vitória da Conquista – BA, para compreender a dinâmica da sua rede urbana da qual ela faz parte, com base nas atividades do setor terciário, mais especificamente o oferecimento do ensino superior pela UESB, campus de Vitória da Conquista, que promove a produção do espaço na cidade, a fim de atender aos consumidores oriundos dos municípios da rede urbana de Vitória da Conquista; verificou ainda como esse serviço pode repercutir economicamente nas cidades da rede urbana a fim de demonstrar a importância de Vitória da Conquista para as cidades da sua rede urbana.

O pressuposto teórico-metodológico utilizado se refere ao entendimento das redes urbanas e de suas dinâmicas como uma das expressões dos arranjos espaciais

do capitalismo contemporâneo e de suas reestruturações na história recente e que, portanto, devem ser interpretadas como parte de uma totalidade social complexa e contraditória.

Para o aporte teórico a pesquisa se pautou em trabalhos que direta ou indiretamente trataram do tema proposto, além de focar nas categorias e conceitos geográficos que estão presentes na dissertação. O levantamento teórico foi realizado em livros, artigos, trabalhos monográficos, dissertações e teses, disponibilizados em bibliotecas e também em meio virtual.

Foi utilizado como base para o trabalho, os estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) denominado Regiões de Influência das Cidades 2007 (BRASIL, 2008), que tem o intuito de apresentar as redes institucionalizadas, formadas pelas principais cidades do Brasil.

Uma situação geográfica é um recurso que permite abordar um conjunto de lugares articulados em rede numa escala regional como recorte espaço-temporal, um “momento” provisório, com um determinado conjunto de atributos sociais, econômicos, técnicos, passíveis de descrição e análise, mas cuja interpretação e verdadeira significação somente podem ser alcançadas se devidamente inserido no fluxo de eventos históricos e de processos socioespaciais de maior abrangência do qual faz parte.

Após esse levantamento foram construídos os instrumentos de coleta para a pesquisa empírica, que foi feita através de aplicação de questionários, afim de abordar dados tanto qualitativos quanto quantitativos. E foram aplicados de acordo uma amostragem aleatória simples, dos alunos da UESB que moram fora e vêm todos os dias para Vitória da Conquista para assistirem aulas e aqueles que se mudaram para a cidade em decorrência da matrícula no campus da universidade.

Foram aplicados 423 questionários com alunos de todos os cursos nos espaços da UESB, salas de aula, corredores, restaurante universitário, áreas de convivência, colegiados, pontos de ônibus e biblioteca. No entanto 27 questionários foram descartados, uma vez que não estavam completos ou não se adequava ao perfil do público questionado, ou seja alunos que já viviam na cidade antes da aprovação e matrícula, assim foram tabulados e analisados 396 questionários.

Todos os dados foram sistematizados e analisados à luz da discussão teórica, em que se pretende elaborar mapas, gráficos, tabelas e sobretudo a redação da dissertação, que apresentarão a dinâmica da rede urbana de Vitória da Conquista.

A dissertação é composta por três capítulos. No primeiro capítulo, o referencial teórico-conceitual, em que se discute os conceitos de rede e rede urbana, tomando como base as contribuições Corrêa (1989, 1997, 2001, 2006, 2007); Bejeu- Garnier (1980); Dias (2003, 2005); Rochefort (1998), Santana (2006); Castells (1999, 2003); Ferraz (2009); Santos (1981, 1993, 2008 a), entre outros.

No segundo capítulo as discussões são sobre a cidade, cidades médias e pequenas e setor terciário e as características da cidade de Vitória da Conquista e do seu setor terciário.

O terceiro capítulo aborda a rede urbana de Vitória da Conquista sob a perspectiva dos estudos sobre as Regiões de Influência das Cidades desenvolvidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a rede urbano regional e a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia campus de Vitória da Conquista.

Nas considerações finais procura-se apontar as perspectivas para a organização da rede urbana de Vitória da Conquista com base nas atividades do setor de serviços educacionais da UESB no intuito de mostrar sua centralidade urbana.

Assim, o estudo sobre a rede urbana de Vitória da Conquista é considerado importante pela posição que esta cidade ocupa na rede urbana brasileira, como capital regional, e no sentido de entender os fatores que contribuíram para sua formação, sejam eles internos ou externos. A relevância deste estudo consiste em produzir conhecimentos que de alguma maneira sejam uteis para a comunidade acadêmica, para o planejamento das ações da UESB, e por fim propor novas reflexões sobre o tema proposto.

## 2 REDE URBANA: BREVES CONSIDERAÇÕES

Falar de redes é ir além da abordagem geográfica, pois é um termo trabalhado de maneira disciplinar por várias áreas do conhecimento: “no Urbanismo, Arquitetura, Engenharia, Geografia, Economia, Administração, Sociologia, História e Comunicação” (SANTANA, 2006, p. 21), entendendo que seu estudo pode se dar de maneira interdisciplinar podendo ser discutida e trabalhada conjuntamente, por várias disciplinas, uma vez que está presente em diferentes momentos e aspectos da vida social.

Segundo Dias (2005), o vocábulo provém do latim *retis* e significa conjunto de fios entrelaçados, linhas e nós, que aparecem popularmente em ligações regulares utilizados para apanhar peixes, para dormir e embalar, como tela ou também utilizado como conjunto complexo de fios, rodovias, ferrovias, canais, casas comerciais, entre outros. A palavra também foi utilizada nas ciências biológicas, para explicar o funcionamento do organismo no corpo humano. Porém o conceito de rede passa a ser empregado mais largamente para definir as representações geométricas do território que se multiplicaram a partir da segunda metade do século XX, graças ao desenvolvimento das técnicas, sobretudo na Geografia.

Para Souza (2013), não se trata de um conceito novo e sim uma renovação de uma discussão conceitual antiga, que está presente em estudos geográficos do século XIX e começo do século XX, e mesmo em outras áreas do conhecimento, as reflexões sobre os fenômenos organizados em redes, também não são recentes. Segundo o autor, apesar do uso da ideia de rede ter surgido há muito tempo, a valorização do conceito e sua disseminação se deu em um determinado momento histórico, com a difusão das novas tecnologias de comunicação e informação mais complexas, em que a instantaneidade, propagação e simultaneidade são características marcantes, a exemplo da internet. Assim, chama a atenção para a ilustração da historicidade que atribui aos conceitos. De acordo Sposito:

Deve-se ter em mente que as redes não se formaram por acaso. Elas são resultado do trabalho de numerosos atores que, em diferentes lugares e momentos, e com capacidades distintas de ação, exercem seu papel como sujeitos da história (SPOSITO, 2008, p. 48).

Definir rede se faz necessário nos estudos do setor terciário, uma vez que a mesma pode ser fator de organização e reorganização do espaço de uma determinada cidade, visando atender o movimento de pessoas e de mercadorias, visto

que “a rede aparece como o instrumento que viabiliza essas duas estratégias: circular e comunicar” (DIAS, 2003, p. 146).

Santana (2006) estuda rede, para explicar a construção do espaço urbano de Salvador através das diferentes redes técnicas, presentes na cidade. Segundo o autor:

Essa noção, rede, é hoje extremamente utilizada e de certa forma tomou o lugar de noções outras como sistema e estrutura. Esta riqueza polissêmica também pode ser um complicador no seu entendimento levantando questionamentos sobre a possibilidade de usar essa noção de forma coerente (SANTANA, 2006, p. 35).

A análise geográfica do fenômeno rede, bem como sua gênese, surgiram para que se pudessem construir esquemas capazes de interpretar, dentre outras coisas, a questão das distâncias e da articulação de agentes e pontos no território, inspirando-se sobretudo na questão da técnica (DIAS, 2003).

Antes da Revolução Industrial, algumas cidades, como por exemplo cidades portuárias, já estabeleciam relações, principalmente no que refere ao comércio e transporte, tornando-se por esse motivo centros de urbanização. A partir desse contexto da Revolução Industrial, associado ao fortalecimento do capitalismo, os processos que geraram fluxos materiais foram acelerados.

Neste sentido, Dias explica o quanto a técnica e a inovação dos transportes foram importantes, nesse processo:

Uma leitura da história das técnicas nos mostra o quanto as inovações nos transportes e nas comunicações redesenharam o mapa do mundo no século 19. Tratava-se de um período caracterizado pela consolidação e sistematização de inovações realizadas anteriormente. As trilhas e os caminhos foram progressivamente substituídos pelas estradas de ferro no transporte de bens e mercadorias; com o advento do telégrafo e em seguida do telefone, a circulação das ordens e das novidades já dispensava a figura do mensageiro. Todas estas inovações, fundamentais na história do capitalismo mundial, se inscreveram e modificaram os espaços nacionais, doravante sulcados por linhas e redes técnicas que permitiram maior velocidade na circulação de bens, de pessoas e de informações (DIAS, 2003, p. 141-142).

Há uma mudança na forma de comunicação que deixa de ser material, criando assim uma nova configuração espacial, que permite um contato mais rápido entre lugares distantes. Dias (2003) chama a atenção para as inovações em diferentes campos e para a capacidade das ações virtuais de criarem condições sociais, até então nunca vistas, promovendo assim mudanças na ordem econômica mundial, sobretudo a partir dos anos de 1970. O avanço da tecnologia, dos meios de comunicação e transportes possibilita um melhor acesso entre os lugares em menos

tempo, o que causa a impressão do encurtamento de distância, permitindo dessa maneira maior velocidade da circulação de bens, pessoas e informações.

Partindo desse pressuposto, a ciência geográfica estuda, discute e analisa os vários tipos de redes presentes no espaço e se depara com o desafio de compreender esse conceito que se constrói e reconstrói no cotidiano das pessoas.

Existe uma grande variedade de redes relacionadas com os usos que são diversos, “tanto no senso comum, quanto no âmbito acadêmico” (SANTANA, 2006, p.20) o que o torna passível a diferentes interpretações e entendimentos, mas que se apresenta de maneira significativa como instrumento de análise. Ainda conforme Santana (2006, p. 35) “os estudos sobre rede são, por excelência, inter e transdisciplinares visto que se fazem presentes em diversas sociedades humanas nas suas mais diversas formas e escalas.”

Rede é um conceito que, na atualidade está presente em vários estudos e no cotidiano das pessoas, e por isso torna-se muitas vezes, impreciso e ambíguo, embora o seu estudo seja um recurso importante para a compreensão de questões relacionadas à problemática do espaço.

Ferraz (2009) estuda rede a partir dos processos sociotécnicos do sistema de saúde da cidade de Vitória da Conquista. Para a autora:

O conceito de rede tem propriedade multifária. Quando utilizado em análises geográficas, ele é imbricado de elementos, tais como conexidade, fixos, nós, sistemas de objetos, fluxos, linhas, sistemas de ações, fluidez, horizontalidade, verticalidade, entre outros (FERRAZ, 2009, p. 39).

Esse conceito é respaldado por esses diferentes elementos elencados pela autora e o seu uso possibilita apreender o espaço das redes. Utilizando a cidade como exemplo dessa forma espacial é possível concluir que a mesma “se expressa como uma realidade geográfica numa articulação de diferenças, pois os processos não se realizam da mesma forma em todos os lugares” (FERRAZ, 2009, p. 39).

Para Santos (2008 a), as várias definições de rede podem ser enquadradas em duas matrizes: aquela que considera a realidade material e outra que acrescenta a esta realidade material o dado social. A primeira está relacionada ao suporte técnico que movimenta as redes e a segunda está relacionada às pessoas e as relações que formam esse sistema, que dão significação às redes geográficas. Dessa maneira as duas faces da rede são explicitadas como uma complementaridade nesses dois aspectos apontados pelo autor.

As redes, originalmente, funcionam no sentido de possibilitar a distribuição/circulação de mercadorias, matéria primas, objetos e pessoas, fazendo com que seu estudo possibilite a compreensão dos movimentos, possibilita o entendimento da lógica e a produção dos mesmos, além da sua distribuição e extensão.

Para Moreira (2007), a principal característica da rede, que ele chama de global, é ser a “forma nova do espaço” (p.56) e a fluidez que mostra as mudanças estruturais sobre as fronteiras. Assim, esse tipo de organização reticular muda os espaços em forma e conteúdo. Para o autor, a rede organiza o espaço há muito tempo, mas afirma que a leitura desta organização de espaço em rede é uma realidade recente.

Segundo o referido autor:

A característica da sociedade em rede é a mobilidade territorial. E o desenvolvimento da rede de circulação inicia-se num movimento de desterritorialização de homens, de produtos e de objetos, que ocorre em paralelo à evolução das cidades e das redes[...] (MOREIRA, 2007, p. 58).

De acordo com Pereira (2014), os sistemas atuais de transporte e de informação evidenciam a questão nas redes no período de globalização e exigem uma transformação quantitativa e qualitativa dos movimentos, redefinindo o território, sendo dessa maneira um processo com resultados mais imediatos.

Para Santos (2008 a), o desenvolvimento acumulado das condições materiais confere nova natureza ao espaço geográfico na atualidade – o meio técnico-científico-informacional<sup>1</sup>, o que possibilita a percepção de mudanças bastante significativas nos modos de utilização do espaço, implicando dessa maneira, o surgimento de novas técnicas e, além disso, novas possibilidades de ação. Conforme o citado autor: “[...] a rede é também social e política, pelas pessoas, mensagens, valores que a frequentam. Sem isso, e a despeito da materialidade com que se impõe aos nossos sentidos, a rede é, na verdade, uma mera abstração.” (SANTOS, 2008 a p. 262).

Castells (1999) compreende a sociedade como contemporânea de um espaço marcado pela quantidade dos fluxos em uma economia que para ele é global, característica de um capitalismo que adentra a era informacional; levando-o a

---

<sup>1</sup> O Meio técnico-científico-informacional de acordo Milton Santos (2008 a) é o terceiro período da história do meio geográfico, iniciado após a segunda guerra mundial e afirmado nos anos 70, no qual “os objetos técnicos tendem a ser ao mesmo tempo técnicos e informacionais [...] a ciência e a tecnologia, junto com a informação, estão na própria base da produção, da utilização e do funcionamento do espaço e tendem a constituir o seu substrato” (SANTOS, 2008 a, p. 190)

conceber a sociedade em rede e o espaço de fluxos. Ele define redes como “um conjunto de nós interconectados, sendo que um nó é o ponto no qual uma curva se entrecorta” (CASTELLS 1999, p. 498). O nó, nesse caso, vai ser definido de acordo com o tipo de rede.

As redes são bem interessantes para o capitalismo, pela sua flexibilidade e adaptabilidade que são urgentes na atualidade, principalmente nas relações de trabalho e nos sistemas de produção, em função da necessidade de atender ao mercado, cada vez mais caracterizado, diferenciado e diversificado. Os vários tipos de redes vão levar ao uso de uma linguagem que terá papel fundamental dentro das sociedades, contribuindo dessa forma para a “formação, orientação e desorientação das sociedades” (CASTELLS 1999)

Para Castells (2003), a lógica das redes permeia a sociedade atual, é informacional e a internet é o exemplo paradigmático da sociedade em rede, que ao se movimentar e se desenvolver estabelece ligações e trocas com as inúmeras realidades que a compõem, sejam elas sociais políticas ou econômicas. Pode-se afirmar, portanto, rede pressupõe circulação.

De acordo com Moura e Werneck:

Qualquer tipo de fluxo – das mercadorias às informações – pressupõe a existência de redes, cuja primeira propriedade é a capacidade de conexão, de ligação. Assim, o conceito de rede, consagrado e antigo, é recorrentemente acionado, dado que a multiplicação das redes passa a caracterizar as relações de uma sociedade que se organiza sob estratégias de circulação e comunicação, pautadas, cada vez mais, na instantaneidade e simultaneidade (MOURA E WERNECK, 2001, p. 28).

Há, portanto, uma dinâmica social das redes, que produzem espaço com seus fluxos, e que abrigam um conjunto de elementos fixos, que se constituem tecnicamente com elementos artificiais, dessa forma modificam também os fluxos.

Santos explica:

Os elementos fixos, fixados em cada lugar, permitem ações que modificam o próprio lugar, fluxos novos ou renovados que recriam as condições ambientais e as condições sociais e redefinem cada lugar. Os fluxos são um resultado direto ou indireto das ações e atravessam ou se instalam nos fixos, modificando a sua significação e o seu valor, ao mesmo tempo em que também se modificam (SANTOS, 2008 a, p.50).

Entretanto, quando se tem visão holística do processo, reconhece-se que apesar desses elementos serem comuns do período atual, não alcançam todos os

lugares e as pessoas, tornando, dessa forma, o uso que é feito destas redes atuais, seletivo e pouco significativo para muitas pessoas.

Santos (2008 a), trabalha com a ideia de virtualidade das redes. As redes são virtuais e ao mesmo tempo são reais. Para ele, “a primeira característica da rede é ser virtual. Ela somente é realmente real, realmente efetiva, historicamente válida, quando utilizada no processo da ação” (SANTOS, 2008 a, p. 277).

Em outro momento, Santos (2008 a) afirma não ter como separar redes das questões relacionadas ao poder, caracterizando, dessa forma, a rede como técnica e política. Assim, entende-se que os nós dessas estruturas reticulares são os lugares onde a conexão acontece, detendo dessa maneira referência e poder e fazendo com que os elementos se tornem solidários.

Nessa perspectiva, Dias (2003), esclarece que os gestores técnicos, econômicos e jurídicos das redes não são neutros, colocando dessa maneira as relações sociais em jogo. A autora conclui que a rede máxima, que ela define como “totalidade de relações mais diretas” (DIAS, 2003, p. 148) nunca foi utilizada, mas apenas arranjos técnicos, econômicos, políticos e sociais.

A produção de Raffestin sobre redes é relevante, uma vez que o autor procurou a compreensão das interações da organização espacial reticular, principalmente circulação e comunicação, analisando o papel das redes nas relações de poder presentes nas práticas sociais. Raffestin (1993), elucida alguns axiomas da organização territorial, apontando diferentes formas de representação do território, articuladas pelos interesses dos atores que atuam nesse processo e criam comunicações e divisões. Segundo ele esses axiomas são:

Toda superfície é passível de ser ‘tecida em malhas’;[...] Esse sistema de malhas não é único; [...]Pode-se estabelecer ao menos um caminho entre dois pontos dessa superfície;[...] Esse caminho não é único; [...] Entre três pontos dessa superfície, pode-se estabelecer ao menos uma rede (RAFFESTIN, 1993, p. 149).

As ações desses atores e suas relações de poder, acabam por construir malhas nas superfícies do sistema territorial, que podem ser representados através dos nós da rede, promovendo assim diferentes práticas espaciais e conseqüentemente compreensão desse sistema.

A rede acaba por permitir, na atualidade, uma generalização que domina um modo de pensar, pensar em rede, incluindo nesse pensamento, as possibilidades de ligação de diversos elementos. Esta define também passagem, ligação, transportes,

fluxos. A visão em rede leva as pessoas a pensarem que tudo pode ter conexão, sofrer uma mudança, ser passagem, entre outros aspectos, se tornando mais que a própria rede, considerando as possíveis conexões.

Conforme Musso:

Em seu ser, ela é uma estrutura de interconexão instável; em sua dinâmica, ela é uma estrutura de interconexão instável e transitória; e em sua relação com um sistema complexo, ela é uma estrutura escondida cuja dinâmica supõe-se explicar o funcionamento do sistema visível (MUSSO apud SANTANA 2006, p. 44).

Assim, compreender a dinâmica que envolve o conceito de rede remete ao fato de que é preciso analisar o processo reconstrução do espaço com base nas relações sociais que se materializam ao longo da história humana. Os estudos geográficos devem considerar a rede como um conceito central, baseado no entendimento de que os mesmos devem analisar a relação entre sistemas de objetos e de ações estabelecidos nas redes. Expressar o movimento das pessoas é uma característica fundamental da rede, considerando-a como uma produção social. Ao longo do tempo a rede, estruturalmente, pode mudar, exemplificando as redes sociais, que na atualidade tem se configurado como um ponto central na relação das pessoas.

A rede urbana, em particular, merece destaque para a compreensão do estudo em questão e tem despertado o interesse de vários pesquisadores no sentido de explicar a organização espacial brasileira. A rede urbana apresenta-se como nós, nas diferentes localidades cada uma com uma função urbana específica e seu estudo explica a relação entre elas.

## 2.1 Rede Urbana

O estudo da rede urbana dentro da ciência geográfica é importante, uma vez que a urbanização se constitui como a forma de organização espacial que contempla mudanças sociais significativas. Cabe salientar que o conceito de rede urbana também não é recente, bem como seu estudo, considerando que esta estabelece relações materiais e imateriais desde seu surgimento.

Segundo Corrêa (1989) a urbanização é significativa para a sociedade, sobretudo a partir do século XIX e como consequência desse processo as redes urbanas têm se apresentado como meio de articulação entre diferentes regiões, que produz, circula e realiza de maneira efetiva o consumo.

Para um melhor entendimento do que consiste o tema rede urbana, faz-se necessário rever dentro das abordagens geográficas as diferentes visões, e como de uma maneira ou de outras essas vias se completam. Para Corrêa, as vias que os geógrafos utilizam são diferenciadas dentro das abordagens, sobre o tema.

As mais importantes dizem respeito à diferenciação das cidades em termos de funções, dimensões básicas de variação, relações entre tamanho demográfico e desenvolvimento, hierarquia urbana e relações entre cidades e região. Estas vias não são necessariamente excludentes entre si, interpenetrando-se, mutuamente, de diferentes modos (CORRÊA, 2006, p. 17).

O autor chama a atenção para a falta de explicitação da noção do termo em alguns trabalhos, e que esses estudos não são exclusividade da Geografia, assim como os estudos sobre rede.

Os estudos sobre a rede urbana, buscam dentro da literatura as discussões que contemplem o tema, assim concluem que alguns autores desenvolviam estudos sobre a organização dos centros urbanos, assim como o funcionamento dos mesmos desde o século XVIII na Europa

Corrêa (2006) destaca importantes estudos que tratam da diferenciação das cidades, considerando as funções. Exemplo disso, é a proposta de “Auroseau”, no ano de 1921, que classifica as cidades em “oito tipos, de acordo com a função dominante: cidade de administração, defesa, cultura, produção, coleta, transferência, distribuição e recreação (CORRÊA, 2006, p. 17).

No entanto o trabalho de Christaller merece destaque em vários estudos sobre a rede urbana, (BEAJEU-GARNIER 1980; CORRÊA 1989, 2006; SANTOS 1981), através da busca de comprovação, das críticas e ainda aqueles que procuram aplicá-la, mas de forma crítica, considerando as especificidades de cada época. Influenciou estudos institucionais no Brasil sobre a temática, como é o caso do REGIC 2007 (BRASIL, 2008).

A Teoria das Localidades Centrais, publicada por Christaller em 1933, teve como objeto de estudos as pequenas cidades da Alemanha Meridional, se tornou fundamental nos estudos da rede urbana. Segundo Beajeu- Garnier:

Pode ser considerada como a base de uma literatura, não só ilustrativa e concreta, como metodológica e conceptual. Há bem poucos trabalhos sobre as cidades, a organização do espaço, o comércio que não se lhe referiam explícita ou implicitamente. Foi revista ou adaptada por muitos autores e foi objecto [sic] de volumes completos de referências bibliográficas. É necessário dizer que é uma das raras teorias fundamentais e que constitui uma base de referência, ao mesmo tempo útil e cômoda a todo estudo respeitante à análise do espaço (BEAJEU-GARNIER 1980, p.369).

A autora explica o funcionamento da Teoria das Localidades Centrais, chamando atenção para o caráter dedutivo da teoria, em que as cidades são organizadas no espaço, com base no oferecimento de bens e serviços a um conjunto de uma população, configurando dessa forma o lugar central. E que apesar das explicações, e da aplicabilidade não encontra na realidade da maioria dos lugares exemplos concretos do modelo e chama a atenção para um olhar crítico em relação a teoria.

A complexidade das atividades do comércio determinaria a posição do lugar central dentro da hierarquia urbana, as regiões complementares resultariam, portanto, do funcionamento das cidades e a organização se daria pela importância de cada cidade.

Segundo Corrêa (1989) as cidades, dentro da Teoria das Localidades Centrais, apresentam funções centrais, uma vez que com maior ou menor grau distribuem bens e serviços para uma população externa, e essa localidade assume uma posição central.

Santos (1981) considera a teoria das localidades centrais, uma sistematização da análise das relações entre os diferentes lugares da rede urbana, numa perspectiva simplista dessas relações. Segundo o autor o modelo é:

Demasiado rígido e simplista, esta noção de hierarquia precisa ser matizada, especialmente no que diz respeito aos países subdesenvolvidos, ainda que alguns dentre eles tenham conhecido no passado uma organização hierárquica comparável, e, mesmo, às vezes, superior à dos países industrializados, no que se refere ao conceito de harmonia hierárquica (SANTOS, 1981, p. 143).

Silva e Silva (1989) no entanto admitem a contribuição da Teoria das localidades centrais no entendimento da organização espacial através das atividades setoriais econômicas. Para eles a teoria:

Permite uma eficiente base para a análise da hierarquia urbana, das relações entre centros urbanos e regiões, dos mecanismos de difusão de inovações com elevada abrangência social e espacial e dos problemas e perspectivas de desenvolvimento regional em um contexto nacional e internacional [...] buscava um abrangente quadro explicativo para a estrutura e funcionamento de um sistema urbano tendo como objetivo a maximização da distribuição espacial dos bens e serviços (SILVA; SILVA, 1989, p. 195).

A teoria das localidades centrais, consiste num modelo formal abstrato, mas que dentro dos estudos da rede urbana tem seu valor, no entanto se limita à lógica funcional das redes urbanas apenas como suporte espacial do mercado. As relações

entre os lugares, por mais que sejam influenciadas por essa lógica mercantil, vai além disso, algo não previsto por Christaller.

Rochefort (1998) define os conceitos de rede e hierarquia urbana através de critérios que classificam as cidades com base na disponibilidade, complexidade e raridade dos equipamentos e serviços, com base nas dinâmicas urbanas da Alsácia, que segundo o autor se distribui entre duas redes urbanas. As cidades apesar das funções terciárias que as tornam centros de atividades, é preciso que se observe que estas: “não são organismos independentes e isolados uns dos outros” (ROCHEFORT, 1998, p. 19). Vai além da teoria das localidades centrais no sentido de acrescentar conteúdos sociais e econômicos aos estudos sobre a rede urbana e prioriza a relação cidade – região.

Existindo dessa forma, uma distribuição dos serviços segundo a natureza, em diferentes cidades, e a organização do espaço se dá pela quantidade de centros que serão necessários para o oferecimento de diferentes serviços para atender a população.

Segundo Rochefort:

O estudo dessa realidade repousa, por conseguinte, em primeiro lugar, na análise dos tipos de centros de serviços e de suas respectivas zonas de influência, apresentando-os nas suas relações recíprocas, e depois na organização do espaço que daí resulta do duplo ponto de vista da localização dos diferentes centros e da divisão do espaço em zonas organizadas.

Nessa ótica, é possível cingir-se ao estudo de uma ‘região’ [...] espaço delimitado pela influência de uma grande cidade, dotada de uma gama suficiente de serviços para que os habitantes da zona possam evitar qualquer recurso generalizado a outra cidade mais importante e mais bem equipada do que ela. Essa ‘metrópole regional’ organiza a vida econômica e social de sua região quer diretamente, em decorrência dos serviços que só ela possui nessa porção do espaço, quer indiretamente, quando ela encerra o nível de controle de serviços hierarquizados cujos relés se acham distribuídos em outras cidades modestas, situados no interior da região (ROCHEFORT, 1998, p. 19).

Assim o autor concebia que o estudo de uma região, poderia incluir a mesma estrutura da rede urbana, tendo uma cidade mais importante, a qual ele classifica como metrópole regional, articulando-se através de circuitos econômicos e políticos com as demais cidades. Assim a rede urbana seria “a organização dos centros urbanos e suas zonas de influência no interior de uma região controlada por um centro regional” (ROCHEFORT, 1998, p. 20).

George (1983), dedicou-se aos estudos relacionados à rede urbana, mais especificamente à francesa no contexto da geografia econômica. O autor não identifica a cidade como “uma realidade geográfica autônoma” (GEORGE, 1983, p.

205), para ele aspectos que vão direcionar os estudos, são econômicos e sociais, diferenciação de formas de organização entre outros.

Segundo o autor:

As concentrações resultantes de toda a evolução econômica provocada pela revolução industrial acabaram reunindo nas cidades mais importantes certos mecanismos essenciais da vida regional. Os centros locais perderam com isso, a possibilidade de iniciativa, mas conservam a sua autonomia em certos domínios restritos e servem de mecanismos intermediários para o resto. Assim constituem-se e evoluem redes urbanas que são verdadeira armação de cada região (GEORGE, 1983, p. 205- 206).

O autor fez um esboço do que seriam redes urbanas, chamando a atenção para que não se confunda hierarquia urbana com rede urbana, que segundo o autor as relações existentes é que determinam a existência desta. Para ele:

Para que haja rede urbana, é preciso que existam diversas relações que estabeleçam ligações funcionais permanentes não só entre os elementos urbanos da rede, mas também entre estes e o meio rural. Frequentemente essas relações são relações de domínio ou de subordinação que se situam, pois, no plano da hierarquização das funções urbanas. Mas relações de caráter complementar também não são excluídas (GEORGE, 1983, p. 229).

Santos (1993), trabalha com a rede urbana numa perspectiva de que “cada cidade é diferente da outra, não importa seu tamanho” (SANTOS, 1993, p.53), assim concebe que a rede urbana torna-se “cada vez mais diferenciada, cada vez mais complexificada, cada cidade e seu campo respondem por relações específicas, próprias às condições novas da realização da vida econômica e social” (SANTOS, 1993, p.53). Apresenta-se, portanto, uma nova característica da rede urbana, a de ser complexa e diferenciada, sobretudo no que tange a diversidade de formas para inserção das cidades na divisão territorial do trabalho, considerado que cada uma participa de uma maneira, seja nos processos de produção, circulação, distribuição e consumo. Diferente da teoria das localidades centrais que dentro da lógica capitalista promove-se uma valorização em relação aos centros melhores localizados, tendo em vista a maximização do lucro, com a redução de custos.

George e Santos são referências no estudo de Geiger (1963) sobre rede urbana brasileira, discute a definição de cidade bem como a categorização das cidades com base em aspectos relacionados as funções, a paisagem e estrutura urbana, analisa o crescimento do número de cidades com o desmembramento de vilas e a elevação à cidade, e nem sempre há um crescimento significativo com essas emancipações. O autor reflete sobre a rede urbana brasileira e mostra diferentes tipos de classificação das cidades, entre eles a categoria de cidades, segundo suas próprias palavras:

A distribuição geográfica dos núcleos urbanos brasileiros permite uma outra classificação do espaço brasileiro, segundo categorias de cidades: as grandes cidades, os centros industriais, os grandes centros comerciais, médios e pequenos centros de comércio ativo das regiões agrícolas, os centros administrativos, as cidades decadentes e os centros de áreas estagnadas ou pouco desenvolvidas e, finalmente, a grande massa dos pequeninos centros, de função administrativa ou comercial estritamente local (GEIGER, 1963, p. 43).

No seu trabalho o autor aponta a diferenciação de alguns núcleos com base nos aspectos estruturais, bem como as fases de relações que marcam alguns aspectos da estrutura funcional do país. O mesmo considera que: “Não há uma rede única, uma rede nacional: em algumas regiões, esboçam-se redes urbanas, noutras elas mal se definem” (GEIGER, 1963, p. 100). O autor ainda destaca o papel da rodovia para a evolução da rede urbana, o que para alguns não se configura como elemento importante, Geiger afirma que “existe a influência direta, pela valorização das cidades atravessadas pela estrada (Idem, p. 110).

Para Corrêa (2001), a rede urbana no Brasil, se transforma profundamente a partir da década de 1970 e o determinante dessas transformações são as mudanças na organização socioespacial, destacando a desconcentração espacial das indústrias, bem como a diversificação e especialização das atividades, a modernização e industrialização do campo, sobretudo a agroindústria; a ampliação das técnicas, principalmente as ligadas aos transportes e às comunicações, que diversificou as interações espaciais; a incorporação de novos espaços ao processo produtivo global e a refuncionalização de outros, destacando especializações regionais das atividades; as mudanças no comportamento populacional relacionadas à mobilidade espacial; o aumento da urbanização e uma complexa estratificação social, que gera divisões sociais, aumento da classe média e conseqüente aumento do consumo.

Partindo dessa perspectiva se vê a importância do estudo sobre rede urbana para a Geografia, principalmente no Brasil. Apesar de alguns pesquisadores afirmarem que esse conceito caiu em desuso, como conseqüência da globalização, Corrêa (2006) afirma que esse assunto está longe de ser esgotado, apesar dos vários estudos realizados. Segundo o autor chama a atenção para o engessamento da teoria das localidades centrais:

Entendemos por rede urbana, numa definição mínima e inicial, o conjunto de centros urbanos funcionalmente articulados entre si. Neste sentido, não aceitamos a tese, apoiada em uma concepção idealista e normativa, da existência de rede urbana modelada segundo o padrão christalleriano ou a regra da ordem-tamanho de cidades (CORRÊA, 2006, p.16).

Ainda de acordo o autor os estudos relacionados à hierarquia das cidades são os mais tradicionais entre os estudos sobre redes urbanas, em que se dedicam alguns estudiosos, são derivados de questionamentos “sobre o número, tamanho e distribuição das cidades e, implicitamente, sobre a natureza da diferenciação entre elas.” (CORRÊA, 1989, p. 20).

Esse interesse relaciona-se, principalmente, a criação de mercados consumidores, assim o processo de diferenciação das cidades aumenta, incluindo a hierarquização urbana, que resulta em ações desiguais por parte dos capitalistas e do Estado em relação às cidades. A hierarquia se daria em função dos serviços e equipamentos oferecidos, da necessidade ou não de cada um deles em uma determinada região.

Matos e Braga (2005) caracterizam a evolução da Rede de Localidades Centrais do Brasil durante a segunda metade do século XX, no sentido de trabalhar com a totalidade do espaço nacional, enfocando a dinâmica dos municípios e buscando compreender a formação e a articulação atual do espaço em rede, além de conferir importância aos aspectos demográficos.

Segundo os mesmos:

As transformações no espaço, entretanto, não se restringiam somente ao interior das cidades, posto que a crescente mobilidade populacional e a necessidade do escoamento da produção impulsionaram grandes investimentos nas vias de ligação entre as aglomerações. Surgia, assim, uma das expressões espaciais mais característica da sociedade moderna: a rede urbana (MATOS, BRAGA, 2005. p. 02).

Ao transformar o espaço, percebe-se que houve mudanças na distribuição populacional, na infraestrutura socioeconômica e das atividades produtivas, fenômeno que acarreta variadas e novas formas no espaço geográfico reflexos na organização espacial e para a população. Assim, é preciso definir ações capazes de combater as desigualdades, decorrentes desses avanços.

Segundo Santana (2006), atualmente as relações entre o que seriam as localidades centrais não se dão por hierarquia direta em um único país, mas pelo conjunto de relações sociais e econômicas que ultrapassam as fronteiras, as áreas de influência e seus desdobramentos em territórios seguirão a conformação relativa à rede e a escala em que a análise está sendo feita.

Corrêa (1989) se contrapõe a não existência de rede urbana nos países subdesenvolvidos, e elenca as condições para que as mesmas possam existir:

Primeiramente haver uma economia de mercado com uma produção que é negociada por outra que não é produzida local ou regionalmente. Esta condição tem como pressuposto um grau mínimo de divisão territorial do trabalho. Em segundo lugar verificar-se a existência de pontos fixos no território onde os negócios acima referidos são realizados, ainda que com certa periodicidade e não de modo contínuo. Tais pontos tendem a concentrar outras atividades vinculadas a esses negócios, inclusive aquelas de controle político administrativo e ideológico, transformando-se assim em núcleos de povoamento dotados, mas não exclusivamente, de atividades diferentes daquelas da produção agropecuária e do extrativismo vegetal: comércio, serviços e atividades de produção industrial. A terceira condição refere-se ao fato da existência de um mínimo de articulação entre os núcleos [...] articulação que se verifica no âmbito da circulação, etapa necessária para que a produção exportada e importada realize-se plenamente, atingindo os mercados consumidores (CORRÊA, 1989, p. 6 – 7).

Dessa forma é possível inferir que diferentes sociedades que possuem tais características apresentam uma rede, independentemente de sua localização. A rede urbana é formada por centros urbanos de diferentes dimensões e suas relações dinâmicas, que se inter-relacionam ao longo do tempo.

Para entender a rede urbana é preciso considerar uma dada região e as cidades que a formam, algumas vão ter um papel econômico importante, influenciado por diversos fatores; e outras ao serem inseridas nessa região, reforçarão a importância da primeira, no sentido de serem influenciadas de certa maneira e em alguns aspectos pelos maiores centros.

De acordo Bessa:

Essas mudanças determinam os novos modos de inserção das cidades na rede urbana, porquanto alteram os seus aspectos estruturais, a saber: os dimensionais, os funcionais e os espaciais. Nesse novo contexto, interessa questionar que novas formas a rede urbana brasileira assume, em sua totalidade ou em seus segmentos particulares, e, igualmente importante, cabe indagar o que há de novo nas redes urbanas reatualizadas, salientando, inclusive, o caráter mutável dessa rede (BESSA, 2005, p. 269).

É necessário saber quais papéis serão desempenhados pelas cidades de uma dada região, identificando, portanto, as relações interurbanas, para determinar como as cidades estão inseridas na rede, uma vez que seus aspectos estruturais podem ser alterados ou modificados. O questionamento sobre as novas formas de rede urbana, sobretudo no Brasil é importante devido à sua extensão e as mudanças sofridas, principalmente, quando se pensa no processo de globalização em que as cidades, independente do seu tamanho, estão inseridas.

Para Moura e Werneck:

O progresso técnico e as formas atuais de realização da vida econômica, cada vez mais, tornam as redes globais. A hierarquia urbana se inscreve num contexto econômico internacional que transforma a natureza das relações

entre cidades. Esse processo de mundialização não implica que deixe de existir uma estrutura hierarquizada de relações e articulações entre os diversos centros dentro do território nacional, mas torna essas relações cada vez mais mediatizadas por novos determinantes, muitas vezes externos (MOURA E WERNECK, 2001, p. 27).

Mas para, além disso, ainda se veem materializadas relações dentro de uma determinada região, facilitadas principalmente pela localização geográfica das cidades.

Entende-se sempre que essas redes não são estáticas, as mobilidades dos fluxos vão ocorrer sempre ao se fazerem necessários. Para Corrêa (2006), os determinantes externos podem traçar diferentes redes, privilegiado de uma maneira ou de outra, determinados centros urbanos. A implantação das atividades promotoras da diferenciação espacial compreende uma lógica que inclui o desvendamento das motivações dos diversos agentes sociais, bem como o entendimento dos conflitos de interesses entre eles e suas aparentes soluções.

Ribeiro referenda essa ideia ao afirmar:

Em uma economia capitalista, pela estratégia geral de maximização de lucros, os investimentos do setor privado orientam-se, preferencialmente, para as localizações que ofereçam perspectivas de uma rentabilidade maior, ou seja, para aquelas que, por possuírem condições de produção mais desenvolvidas, permitem uma maior redução dos custos de operação (RIBEIRO, 2000, p. 92).

Nesse contexto, leva-se a crer que a distribuição das atividades econômicas, segue uma estrutura pensada, ao se instalar num determinado lugar, a escolha vai obedecer a fatores que maximizam os lucros e de certa forma vão atender a um grupo de pessoas selecionadas. Os responsáveis pela instalação de alguns empreendimentos, numa determinada cidade, fazem pesquisas, para verificar a viabilidade e rentabilidade de seus negócios, bem como o público consumidor, que para além de um contingente interno, podem ser somados os consumidores das cidades vizinhas.

Segundo Egler:

A cidade em si pode ser considerada como um sistema que integra um sistema ou uma rede de cidades cujo papel é essencial na estruturação e organização do espaço geográfico. As aglomerações urbanas mantêm e reforçam laços de interdependências entre si e entre elas e as regiões que elas polarizam dentro de um dado território. A expressão de rede urbana é mais usada para evocar os fluxos que existem entre os pontos desse território (EGLER, 2001. p. 28).

Apesar dos avanços tecnológicos, sociais, políticos e econômicos, que resultariam em uma maior autonomia das cidades é possível perceber a presença das relações regionais. Dada a importância dessas relações para manutenção do desenvolvimento de localidades, percebe-se uma exclusão de determinados espaços que não se beneficiaram das inovações articuladoras do território.

Ferreira afirma:

A informatização tornou o território e a sociedade articulada e funcional, mas desarticulado quanto ao comando local das ações que nele se exercem. Essa adequação estreita a distância e o tempo para que a reprodução do capital nacional e internacional aconteça. E, por meio da recorrente concentração de renda, infraestrutura e poder político-econômico, apenas algumas parcelas do espaço e da sociedade usufruem dessas inovações. Temos então, a formação de uma sociedade urbana que cria e fortalece a rede urbana sob diferentes níveis de intensidade, provocando diferentes transformações em sua forma e em seu conteúdo (FERREIRA, 2008, p. 535).

Partindo dessa constatação, deve-se considerar que as funções desempenhadas por essas parcelas do espaço, levam a concentração de bens e serviços, tornando as cidades importantes nós na rede urbana e exercendo influência em seu entorno.

Corrêa (1989, 1997, 2006) propõe dois tipos de redes urbanas. As redes dendríticas, formas mais simples de redes urbanas, caracterizada pela sua origem colonial, em que a criação de uma cidade é bem planejada estrategicamente, e é localizada de maneira a atender uma futura hinterlândia, ou seja a cidade primaz que seria aquela “ localizada excentricamente à hinterlândia [...] antecede geneticamente a ocupação da área à retaguarda e a criação de outros centros da rede, tornando-se a porta de entrada e saída de sua hinterlândia” (CORRÊA, 2006, p. 39), onde está presente um maior número de atividades comerciais; concentrando dessa forma a maior renda. Esse tipo de rede ainda apresenta outra característica básica que é a existência de numerosos centros de pequeno porte e pequenos pontos de venda diferentes nas atividades relacionadas ao comércio varejista. Essa organização espacial privilegia em parte a cidade primaz, devido à inexistência de centros intermediários.

As redes complexas apresentam um intrincado padrão em relação à localização de centros; e resulta de um longo e variado processo de criação e recriação de atividades produtiva, dando origem dessa forma a um grande número de centros comerciais, cada um com um padrão locacional próprio.

Para Corrêa (1989) a rede urbana, apresenta-se, simultaneamente, como condição e efeito para a existência da divisão territorial do trabalho. É condição, desde sua origem, quando a própria divisão entre o trabalho manual e o intelectual, marca a espacialização da relação campo-cidade mediante o controle do campo pela cidade, e que com o desenvolvimento do capitalismo se fortalece, via transformação industrial, e a cidade torna-se locus da produção. E efeito, uma vez que as vantagens locacionais, produzem hierarquia urbana e uma especialização funcional, conseqüentemente define-se variados tipos de centros urbanos.

A divisão territorial do trabalho atribui a alguns centros urbanos um papel privilegiado na organização do espaço, tanto territorial quanto funcional, dando-lhes condições a especializações, visando dessa forma uma maior concentração de capital, mensagens, valores, circulação de mercadorias e pessoas.

Na rede urbana existem condições para o desenvolvimento da divisão territorial do trabalho, em que cada cidade, independentemente do tamanho apresenta características e peculiaridades em relação as atividades desenvolvidas, sobretudo no que se refere a economia. É preciso pois entender essa dinâmica, o que para Corrêa (2006) seria um dos motivos para explicar o grande número de cidades pequenas.

No REGIC 2007 (BRASIL, 2008) são utilizadas diferentes variáveis para a compreensão da rede urbana brasileira, como a introdução de novas tecnologias e suas conseqüências na região. Segundo o referido documento:

Na conformação da rede urbana, coexistem redes hierárquicas e redes não-hierárquicas. A gestão – pública e empresarial – mantém relações de controle e comando entre centros urbanos, propagando decisões, definindo relações e destinando investimentos. As cidades, contudo, mantêm também relações horizontais, de complementaridade, que podem ser definidas pela especialização produtiva, pela divisão funcional de atividades, e pela oferta diferencial de serviços (BRASIL, 2008, p. 09).

As cidades foram classificadas em cinco grandes níveis, e subdivididos em dois ou três subníveis, considerando: “a função de gestão do território, avaliando níveis de centralidade do Poder Executivo e do Judiciário no nível federal, e de centralidade empresarial, bem como a presença de diferentes equipamentos e serviços” (BRASIL, 2008, p.10).

A inserção no período técnico-científico-informacional, e as mudanças no território criam condições para que as cidades se equipem, com diferentes funções e infraestrutura. Com a expansão do meio técnico-científico-informacional amplia-se o

processo de urbanização e as transformações proporcionadas pelos meios de circulação, gerando, dessa forma, novas possibilidades e diversificação de fluxos que definem a importância de cada cidade.

A rede urbana é mais articulada e com centros funcionalmente diferenciados entre si. Assim é possível constatar que as cidades não mais estabelecem fluxos que possam caracterizar um padrão imutável de hierarquia, dando lugar a uma rede de articulação muito mais intensa e complexa. Reconhecer o papel de cada cidade e suas regiões, bem como identificar as novas funções e as relações oriundas desse processo, sobretudo relações cidade-região e relações interurbanas, é muito importante.

Para Corrêa:

A cidade, e por extensão a rede urbana, por menor que seja, apresenta formas dotadas de grande fixidez e, por isso mesmo, apresentando uma relativamente grande capacidade de refuncionalização. Por meio desta e da continuidade do processo de criação de novas funções e suas correspondentes formas – próprio das formações espaciais capitalistas – a cidade e a rede urbana reatualizam-se, possibilitando a coexistência de formas e funções novas e velhas (CORRÊA, 2000, p. 125).

A rede urbana brasileira é formada, em sua maior parte, por cidades médias e pequenas, que tem suscitado pesquisas e estudos na atualidade, devido à importância dessas cidades, tanto em aspectos políticos, quanto em aspectos econômicos para a organização do espaço regional.

A desigual integração da rede urbana brasileira, que foi ampliadamente ratificada nos últimos 20 anos, revela claramente os resultados de um processo de desenvolvimento capitalista que, longe de gerar uma tendência à homogeneização social e da organização espacial, acentua as diferenças entre os diversos segmentos da rede urbana brasileira, revelando, através da rede urbana, uma efetiva integração de parte da população ao sistema social e, simultaneamente, uma menor integração, senão exclusão, de parcela importante da população (CORRÊA, 1994 p.298).

Merece destaque uma característica que marca o processo de reestruturação da rede urbana, as novas formas de inserção das cidades, independentemente do tamanho.

Cabe ainda registrar os mais diversificados trabalhos na atualidade que abordam a dinâmica da rede urbana brasileira nos mais diferentes aspectos organizacionais.

Alvim (2009) contemplou as discussões de rede urbana na sua tese que, analisou a rede urbana de Minas Gerais, a partir dos fluxos migratórios em dois períodos distintos 1986-1991 E 1995-2000. Segundo a pesquisadora:

A caracterização da rede é feita a partir da análise da hierarquia de cidades conforme seu grau de chegada, ou seja, conforme seu alcance e principalmente a partir das trocas populacionais entre os pares de municípios. As trocas ocorrem em direções variadas, mas nota-se um padrão, além disso, ocorrem também com intensidades diferentes (ALVIM, 2009, p. 17).

Porto (2014) estudou a evolução da rede de localidades centrais na Bahia nos séculos XIX e XX, referenciado teoricamente e metodologicamente na Geografia Histórica. A rede urbana, segundo o mesmo, “pode ser estudada sob diferentes ângulos. No entanto, privilegiamos discuti-la sobretudo em três aspectos: a descrição de seu processo de consolidação, a dimensão hierárquica das localidades e a situação da capital baiana no transcurso dos séculos XIX e XX (PORTO, 2014, p. 35).

Silveira (2015), na sua dissertação de mestrado em Arquitetura e Urbanismo, procurou compreender a função e a posição das pequenas cidades na rede urbana regional, bem como os delineamentos das relações entre elas. A autora salienta:

Mas a rede urbana não é composta apenas por grandes e vultosos nós; ela abriga também pequenos e numerosos segmentos que, ainda que pouco explorados nas produções científicas acerca do planejamento urbano e da rede urbana, ocupam grande porção do território nacional, e, como os demais, desempenham determinada função dentro da rede de cidades (SILVEIRA, 2015, p. 33).

Percebe-se que os estudos contemplam, a rede urbana como uma estrutura do espaço, em que diferentes fenômenos podem ser analisados a partir do seu estudo e como isso repercute nas cidades. Considerar a relevância das questões sobre as cidades, remete à necessidade de uma redefinição da própria noção de cidade e de sua classificação.

### 3 A CIDADE E SEUS DESDOBRAMENTOS

A cidade pode ser descrita de várias formas, um aglomerado de edificações ou ainda de pessoas. Entretanto, esses seriam modos simplistas de conceber o que vem a ser uma cidade, pois nesta se estabelecem relações, tanto comerciais, quanto interpessoais e de trabalho e entre diferentes lugares, ou seja, a cidade é a “expressão de processos sociais” e “reflete as características da sociedade” (CORRÊA, 1997, p. 121).

Discutir o tema cidade é importante uma vez que é nela onde se vive a maioria da população e que se investe mais o capital. Considerando esses aspectos, é nela que as relações sociais ocorrem com maior intensidade.

Assim como os conceitos de rede e rede urbana, é tratado em diversos estudos, de diferentes campos do conhecimento.

Segundo Corrêa:

Trata-se de um tema que é extremamente caro aos diversos estudiosos da sociedade, historiadores, sociólogos, economistas, antropólogos, urbanistas e geógrafos, entre outros [...] interessa também aos planejadores políticos e àqueles que detêm alguma fração do capital, seja ele financeiro, industrial, comercial, fundiário ou imobiliário. Interessa a todos os habitantes da cidade (CORRÊA, 1995, p. 5).

A ciência geográfica estuda, discute e analisa os vários aspectos que estão relacionados ao conceito de cidade, indo muito além dos estudos feitos pelas outras áreas que também se interessam pelo referido conceito.

Segundo Beaujeu-Garnier:

Indo ao encontro dos historiadores, dos sociólogos, dos economistas, os geógrafos caracterizaram as funções e procuram a origem e o fundamento do desenvolvimento urbano, o que os levou a interrogarem-se sobre o papel regional das cidades, sobre a existência de redes ou armaduras em que se apoiam os núcleos urbanos, mantendo em si, em certos casos, relações mais ou menos hierarquizadas. A cidade torna-se então, uma das principais preocupações da disciplina geográfica (BEAUJEU-GARNIER, 1980, p. 16 – 17).

Paulatinamente, novos aspectos vão sendo incluídos na análise da cidade, uma vez que se trata de um espaço dinâmico. E a relação com outras cidades faz parte do rol desses estudos.

Corrêa (1995) analisa a cidade na ótica capitalista e elenca os agentes sociais responsáveis pela produção do espaço urbano, que segundo ele é:

Fragmentado, articulado, reflexo, condicionante social, cheio de símbolos e campo de lutas – é um produto social, resultado das ações acumuladas através do tempo, e engendrados por agentes que produzem e consomem espaço [...] (a) os proprietários dos meios de produção, sobretudo os grandes

industriais; (b) os proprietários fundiários; (c) os promotores imobiliários; (d) o Estado; e (e) os grupos sociais excluídos (CORRÊA, 1995, p. 11 - 12).

Os interesses econômicos estão presentes na organização da cidade, empresas buscam lugares com vantagens para a reprodução do capital investido, algumas cidades se tornam atrativas para novos investimentos. Percebe-se que os interesses econômicos estão presentes na organização da cidade.

E, “não é por acaso que a concentração do capital se encontra nas cidades” (BEAUJEU-GARNIER, 1980, p. 16 – 17), assim é na cidade onde estão as atividades ligadas a circulação e a valorização do capital, as indústrias e o comércio apresentam características peculiares para sua multiplicação.

O objetivo da produção da cidade é a reprodução do capital social, ou seja, o investimento aplicado num determinado empreendimento até a geração de lucro, uma vez que o urbano incorpora a lógica da reprodução do mercado, reafirmando dessa maneira, a propriedade privada, como forma do mercado estabelecido entre as pessoas e o mundo dos objetos.

Braga e Carvalho assim definem cidade:

A cidade pode ser entendida como a intervenção mais radical do homem na paisagem. Pode ser compreendida como a síntese da civilização, cujo modo de vida permeia não apenas sua estrutura, mas toda a sua região de influência, moldando um mundo urbano além das suas fronteiras. A cidade é o lugar onde o homem pode desenvolver melhor as suas faculdades intelectuais, dada a coexistência plural de grupos sociais; sendo assim, um lugar onde se pode exercitar de forma ampliada a escolha de um modo de vida mais diverso e, conseqüentemente, a liberdade (BRAGA; CARVALHO, 2004, p. 105).

Pode-se dizer que dialeticamente, a cidade é produto e condição para a reprodução de relações sociais. Estruturada de forma a abrigar diferentes manifestações das relações sócio-econômicas, da desigualdade no acesso aos meios e de trabalho, que são frutos de determinantes históricos. Assim, “quanto mais intensa a divisão do trabalho numa área, tanto mais cidades surgem e tanto mais diferentes são umas das outras” (SANTOS, 1993, p. 52).

As cidades possuem características bem diferenciadas em relação ao seu tamanho; classificando-as, de acordo institutos, como cidades pequenas, médias, grandes e metrópoles. Em relação ao tamanho das cidades, considerando os critérios do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ou mesmo em relação a funcionalidade, é possível notar a existência de uma grande quantidade de cidades pequenas, comparando ao número de cidades médias e assim sucessivamente.

Outro aspecto importante e merece destaque são as funções exercidas por cada uma: elas podem desenvolver atividades ligadas aos setores agrícolas, industriais, comerciais e de serviços, entre outras, fazendo com que as cidades não se isolem, e mantenham relações entre si, especialmente econômicas. E essas relações econômicas criam laços de interdependência entre as cidades. Há uma lógica na organização e distribuição geográfica das cidades e as mesmas desempenham funções diferenciadas e complementares dentro de um determinado sistema urbano. As cidades, como se conhecem na atualidade são frutos de um processo histórico, político e cultural.

Pode-se entender que a cidade, mais especificamente a brasileira, é eivada de processos contraditórios, uma vez que modernização e urbanização surgiram como contraponto ao pensamento de desenvolvimento social. Tal contradição aparece nos mais diferentes campos de estudo e aponta para uma modernização ocorrida de maneira bem diversificada e para apenas uma parte pequena da sociedade brasileira.

### 3.1 Cidades pequenas e médias

Verifica-se um processo complexo ao se tentar classificar uma cidade quanto a sua posição na rede urbana, considerando que vários aspectos precisam ser levados em conta; perpassando pelas condições sociais, dimensões políticas, entre outros.

O critério instituído pelo IBGE (BRASIL, 2010) considerando como variável, o número dos habitantes, classificando as cidades como grande, média e pequena: cidades com até 100 mil habitantes são classificadas como pequenas; acima de 100 mil até 500 mil habitantes são dadas como médias, e aquelas que têm mais de 500 mil habitantes são classificadas como grandes cidades. Para o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) uma cidade pequena é aquela que tem uma população de até 50 mil habitantes.

Dos 5.570 municípios brasileiros 88,1% possuem no máximo 50.000 mil habitantes (Tabela 1), conforme estimativa do IBGE (2017). Destarte, considerando os dados apresentados em relação à população dos municípios brasileiros, os critérios do IBGE e do IPEA, conclui-se que as cidades, como “sede de município” (SPOSITO, 2008, p.16), são, em maioria, pequenas.

Tabela 1 – Número de municípios por macrorregiões do Brasil.

Região	Municípios com até 50.000 habitantes	%	Municípios com mais de 50.000 habitantes	%	Total	%
Centro-Oeste	425	7,6	42	0,8	467	8,4
Nordeste	1.608	28,9	186	3,3	1.794	32,2
Norte	378	6,8	72	1,3	450	8,0
Sudeste	1.412	25,3	256	4,6	1.668	30
Sul	1.084	19,5	107	1,9	1.191	21,4
<b>Total</b>	<b>4.907</b>	<b>88,1</b>	<b>663</b>	<b>11,9</b>	<b>5.570</b>	<b>100</b>

Fonte: IBGE - População Estimada, 2017. Dados organizados pela autora, 2018.

É importante considerar que a classificação de uma cidade, como pequena, média ou grande, segundo o número de habitantes, não é o suficiente para se compreender o papel da desta dentro da dinâmica regional ou mesmo nacional, mas a função desempenhada por ela, além de se considerar outros aspectos.

Há uma dificuldade metodológica para criar critérios que melhor caracterizem cidades enquanto médias ou pequenas, é preciso pensar em aspectos geográficos, históricos e culturais entre outros, levado em consideração a formação multicultural do país. O papel dessa discussão não é determinar como se consideram como cidades médias ou pequenas, mas entender as relações entre si e a importância dessas relações para a determinação da rede urbano-regional.

Nesse sentido Silveira argumenta:

Há uma incontestável necessidade de se pensar no todo formado pela rede de cidades, cada qual com sua área de influência, e na relação entre as cidades, suas trocas, as trocas com o campo e com os grandes centros, mas especial e primordialmente, a rede regional ou microrregional e o entorno imediato de conexões (SILVEIRA, 2015, p. 37).

Neste contexto as cidades médias e pequenas assumem uma importância dentro da rede urbana. Uma vez que a rede urbana, é formada por diferentes nós, as cidades, cada qual ao seu modo, vão desempenhar uma função dentro da dinâmica espacial da rede de cidades.

Na cidade capitalista, independentemente do tamanho, percebe-se a desigualdade do espaço urbano, apresentando ritmos e natureza diferenciados, com elementos complexos e que podem mudar o espaço urbano. Por ser um produto social é construído a partir da atuação dos agentes sociais.

Alves e Diniz consideram:

Muito embora, tenha implícita uma noção de dimensão populacional há, contudo, diversos critérios necessários para uma definição mais completa sobre o conceito de cidade média. Ao critério demográfico, devem-se somar

aspectos como nível de funcionalidade urbana, especialização ou diversificação das atividades econômicas, natureza, intensidade e periodicidade das relações espaciais, o papel como centros de gestão do território e o arranjo espacial das hinterlândias que comandam, assim como deve-se examinar a gênese e a evolução do contexto sócio-espacial, no qual estão inseridas essas cidades (ALVES; DINIZ, 2008, p. 81).

Para compreender e conceituar a cidade enquanto média é preciso analisar variáveis importantes, considerando ainda as particularidades, complexidade e dinâmica de cada cidade, na rede urbana, o que a torna única, independente do seu tamanho. Assim o pesquisador dentro da sua perspectiva de estudo pode conceber tal classificação.

No caso das cidades médias alguns fatores devem ser levados em consideração quando se pretende compreender os seus estudos.

Segundo Corrêa:

A combinação de características que, ressalta-se, deve ser contextualizada geograficamente. Isto significa afirmar que na construção de um objeto de estudo qualificado como cidade média, é necessário que não se considere isoladamente [...] tamanho demográfico, funções urbanas e organização do espaço intra-urbano, mas uma particular combinação (CORRÊA, 2007, p.25).

Branco (2006) discute a importância da cidade média, tendo em vista o crescimento populacional de algumas e conseqüentemente o aumento do número de cidades consideradas médias, e como elas se articulam nos diferentes contextos, regional, nacional e global. Analisa ainda as políticas e programas governamentais que influenciaram no desenvolvimento de algumas cidades, consideradas médias. Chama a atenção para o desafio de definir o que é uma cidade média ou intermediária como a autora propõe. “As definições de cidades médias e de seu papel na rede urbana constitui uma problemática relevante no âmbito da geografia urbana” (BRANCO, 2006, p. 246).

Segundo a autora:

A definição de cidades médias não se vincula apenas à classificação por porte populacional. Relaciona-se também as suas funções e, principalmente, ao papel que desempenham na rede urbana regional, nacional e internacional. Os esforços, nesse sentido, no Brasil, datam da década de 1970, quando da elaboração das políticas e programas que visavam à difusão do processo de desenvolvimento, com base nos nós da rede urbana, com destaque para cidades médias [...] Essas políticas, materializadas no II PND e explicitadas no Programa de Porte Médio<sup>2</sup>, além do tamanho populacional consideravam, principalmente, a centralidade, a hierarquia urbana, a

---

<sup>2</sup> “Programa organizado em escala nacional pelo poder Federal, representado pela Comissão Nacional de Política Urbana do Ministério do Planejamento entre 1974 e 1978 e pela Comissão Nacional de Desenvolvimento Urbano do Ministério do Interior após 1978” (ROCHEFORT, 1998, p. 96).

extensão física, as características funcionais e as de tamanho econômico (BRANCO, 2006, p. 246)

O que se percebe é que o Plano Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (II PND), cujo objetivo foi fortalecer o papel das cidades médias no Brasil, agindo tanto no plano interurbano, quanto no intraurbano. Houve, portanto, por parte do poder público uma intervenção na definição do papel das cidades médias, visando o desenvolvimento regional.

Rocheffort (1998), também analisa essa ação estatal na década de setenta do século XX. O autor considera a implantação desse programa, apresentado por ele como o programa das cidades médias, criado com o objetivo de frear o crescimento das grandes cidades no Brasil e conseqüentemente o agravamento dos problemas ligados a esse crescimento, bem como buscar a interiorização do desenvolvimento. O programa visou “dar a algumas delas condições de desenvolvimento lhes permitindo desempenhar em quatro setores um papel mais importante no conjunto do sistema urbano brasileiro” (ROCHEFORT, 1998, p. 95). Esperava-se uma maior eficácia aos investimentos do poder público.

Há, portanto, uma participação da política na definição de algumas cidades consideradas como médias, estabelecidas a partir de critérios bem definidos, inicialmente levou em consideração o número de habitantes, a quantidade de cidades que participaria do programa no interior do país, localização, eixos de transportes, dinâmica interna dos agentes públicos entre outros.

Sposito et al (2007) caracterizam as cidades médias, afirmando que a classificação das mesmas, “pelo enfoque funcional, sempre esteve associada à definição de seus papéis regionais e ao potencial de comunicação e articulação proporcionado por suas situações geográficas” (SPOSITO, et al, 2007, p. 48).

Esse processo de estruturação dos fluxos é definido pelo consumo. As autoras vão mais adiante nessa afirmação:

[...] o contexto de relações de cada cidade média, [...] se trata ao menos em dois níveis: pelo mercado regional, considerando-se a distância máxima a partir da qual os consumidores estejam dispostos a se deslocar para ter acesso a bens e serviços mais qualificados do que em centros urbanos menores e áreas rurais compreendidas nesse subespaço de relações; pela teia de relações com espaços urbanos de maior importância e/ou outros de mesma importância, potencializada pela situação geográfica de uma cidade média, segundo as facilidades para a drenagem da produção regional e para abastecimento pela entrada de mercadorias, sobretudo industriais, produzidas em outros subespaços, na escala nacional ou internacional” (SPOSITO, et. al., 2007, p. 48).

A importância das cidades médias pode ser estabelecida com base nas possibilidades que surgem com mudanças estruturais. Os custos de transporte são um bom exemplo disso, além de fazer com que as cidades médias desempenhem o papel de polos, pois oferecem bens e serviços para os moradores das cidades menores. Um fator importante para esse acesso é a questão da proximidade entre as cidades associada à melhoria dos transportes.

Amorim Filho (2007) fez histórico bem abrangente dos estudos sobre cidades médias e enfatiza que após os resultados, o tema passa a ser de interesse para diversos pesquisadores, nos seus variados trabalhos, além do uso na promoção de políticas públicas voltadas para as cidades. No entanto o autor chama a atenção no sentido de apontar que os vários estudos têm sido realizados a respeito das cidades médias e estão relacionados a questões como: à hierarquização urbana e econômica, redes e funções, também os atributos positivos e problemas das cidades médias. Entretanto poucos discutem os aspectos geográficos dessas cidades, relacionados “a organização morfológico funcional de seu espaço intraurbano” (AMORIM FILHO, 2007, p. 82), que o mesmo considera importante.

Segundo Sposito (2007), existem as cidades regionais que geralmente são cidades médias e desempenham papéis regionais, associando-se a uma determinada região ou até mesmo comandando-a, pressupondo dessa forma relações diretas com cidades pequenas e a atribuição de diferentes funções entre as mesmas.

Diante do exposto é possível perceber a importância das cidades médias na organização espacial de uma dada parcela do território, uma vez que estas cidades acabam por definir a dinâmica regional, articulando-se com cidades pequenas, funcionalmente interdependentes, formando uma rede urbana, além de se configurarem como importantes nós na rede urbana brasileira.

Portanto, “em toda parte as pequenas cidades são numerosas. As formulações teóricas ratificam esta constatação” (CORRÊA, 2006, p. 258), percebe-se que a rede urbana brasileira é formada essencialmente por cidades pequenas, onde se estabelecem relações com as cidades médias e grandes. É preciso portanto entender a interação dessas cidades dentro da rede urbana.

Endlich (2009) reforça a importância das pequenas cidades. Para a autora, elas estão intrinsicamente ligadas à rede urbana. Uma única cidade grande apresenta uma extrema complexidade em seu entendimento, por outro lado a pequena cidade

também se torna complexa, uma vez que para entender a dinâmica de uma pequena cidade, é preciso uma compreensão acerca do todo onde a mesma está inserida, de como são suas relações com as demais cidades vizinhas e com a região.

Segundo a autora:

O olhar para as pequenas cidades não está isolado do restante da rede urbana. Ao contrário, procura-se compreender as dinâmicas dessas localidades em interação, em movimento, consoante à apreensão de uma realidade que considere os demais centros urbanos e os fluxos humanos existentes entre eles [...] É preciso observar o que ocorre em diversos núcleos, ou seja, no conjunto da rede urbana brasileira (ENDLICH, 2009, p. 27).

As cidades pequenas podem surgir como fruto de planejamento, com o objetivo de ocupação e a valorização de dadas áreas do país, resultando segundo Corrêa, (2006) no florescimento de uma rede urbana, composta por muitas cidades pequenas, as quais o autor se refere como pequenos centros, e que a globalização impacta o urbano, às vezes criando novos centros ou promovendo alterações “funcionais” ou “refuncionalização”, nos centros que existiam.

Segundo Corrêa:

A globalização, que se manifesta de diferentes modos em razão de suas demandas e de suas contradições, e por intermédio de diversos agentes, e não exclusivamente das grandes corporações, cria novos núcleos urbanas em áreas que passam a integrar o espaço globalizado (CORRÊA, 2006, p. 263).

Dessa forma, é possível refletir sobre as novas configurações espaciais, em que as cidades pequenas começam a serem incorporadas dentro da rede urbana, considerando a produção e o consumo, base do modo de produção hegemônico. Destarte as cidades pequenas são núcleos gerados a partir dessa perspectiva capitalista globalizada, lhes conferindo funções dentro da hierarquia urbana. Essas cidades se relacionam com outras cidades de diferentes tamanhos e não necessariamente próximas, além das relações que extrapolam os limites do país.

Nessa perspectiva, Santos (2008 a), pensa sobre a cidade, como “uma ponte entre o local e o global”, visando atender diferentes necessidades e consequentemente as relações criadas dentro dessa dimensão espacial. Para ele a cidade local, a cidade pequena, deve ser pensada como uma aglomeração que atende minimamente as necessidades vitais de sua população, implicando portanto nas relações.

A forma como as mercadorias e os serviços são oferecidos às cidades pequenas pelas cidades médias permite uma melhor compreensão das relações que se dão entre essas localidades, pois dentro da rede urbana regional diferentes aspectos ligados a funcionalidade podem ser observados.

Nogueira e Calixto abordam essa discussão, pela perspectiva da interdependência:

É notável a relação de interdependência entre as cidades médias e as cidades pequenas, em que as primeiras assumem a oferta de serviços urbanos mais especializados, lazer, dentre outros. Já as cidades pequenas se estruturam como lugares predominantemente destinados a moradia e a atender algumas necessidades básicas. (NOGUEIRA E CALIXTO, 2015, p. 69).

Nesse sentido, quando se pensa nas cidades pequenas é possível compreender essa estrutura, observando os serviços e o comércio das mesmas. Daí surge a necessidade de buscar mercadorias e serviços não oferecidos ou encontrados, nelas mesmas, conseqüentemente vão buscar naquelas que exercem diferentes funções, daí as relações são melhores compreendidas dentro de uma rede urbana regional.

Essa interação entre as cidades, determina a formação de redes regionais, como é o caso da rede da cidade de Vitória da Conquista, que através de diferentes agentes, fornece a sua área de influência, formada por cidades pequenas, diferentes produtos e serviços, podendo assim classificá-la como cidade média. A cidade, ocupa uma expressiva centralidade no contexto da rede urbana brasileira, e se destaca por oferecer vários serviços do setor terciário, destaque para o comércio, serviços de saúde e educacionais.

### 3.2 Setor terciário: importância e caracterização

O setor terciário assume dentro do contexto capitalista atual, uma importância cada vez maior, ocupa um papel essencial no crescimento econômico, bem como promove ganhos sociais. Como definir o setor terciário? Em linhas gerais é o setor da economia produtor dos chamados bens imateriais, além de consolidar as atividades dos demais setores da economia, estabelecendo ainda, a destinação, através do comércio, da produção.

Almas e Longuinhos fazem uma discussão sobre a definição e classificação para o setor terciário e partem de Fischer, conforme os mesmos:

Fischer introduziu o termo 'terciário para designar as atividades que não se encaixavam nos tradicionais setores agrícola e industrial. Dando continuidade a uma metodologia usada na Austrália e Nova Zelândia, que chamava de 'Primário' e 'Secundário' as atividades agropecuárias e manufatureiras, respectivamente. O autor percebeu que havia um terceiro grupo de atividades econômicas além das tradicionalmente analisadas pelos economistas (ALMAS; LONGUINHOS, 2011, p. 2).

A abrangência dessa definição é muito grande e leva a pensar em vários seguimentos, as quais pode-se destacar: o comércio propriamente dito, nas inúmeras nuances que se apresentam; turismo; atividades de lazer; educação; hospitais e clínicas médicas; bancos; transportes; consultoria, entre tantos outros. Portanto "representa a maior parte da composição setorial das economias desenvolvidas e em desenvolvimento " (ALMAS; LONGUINHOS, 2011, p.3).

O que se discute é justamente a importância do setor terciário para a economia, considerando essas atividades como essenciais para geração de emprego e renda.

Segundo Pereira:

A experiência internacional mostra que o nível de renda per capita de uma economia está intimamente ligado ao tamanho do seu setor de serviços. Em economias desenvolvidas, com renda per capita elevada, o tamanho deste setor é maior, tanto no que se refere à sua participação no emprego quanto no produto destas economias (PEREIRA, 2014, p.19).

Observa-se que o crescimento da importância econômica do setor terciário, pode ser fruto de uma diversidade de atividades que influenciam na dinâmica da cidade.

Uma característica marcante no setor terciário é a diferença entre o oferecimento da mão de obra, se por um lado são absorvidos profissionais com um padrão de formação para atuar em áreas, como educação, saúde entre outros, é possível perceber que mesmo nessas áreas ou em outras, como comércio por exemplo, podem ser supridas com profissionais com baixo padrão de qualificação.

Essa contraposição quanto a qualificação dos envolvidos nas atividades terciárias, remete a ideia dos circuitos inferior e superior da economia urbana dos países subdesenvolvidos propostos por Santos (2008 b), diferenciados basicamente pela modernização tecnológica e organização. Enquanto no circuito superior as atividades estão ligadas à tecnologia avançada, ao comércio varejista moderno e a capital abundante, contrariamente, "o circuito inferior, formado de atividades de

pequena dimensão e interessado principalmente às populações mais pobres. (SANTOS, 2008 b, p. 22).

O setor terciário apresenta um potencial em formar redes regionais, em função da sua ação, que pode se produzir e reproduzir novas configurações espaciais. O espaço geográfico é pensado a partir dos fixos e dos fluxos, característicos do momento atual, e das relações sociais que se estabelecem. Em que a dinâmica desse espaço é capaz de fazer com haja uma articulação entre o um espaço determinado e outros espaços.

As relações reticulares que se estabelecem com base no setor terciário de Vitória da Conquista, são formadas por tramas dinâmicas e complexas, e envolve pessoas que participam buscando o consumo e a reprodução do capital. Os atores sociais envolvidos nesse processo apresentam-se de maneira diferenciada.

Esses elementos podem ser percebidos na cidade de Vitória da Conquista, que hoje oferece variados serviços do setor terciário, mais especificamente: comércio, serviços médicos e educacionais.

### 3.3 A cidade média de Vitória da Conquista

A cidade de Vitória da Conquista é sede do município, está situada a sudeste do Estado da Bahia, localizada à 14° 50'19" Latitude Sul e 44° 50'19" de longitude W. GR., apresenta uma altitude média de 921 metros em relação ao nível do mar, distando, em linha reta, 313 km e a 512 km por rodovia, da cidade de Salvador, capital do estado (Mapa 1).

A cidade encontra-se numa posição de entroncamento rodoviário, lhe conferindo portanto, uma posição regional privilegiada, em que se articula com o Estado e outras regiões do país.

Assim sua localização influi favoravelmente em seu desenvolvimento econômico, possibilitando à cidade assumir um importante papel de eixo de circulação, devido à facilidade que esta posição proporciona como ponto de contato dessa região com o litoral, no deslocamento de pessoas e mercadorias.

Segundo Aguiar (1999), Vitória da Conquista, desde a sua origem se constituiu como uma cidade de encruzilhada, localizada na Região, atualmente conhecida como

Território de Identidade do Sudoeste Baiano<sup>3</sup>, que no passado se chamava Sertão da Ressaca<sup>4</sup>, principalmente por sua situação privilegiada, a meio caminho entre o litoral (Ilhéus-BA) e o rio São Francisco (Bom Jesus da Lapa-BA.), por onde passavam boiadas e onde os vaqueiros pousavam para descansar das longas viagens pelo sertão, na condução de gado bovino para venda em Salvador e Recôncavo da Bahia. Teve o seu processo civilizatório iniciado no século XVIII. A economia do Sertão de Ressaca, inicialmente, e do município de Vitória da Conquista, em seguida, teve como base econômica, a criação extensiva de gado bovino e a agricultura de subsistência.

#### Segundo Ferraz:

Em meados do século XVIII, o Sertão da Ressaca, onde hoje, entre outros municípios, está localizado Vitória da Conquista, passou por uma profunda transformação. Até então, a região era povoada por tribos numerosas, sem a presença de colonizadores, embora representasse uma área estratégica para domínio do território pela Coroa portuguesa, por facilitar a ligação entre o sertão e o litoral (FERRAZ, 2009, p. 41).

A autora também discute como se deu a ocupação e a formação da área urbana da cidade entre o final do século XIX e início do século XX, destacando o papel da cidade, na sua origem e ressalta a importância desse momento histórico, para desdobramentos futuros:

Desde o período inicial de ocupação, portanto em razão do objetivo de ligar mais facilmente o sertão e o litoral e da necessidade de escoamento da produção de gado, surgiram as primeiras estradas que fazem a ligação de Vitória da Conquista com outras localidades. Este fenômeno se tornou um importante fator para a consolidação de redes num momento posterior (FERRAZ, 2009, p. 43-44).

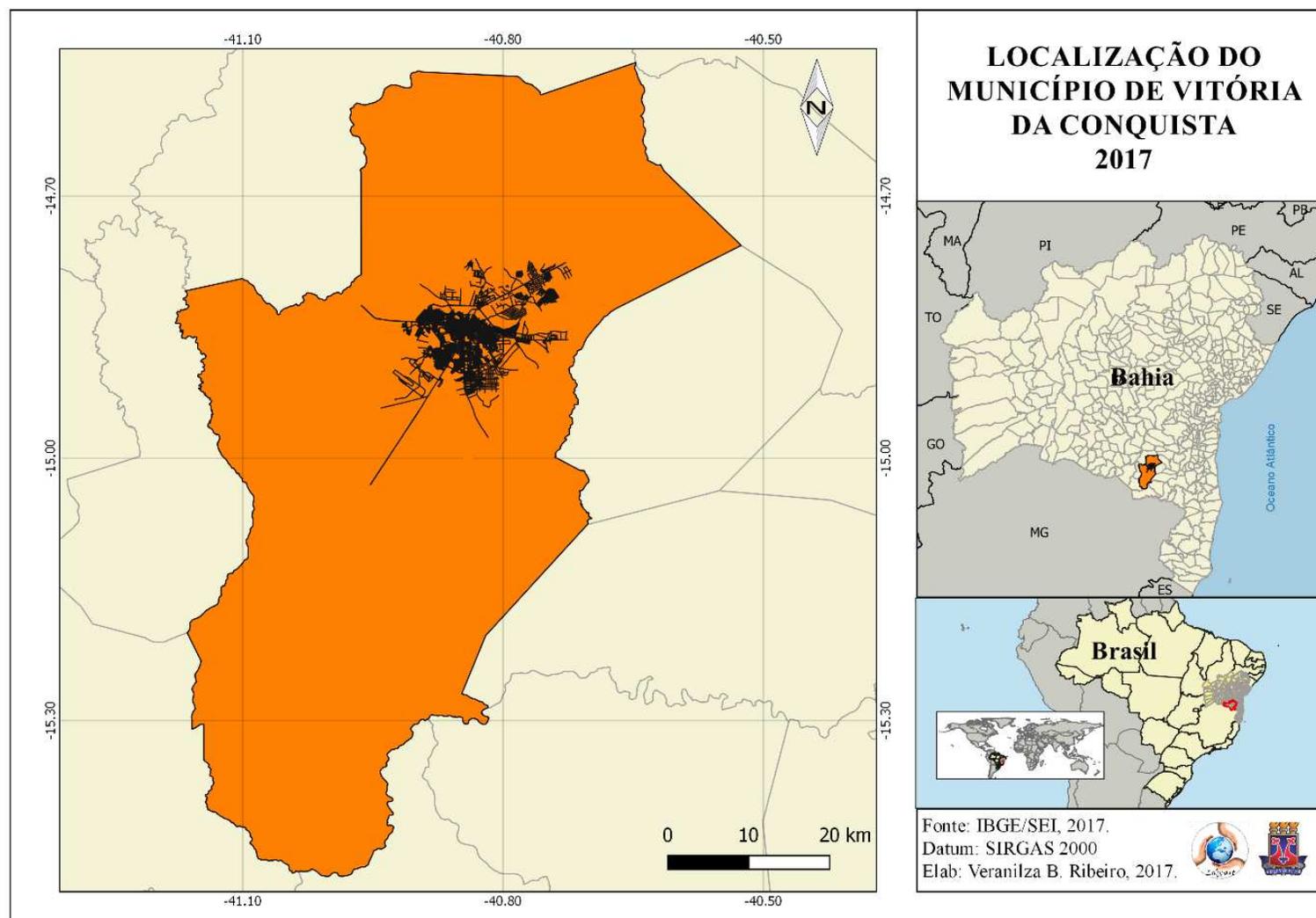
Vitória da Conquista esteve interligada: a leste com Ilhéus; ao sul com a região de mineração do estado de Minas Gerais; a oeste com o rio São Francisco e ao nordeste com Cachoeira e Salvador.

---

<sup>3</sup> A Regionalização Territórios de Identidade foi adotada pela Secretaria de Planejamento do Estado da Bahia (Seplan) através da Lei nº 10.705, de 14 de novembro de 2007, quando lançou o Plano Plurianual 2008-2011, e contava à época com 26 Territórios de Identidade que abarcavam os 417 municípios. Desde então, atendendo os objetivos do governo estadual e às necessidades dos municípios baianos sofreu ajustes e atualmente está consolidada conforme Lei nº 13.468, de 29 de dezembro de 2015, que aprova o Plano Plurianual 2016-2019, contando com 27 Regiões. (SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA, SEI).

<sup>4</sup> O Sertão da Ressaca é uma denominação que se faz presente nos documentos que abordam o processo de ocupação e povoamento do interior da Bahia, compreendendo genericamente, uma área de transição geográfica entre o litoral e a caatinga estruturada em torno do atual município de Vitória da Conquista - Bahia. (MENDES E ALMEIDA, 2008, p. 01)

Mapa 1 - Localização do município de Vitória da Conquista - 2017



Fonte: IBGE/SEI 2017, elaborado no Projeto cartográfico, 2017 pela autora.

É hoje cruzada no sentido norte-sul pela BR-116 (Rio-Bahia) e Leste-Oeste pelas rodovias estaduais BA-415 (Ilhéus/Conquista) e BA-262 (Conquista/Brumado).

Em relação às rodovias que hoje são consideradas importantes para cidade como fator de expansão da cidade, Passos relata:

As rodovias propriamente ditas surgiram nos tempos recentes: o primeiro registro data do ano de 1926, quando um grupo de fazendeiros associa-se para abrir uma rodovia para Jequié (direção norte), então próspero e mais rico centro urbano do “sudoeste baiano” (IBGE, 1958:48). Mas é na década de 1940 que a construção de estradas dá um grande impulso à cidade de Vitória da Conquista, favorecendo o sistema de articulação espacial, em escala nacional, a partir da construção da Rodovia Rio—Bahia. Em escala regional, durante a Interventoria de Landulfo Alves, foi construída a Rodovia Estadual Ilhéus-Bom Jesus da Lapa, rodovia importante para V.C.A. pois, ao cruzar esta cidade, permite-lhe estender (e consolidar) suas relações com as cidades situadas tanto em direção oriental como, principalmente, com às situadas na direção ocidental. (PASSOS, 1995 p. 69).

Apesar dos outros fatores a abertura de estradas foi importante para o crescimento de Vitória da Conquista. São atribuídas a essas rodovias uma importância grande para o desenvolvimento da cidade, elas são na visão de alguns estudiosos o “principal responsável por sua decolagem a partir da década de 1940, quando daí em diante se projetará efetivamente enquanto ‘cabeça’ de uma região urbana” (PASSOS, 1995, p. 72).

Santos (1981) também atribui importância à estrada para crescimento demográfico, e o desenvolvimento da cidade. Segundo ele:

O crescimento demográfico resulta da implantação de novas formas de produção, de consumo, ou de distribuição [...] pela circulação das estradas de rodagem para o Sudeste (S. Paulo), para o Nordeste (Bahia e Recife), pelo desenvolvimento de Vitória da Conquista, onde se multiplicaram as garagens, as oficinas de automóveis etc (SANTOS, 1981, p. 15).

Ao se considerar as rodovias presentes no território da cidade, como elementos centrais da economia conquistense, é preciso ter em mente que elas são importantes, mas fazem parte de algo muito mais amplo na organização social e espacial da cidade.

Assim concorda-se com Santos quando afirma:

As rodovias, por si mesmas, não podem explicar o crescimento de uma cidade como Vitória da Conquista, porque, caso contrário, serão desconsiderados os elementos muito mais relevantes para a discussão e que são a própria essência de tais rodovias, enquanto materialidade puramente técnica (SANTOS, 2016, p. 39).

É o terceiro maior contingente populacional do Estado da Bahia, ou seja, 260.260 habitantes, cerca de 84,81% da população do município de Vitória da

Conquista, vive na cidade. E ao longo história apresentou um crescimento populacional considerável, cujas maiores taxas segundo Santos (2016) “foram verificadas até a década de 1970, ainda que, em termos de incremento (dados absolutos), os períodos compreendidos entre 1980 – 1991 e 2000 – 2010, sejam aqueles que correspondem aos volumes mais significativos” (SANTOS 2016, p. 33).

A cidade de Vitória da Conquista, apresenta uma expressiva centralidade. A posição geográfica da cidade influenciou no seu desenvolvimento, assim como a organização espacial de sua hinterlândia. A cidade exerce um papel central na oferta e demanda de serviços administrativos, de saúde, de educação e aqueles referentes ao comércio, beneficiando não apenas a população local, mas também uma população estimada de 2.121.638, da sua área de influência segundo o REGIC 2007 (BRASIL, 2008).

Concorda-se com Abreu, que é preciso considerar e analisar não somente aspectos demográficos, mas também:

O intenso processo de urbanização evidenciado, principalmente após a década de 1970, com o “boom” da cafeicultura, atrelado à dinamização do comércio e serviços, devido à intensificação do capital comercial na cidade, especialmente a partir da metade dos anos 1980, que associados às políticas governamentais, sobretudo o II PND, do qual a cidade fez parte, atraindo um fluxo migratório, especificamente a classe média, fizeram com que o espaço urbano conquistense se expandisse espacialmente. Isso favoreceu o domínio do capital imobiliário e comercial, criando novas áreas com características centrais, que dinamizaram a economia citadina. Esse conjunto de fatores associados acabou fazendo com que a cidade em questão se consolidasse, e já vinha demonstrando, a partir do decênio de 1940, como pólo, isto é, como o principal centro regional, acabando por lançar seus “tentáculos” de influência para além de seu Território de Identidade, alcançando também o Território de Itapetinga e o norte do Estado de Minas Gerais. Isso decorre, principalmente, pelo grau de especialização de serviços e atividades produtivas concentradas em seu tecido urbano (ABREU, 2016, p.10).

Com isso, pode se dizer que a rede urbano-regional de Vitória da Conquista, de maneira relativa, evidentemente, conta uma dinâmica social e econômica fundamentada em bens e serviços essenciais destinados, em grande medida, à própria sociedade regional.

Vitória da Conquista é considerada como uma cidade média importante, devido a vários fatores, com destaque para a diversidade de bens e serviços presentes na mesma, o que a constitui como um polo regional, atendendo necessidades da população local e também da regional.

Diante do exposto, é necessário elencar as principais atividades econômicas do setor terciário em vitória da Conquista, constituindo-a como uma cidade média. O

comércio e os serviços evidenciam-se cada vez mais como um grande efetivo, configurando-se como a base da economia da cidade e são em certa medida os principais responsáveis pela atração que a cidade exerce junto às cidades circunvizinhas.

### 3.4 Setor terciário de Vitória da Conquista

O setor terciário é importante para a economia de muitas cidades e não é diferente em Vitória da Conquista, que tem suas atividades econômicas baseadas neste setor.

Conforme dados da Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista (PMVC)<sup>5</sup>: “ O destaque está no setor de serviços, responsável por mais de 70% do PIB do município. O comércio forte e dinâmico e os serviços educacionais e os de saúde contribuem de maneira fundamental para o desenvolvimento desse setor”.

Os dados apresentados pela SEI referentes ao PIB municipal no período entre os anos de 2012 a 2016, corrobora a informação, há uma evolução na participação do setor na economia do município (Tabela 2).

Tabela 2 – PIB Vitória da Conquista - BA, por setores da economia, 2012 - 2016.

Ano	Valor Adicionado (R\$ milhões)			Valor Adicionado APU (R\$ milhões)	Impostos Sobre Produtos (R\$ milhões)	PIB (R\$ milhões)	PIB Per Capita (R\$1,00)
	Agropecuária	Indústria	Serviços (1)				
2012	74,14	651,29	3.077,78	711,15	552,09	4.355,30	13.487,66
2013	76,51	702,25	3.594,15	786,80	620,46	4993,37	14.807,70
2014	90,65	782,92	3.885,45	865,23	626,00	5.385,01	15.829,01
2015	111,19	787,94	4.186,91	963,18	674,09	5.760,13	16.782,13
2016	211,39	897,52	4.490,55	1.022,69	726,70	6.226,15	17.991,07

Fonte: SEI / IBGE. (1) inclui APU (Administração Pública). Dados sistematizados pela autora.

Como se pode observar na tabela mais de 70% do PIB de Vitória da Conquista é composto pelo valor adicionado advindo do setor de serviços, mostrando-se superior aos demais atividades.

De acordo Sampaio e Gusmão a cidade de Vitória da Conquista:

<sup>5</sup> Dados disponíveis em: <http://www.pmvc.ba.gov.br/economia/>

Funciona, assim, como nó na rede de fluxos de pessoas e mercadorias com destino dentro e fora da região e desempenha o papel de centro de crescimento econômico regional, uma vez que tem como atividade econômica preponderante o setor de comércio e de serviços (SAMPAIO; GUSMÃO, 2010. p. 04).

No que diz respeito à educação, a cidade de Vitória da Conquista, através do ensino superior alcança, de acordo com Gusmão (2009), uma área de influência de aproximadamente 100 municípios baianos, fortalecendo através das redes a configuração geográfica estabelecida na Região Sudoeste pela oferta de ensino superior. Para a autora, quando se trata de educação de nível superior, a cidade desponta como referência em todo o estado.

A cidade hoje conta com várias instituições de ensino superior. Das quais destacam-se as públicas.

A Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)<sup>6</sup>, pioneira na oferta de ensino superior na cidade, UESB (Fotografia 1), funciona como muticampi, tendo campi nas cidades de Itapetinga, Jequié e Vitória da Conquista, sendo o campus de Vitória da Conquista o maior em número de Cursos e onde se concentra as atividades administrativas da universidade.

Fotografia 1 – UESB – Campus de Vitória da Conquista, 2018.



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

---

<sup>6</sup> Dados mais aprofundados, são tratados no próximo capítulo.

A história da UESB começa em 1962, com a criação das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras de Vitória da Conquista e Jequié, mas a implantação da UESB aprovado em 25/08/81, incorporadas as Faculdades de Formação de Professores, a Faculdade de Administração e outras unidades que viessem a ser instituídas e a ela vinculadas.

A Universidade Federal da Bahia – (UFBA)<sup>7</sup>, instituição com mais de dois séculos de história, se instalou na cidade como parte do projeto de uma política de interiorização, visando estabelecer as bases para futuras instituições federais de ensino superior, contemplando a cidade com a instalação de um campus em 2006, o Instituto Multidisciplinar em Saúde, Campus Anísio Teixeira IMS – CAT. (Fotografia 2).

#### Segundo dados da instituição:

A criação do Instituto foi parte de um projeto de interiorização da UFBA, o qual tinha dentre os seus objetivos principais: a ampliação da oferta de vagas no ensino superior público e a promoção da inclusão social de segmentos excluídos da educação superior. Foi criado em 18 de julho de 2005, por efeito da Resolução Nº 02 de 2005 do Conselho Universitário da UFBA, sendo regulamentado ainda pela Portaria Nº 813 do Ministério de Estado da Educação, publicado no DOU nº 165 de 27.08.2007. As suas atividades acadêmicas foram iniciadas em 23 de outubro de 2006, com o funcionamento de 3 cursos de graduação (Enfermagem, Nutrição e Farmácia) (UFBA, 2018).

Somente a partir do segundo semestre de 2009, passou a funcionar integralmente em sede própria. Atualmente oferece sete cursos de graduação e três programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu* e um programa de residência.

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA)<sup>8</sup> - (Fotografia 2), é criado (Lei Federal Nº 11.892) da transformação do antigo Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia (CEFET), que em 1993 que surgiu a partir da Escola Técnica Federal da Bahia, juntamente com o Centro Técnico de Educação Tecnológica da Bahia, apresentando estrutura multicampi, com unidades de ensino em diversas regiões do Estado da Bahia, com sede em Salvador, em 1996 foi implantada em Vitória da Conquista uma Unidade de Ensino Decentralizada.

É equiparado às universidades federais, em relação aos instrumentos regulatórios, avaliação e supervisão. Em 2006 o curso de nível superior foi implantado

---

<sup>7</sup> Informações sistematizadas com base nos dados disponíveis em: <http://www.ims.ufba.br/>.

<sup>8</sup> Informações sistematizadas com bases em dados disponíveis em: <http://portal.ifba.edu.br/menu-institucional/historico> e visita *in loco*.

dentro do programa de interiorização do ensino superior do CEFET e atualmente oferece 05 cursos de graduação.

Ainda sobre o oferecimento de vagas de Ensino Superior, a cidade conta com uma rede privada de faculdades, destacam-se: Faculdade Juvêncio Terra (FJT), Faculdade Independente do Nordeste (FAINOR) - (Fotografia 2) que “ nasceram de experiências iniciais no ensino fundamental e médio, com capital local” (GUSMÃO, 2009, p. 41), Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC) - (Fotografia 2), Faculdade Santo Agostinho – FASA, entre outras, além de possuir polo de inúmeras faculdades com cursos semipresenciais e na modalidade à distância.

A grande quantidade de cursos de graduação e pós-graduação oferecidos na cidade, sejam eles públicos ou privados, contribuem de maneira positiva a qualificação dos profissionais que atuam na cidade e nas demais cidades da sua área de influência, apesar do acesso ser restrito.

O crescimento da educação superior enquanto serviço promove o surgimento de fluxos sociais, culturais e econômicos, e conseqüentemente a necessidade de implantação de fixos, atendendo dessa forma as demandas do setor.

Fotografia 2 - Instituições de Ensino Superior de Vitória da Conquista – BA, 2018.



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

Com base nessas informações, percebe-se que a cidade se destaca no oferecimento de serviços relacionados à educação superior. Consequentemente impacta diretamente e indiretamente.

Outro setor importante e que cresce em Vitória da Conquista, são os serviços relacionados à saúde (Fotografia 3), considerado por muitos como a principal vocação da cidade, tem concentrado diversos serviços e atendimentos médicos da região. Segundo Ferraz:

A oferta de serviços de saúde que se concentram em Vitória da Conquista é muito desigual em relação aos demais municípios da região. Embora as demandas estejam espalhadas no território, é em Vitória da Conquista que se concentram equipamentos e unidades que o qualificam como município-polo de macrorregião de saúde. Tal concentração alimenta o movimento de profissionais, de capital e de moradores tanto do próprio município como daqueles que estão no seu entorno (FERRAZ, 2009, p. 28).

Fotografia 3 - Hospitais e clínicas de Vitória da Conquista - BA, 2018.



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

Ferraz (2009), faz um retrospecto da história dos serviços de saúde na cidade, analisando o papel dos diferentes agentes para o crescimento do setor. De acordo a mesma:

Ao longo de pouco mais de um século, especialmente nas últimas décadas, Vitória da Conquista construiu sua história no setor de saúde, engendrada por um conjunto de decisões tanto individuais como de grupos, da iniciativa privada e também do setor estatal (em suas várias esferas de governo), sofrendo pressões externas e internas, além das influências do processo de incorporação tecnológica. Assim, ao se debruçar sobre essa processualidade, tem-se a imagem viva da rede de relações que cria e recria uma das principais dinâmicas de sustentação do município (FERRAZ, 2009, p. 76).

A cidade conta com uma extensa rede de unidades de atendimento e diferentes equipamentos de saúde, e ainda há uma “intensa incorporação de tecnologia à área de saúde. Hoje existem na cidade vários equipamentos” (FERRAZ, 2009, p. 78). Esses equipamentos atribuem uma complexidade a diferentes clínicas que em sua maioria são privadas. Segundo a autora, no final da década de 1990, inicia-se a política de municipalização da saúde, assim a cidade passa a ser e conhecida regionalmente, como um centro de referência na oferta desse produto. Percebe-se que o setor de saúde apresenta um constante dinamismo.

Segundo dados do IBGE (2009)<sup>9</sup> a cidade conta com um total de 303 estabelecimentos de serviços de saúde, sendo 201 estabelecimentos públicos e 101 estabelecimentos privados, desses 37 atendem ao Sistema Único de Saúde (SUS). De acordo com os dados, a cidade apresenta uma variabilidade de especializações, principalmente nos estabelecimentos privados. Em relação ao número de leitos para internação em estabelecimentos de saúde, há uma diferença grande com 591 privados e 270 públicos. Apesar de serem números oficiais, é possível inferir que o setor da saúde de Vitória da Conquista, cresceu muito. Basta observar o número de novas construções destinadas a esse setor (Fotografia 4).

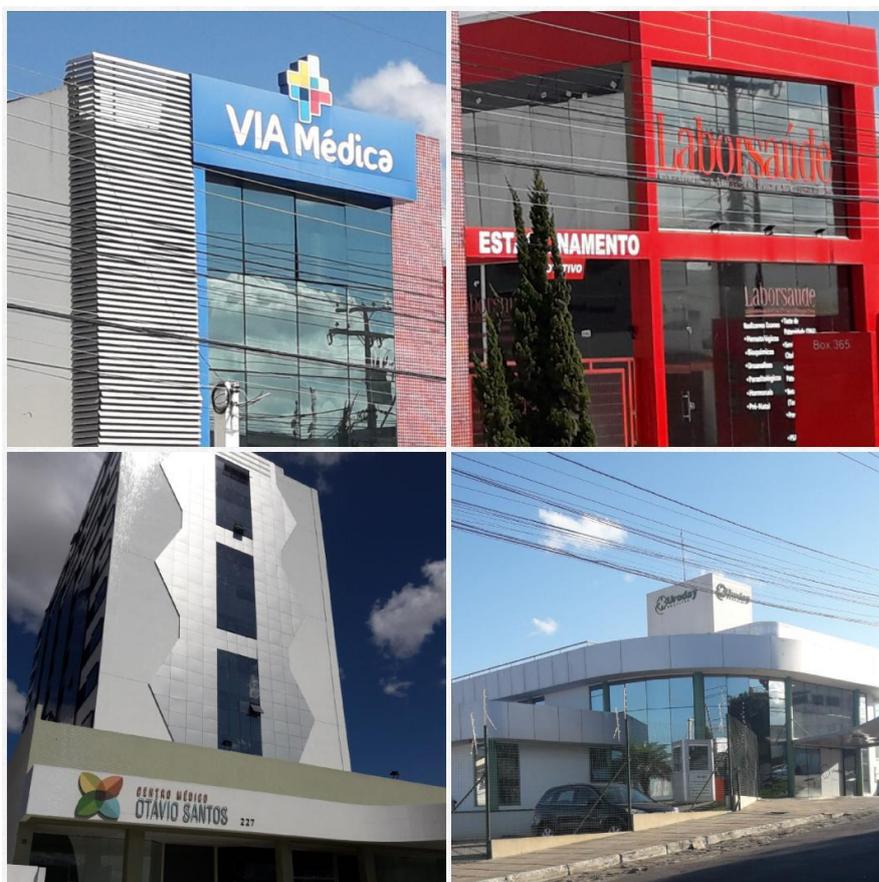
Andando pela cidade, percebe-se o crescimento do número de clínicas populares, que prometem consultas e exames com preços mais atrativos.

Assim o movimento de profissionais, de capital e de pessoas tanto do próprio município e das diversas localidades que se utilizam do serviço é a cada dia mais fortalecido.

---

<sup>9</sup> O IBGE disponibiliza dados referentes aos estabelecimentos de saúde da cidade nos anos de 2005 e 2009, o que se configura como um número desatualizado. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/vitoria-da-conquista/pesquisa/32/28163>. Fonte: IBGE, Assistência Médica Sanitária 2009. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

Fotografia 4 - Novas clínicas de Vitória da Conquista - BA, 2018.

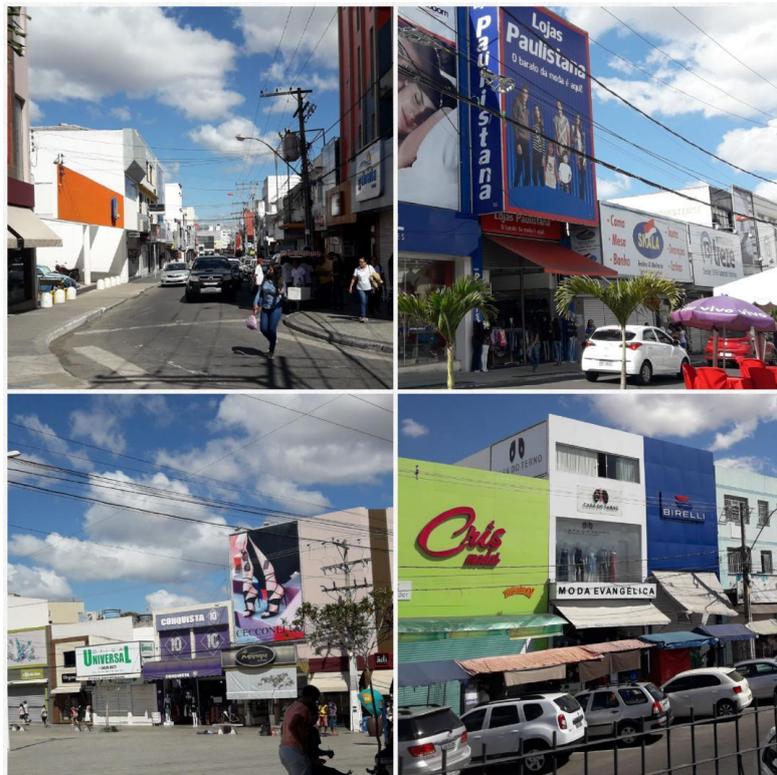


Fonte: Trabalho de campo, 2018.

O comércio de Vitória da Conquista sempre se configurou como um setor expressivo para a economia local, desde o início da urbanização (Fotografia 5). De acordo Silva (2009), no final da década de 1950 e início dos anos de 1960, Vitória da Conquista apresentava um comércio sólido, mostrando sua vocação comercial na região, impulsionado pela posição estratégica, se tornando um entreposto comercial.

O comércio da cidade se destaca, como importante vetor de desenvolvimento. É um comércio bem diversificado (Fotografia 6), em que se pode encontrar quase tudo que se procura, sendo as principais atividades do varejo: vestuário, material de construção, móveis e eletrodomésticos, supermercados, autopeças, concessionárias de veículos, entre outros. O comércio atacadista também contribui de forma significativa nessa dinâmica do consumo, emprego e renda, tendo como principais segmentos: os de alimentos, bebidas, café, insumos agropecuários e madeiras.

Fotografia 5 - Centro comercial de Vitória da Conquista - BA, 2018.



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

Fotografia 6 - Diversidade do comércio de Vitória da Conquista - BA, 2018.



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

Além do centro comercial tradicional, alguns equipamentos comerciais foram estrategicamente instalados, para atender não somente a demanda da cidade, mas também das outras cidades, como é o caso dos atacadões.

Considerando a facilidade de acesso à cidade pela população das pequenas cidades, Vitória da Conquista atrai empreendimentos comerciais de grande porte e de destaque nacional, como o Shopping Center Conquista Sul e o recém inaugurado Boulevard Shopping Vitória da Conquista (Fotografia 7), o Atacadão, o Assaí Atacadista, a Havan, (Fotografia 8), entre tantos outros.

Esses estabelecimentos comerciais introduzem na cidade uma nova dinâmica, e novas configurações espaciais, que influenciam nas relações capitalistas, se considerar que há uma valorização das áreas onde são instalados, atendendo dessa forma o capital especulativo imobiliário.

Fotografia 7 - Shoppings Centers de Vitória da Conquista - BA, 2018.



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

Fotografia 8 - Grandes lojas comerciais de Vitória da Conquista - BA, 2018.



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

Para além das atividades apresentadas, a cidade de Vitória da Conquista, oferece uma gama variada de serviços administrativos, consultoria, bancários, imobiliários, hotelaria, entretenimento que são de alguma forma atingidos pelos serviços apresentados.

Pode-se inferir que a diversificação das atividades ligadas ao setor terciário, materializa-se através dos fixos e dos fluxos, além de reforçar hierarquias urbanas existentes e antigas, criam novas articulações podendo se dar sem serem hierárquicas. É possível verificar em Vitória da Conquista, um crescimento do número e diversificação de atividades terciárias, produzindo dessa forma um fluxo de pessoas, mercadorias, informações, que reforçam a vocação polarizadora das atividades econômicas da referida cidade média.

Os serviços educacionais de ensino superior se destacam, mais especificamente o oferecimento do ensino superior pela UESB campus de Vitória da Conquista, reforçando dessa forma a rede urbano-regional de Vitória da Conquista.

#### **4 A UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA E A FORMAÇÃO DA REDE URBANO REGIONAL DE VITÓRIA DA CONQUISTA**

A cidade de Vitória da Conquista é considerada uma cidade média importante devido a vários fatores. Cabe destacar que o setor terciário da cidade é responsável pela formação de uma rede urbano regional, uma vez que esses serviços atraem pessoas de um grande número de municípios para o consumo na cidade de Vitória da Conquista, consolidando portanto uma área de influência bastante significativa.

Os serviços educacionais de ensino superior da UESB, no campus de Vitória da Conquista da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, reforça essa constatação.

Para compreender a rede urbano regional de Vitória da Conquista, com base nos serviços oferecidos pela universidade, faz-se necessário estudar a rede urbana institucionalizada, no sentido de perceber as particularidades do estudo.

##### **4.1 A Região de Influência da cidade de Vitória da Conquista segundo o REGIC 2007**

O IBGE apresenta uma tradicional linha de pesquisa sobre a rede urbana brasileira. Os estudos se iniciaram em 1966 (publicado em 1972) através de pesquisa de campo, o Estudo Divisão do Brasil em regiões funcionais urbanas tinha como objetivo conhecer os “relacionamentos entre as cidades brasileiras com base na análise dos fluxos de bens e serviços” (BRASIL, 2008).

Para que fosse possível retratar o novo quadro dessa rede e possibilitar comparações intertemporais, novos levantamentos foram feitos, em 1978 (publicado em 1987) e 1993 (publicado em 2000) e resultaram os estudos Regiões de influência das cidades, que contribuíram para a compreensão das diferentes formas de organização espacial da sociedade ao longo do tempo.

Segundo o IBGE:

Os estudos anteriores, que definiram os níveis da hierarquia urbana e estabeleceram a delimitação das regiões de influência das cidades brasileiras, foram realizados pelo IBGE, a partir de questionários que investigaram a intensidade dos fluxos de consumidores em busca de bens e serviços, nos anos de 1966, 1978 e 1993. As classificações resultantes evidenciaram as mudanças na rede urbana ao longo do tempo (BRASIL, 2008, p. 09).

Em 2007, um novo estudo foi realizado e publicado em 2008, no sentido de atualizar o quadro de referência da rede urbana brasileira, constituindo-se como a quarta versão da referida linha de pesquisa. Nesse sentido:

A nova hierarquia dos centros urbanos, bem como a delimitação das regiões de influência associadas a cada um deles, foi construída com base em pesquisa específica, complementada com dados secundários” (BRASIL, 2008, p. 08).

O REGIC 2007 (BRASIL, 2008) estabeleceu inicialmente uma classificação dos centros urbanos, bem como delimitou-se suas áreas de atuação. Para constituir a hierarquia, levou-se em conta a classificação dos centros de gestão do território, a intensidade de relacionamentos e a dimensão da região de influência de cada centro, bem como as diferenciações regionais, resultando na seguinte classificação dos municípios brasileiros: Metrôpoles, subdivididas em: Grande metrópole nacional, metrópole nacional e metrópole; Capitais Regionais por sua vez subdividida e Capital regional A, Capital regional B e Capital regional C; Centros Sub-regionais: Centros Sub-regionais A e Centros Sub-regionais B, Centros de Zona, subdivididos em: Centro de zona A e Centro de zona B e finalmente Centros Locais (Quadro 1).

Segundo o REGIC 2007:

A distribuição dos níveis hierárquicos no território é desigual, confrontando áreas que contam com uma rede urbana estruturada — com a presença de níveis encaixados e situados a intervalos regulares — e áreas onde há ausência de alguns níveis hierárquicos intermediários (BRASIL, 2008, p. 13).

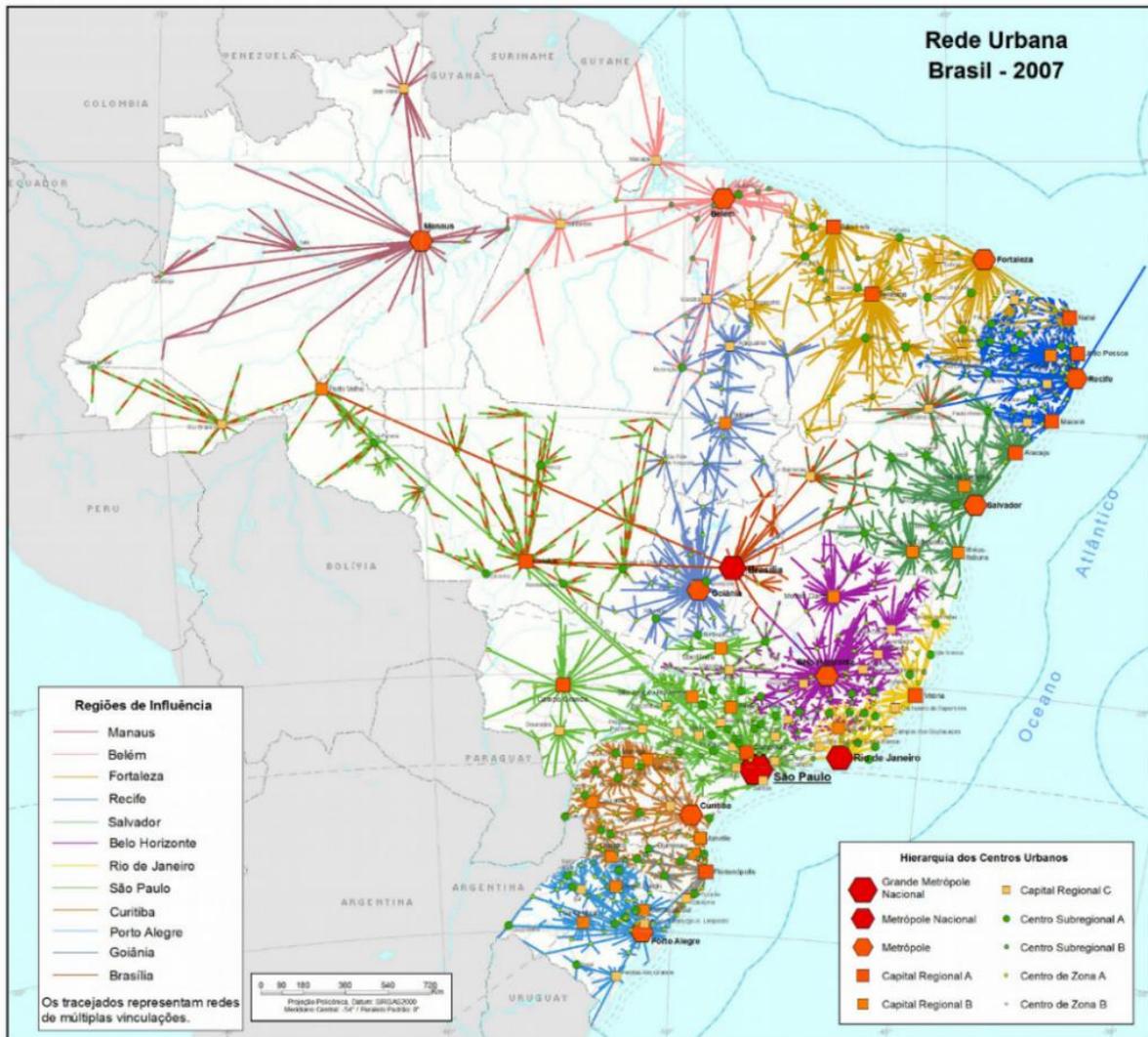
O estudo identifica 12 redes urbanas no território brasileiro (Mapa 2), comandadas pelas metrópoles e se diferenciam entre si, em termos de tamanho, organização e complexidade, além de apresentarem vinculações com mais de um centro, o que resulta em dupla ou tripla inserção na rede.

Quadro 1 - Hierarquia urbana do Brasil – REGIC 2007.

<b>PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS</b>	<b>NÍVEIS</b>	<b>SUBNÍVEIS</b>	<b>QUANTIDADE DE CIDADES</b>
<ul style="list-style-type: none"> <li>— Grande porte e fortes relacionamentos entre si;</li> <li>— Possuem extensa área de influência direta.</li> </ul>	Metrópole	Grande metrópole nacional	01
		Metrópole nacional	02
		Metrópole	09
<ul style="list-style-type: none"> <li>— Relacionamento com o estrato superior da rede urbana;</li> <li>— Capacidade de gestão no nível imediatamente inferior ao das metrópoles;</li> <li>— Área de influência de âmbito regional.</li> </ul>	Capital regional	Capital regional A	11
		Capital regional B	20
		Capital regional C	39
<ul style="list-style-type: none"> <li>— Atividades de gestão menos complexas;</li> <li>— Área de atuação reduzida;</li> <li>— Relacionamentos com centros externos à sua própria rede dão-se, em geral, apenas com as três metrópoles nacionais.</li> </ul>	Centro sub-regional	Centro sub-regional A	85
		Centro sub-regional B	79
<ul style="list-style-type: none"> <li>— Cidades de menor porte;</li> <li>— Atuação restrita à sua área imediata;</li> <li>— Exercem funções de gestão elementares.</li> </ul>	Centro de zona	Centro de zona A	192
		Centro de zona B	364
<ul style="list-style-type: none"> <li>— Centralidade e atuação não extrapolam os limites do seu município;</li> <li>— Servem apenas aos seus habitantes;</li> <li>— Têm população predominantemente inferior a 10 mil habitantes.</li> </ul>	Centro local		4. 473

Fonte: REGIC 2007 (BRASIL, 2008).

Mapa 2 - Rede Urbana do Brasil - REGIC, 2007

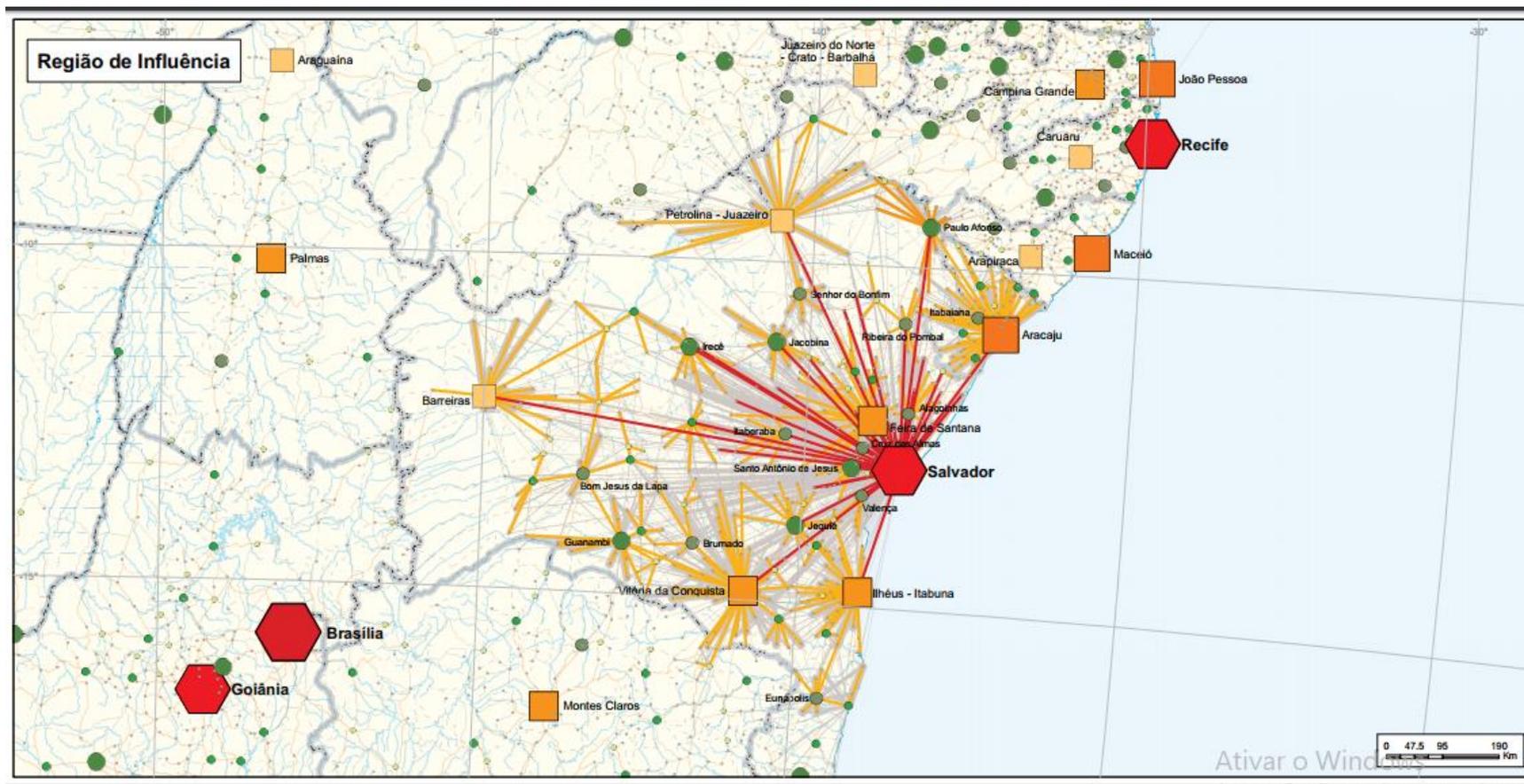


Fonte: Regiões de Influência das Cidades 2007 - BRASIL, 2008.

A rede urbana de Salvador (Mapa 3) responde por 8,8% da população do País e 4,9% do PIB nacional. Salvador concentra 22,4% da população e 44,0% do PIB da rede, apresenta um PIB per capita de R\$ 12,6 mil e os demais municípios da rede é R\$ 4,6 mil. Abrange os Estados da Bahia e Sergipe e divide o comando de parte do oeste da Bahia com Brasília.

É uma rede urbana de primeiro nível (Quadro 2) com uma área de 589.229,74 Km<sup>2</sup>, é composta por 486 municípios da Bahia, Sergipe, Pernambuco e Minas Gerais, com população estimada em 2007 em 16.335.288 habitantes e uma densidade demográfica de 27,72 hab/km<sup>2</sup>.

Mapa 3 - Rede Urbana de Salvador - REGIC, 2007.



Fonte: Regiões de Influência das Cidades 2007 - BRASIL, 2008.

Quadro 2 - Hierarquia urbana de Salvador – REGIC 2007.

<b>NÍVEIS</b>	<b>SUBNÍVEIS</b>	<b>NÚMERO</b>	<b>CIDADE</b>
Metrópole	Metrópole	01	Salvador
Capital regional	Capital regional A	01	Aracaju
	Capital regional B	03	Feira de Santana, Ilhéus–Itabuna, Vitória da Conquista.
	Capital regional C	02	Barreiras, Petrolina–Juazeiro, Guanambi.
Centro sub-regional	Centro sub-regional A	06	Irecê, Jacobina, Jequié Paulo Afonso, Santo Antônio de Jesus.
	Centro sub-regional B	10	Itabaiana (SE), Eunápolis, Bom Jesus da Lapa, Brumado, Senhor do Bonfim, Alagoinhas, Cruz das Almas Itaberaba, Ribeira do Pombal, Valença.
Centro de zona	Centro de zona A	16	Caetité, Camacan, Conceição do Coité, Estância (SE), Ipiauí, Itapetinga, Lagarto (SE), Macaúbas, Nossa Senhora da Glória (SE), Ouricuri (PE), Porto Seguro, Propriá (SE), Santa Maria da Vitória, Seabra, Serrinha, Xique-Xique.
	Centro de zona B	25	Amargosa ,Barra, Belém de São Francisco (PE), Boquira, Caculé, Canindé de S. Francisco (SE), Capim Grosso, Cícero Dantas (BA), Euclides da Cunha, Gandu, Ibicaraí Ibotirama, Jaguaquara, Livramento de N <sup>a</sup> Senhora, Paramirim, Nazaré, Neópolis (SE), Nossa Senhora das Dores (SE), Pedra Azul (MG), Poções, Riachão do Jacuípe, Rio Real, Santana, Serra Dourada, Valente.
Centro local	—	423	Diversas cidades.

Fonte: REGIC 2007 (BRASIL, 2008).

Dentro da rede urbana de Salvador, Vitória da Conquista se destaca pelo fato de concentrar os fluxos de uma grande região, é possível que sua influência se estenda até o oeste do Estado. No REGIC 2007 (BRASIL, 2008) é classificada como Capital Regional, conforme a metodologia do estudo, além de se apresentar a cidade como entreposto comercial, também fornece serviços especializados de saúde e educação superior. Faz a articulação com cidades da Bahia e Minas Gerais, além da relação com as cidades de níveis hierárquicos mais altos, como Salvador e São Paulo, desempenhando um importante papel dentro da rede urbana brasileira.

Vitória da Conquista integra o conjunto das Capitais Regionais e juntamente com 19 cidades, compõem o subnível B, além de apresentar uma diferenciação em relação ao porte do subnível A (capitais estaduais não classificadas no nível metropolitano e Campinas), têm padrão de localização regionalizado. Essas capitais regionais assim como metrópoles, “relacionam com o estrato superior da rede urbana. Com capacidade de gestão no nível imediatamente inferior ao das metrópoles, têm área de influência de âmbito regional” (BRASIL, 2008, p. 11), são referências de destino, para um conjunto de atividades, por grande número de municípios.

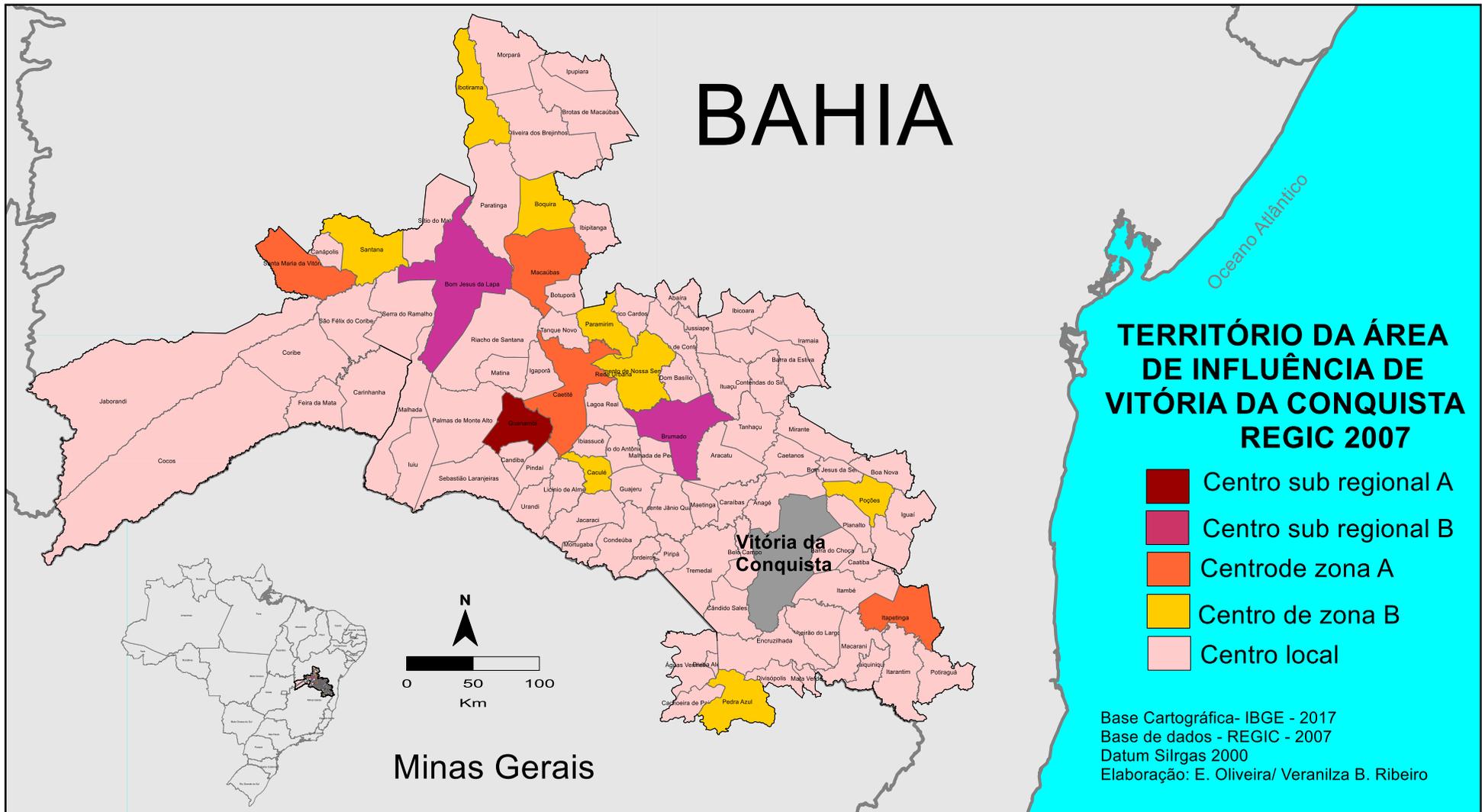
Nos estudos anteriores do IBGE sobre a rede urbana brasileira, a cidade de Vitória da Conquista é classificada Centro Regional B em 1966 (1972); em que se considerou a análise da distribuição de bens e de serviços de forma complementar. Em 1978 (1987) a cidade passou a ser considerada Capital Regional. Na pesquisa de 1993 (2000) intitulada Regiões de influência das cidades um novo padrão classificatório foi utilizado, Vitória da Conquista foi classificada como uma cidade de perfil forte.

Nos estudos mais atuais REGIC 2007 (BRASIL, 2008) a cidade como capital regional B apresenta uma rede de influência que polariza 96 municípios (Mapa 4) localizados no estado da Bahia e no norte de Minas Gerais.

Santos discute essa hierarquização:

Como as demais cidades baianas, Vitória da Conquista desempenha importante papel na rede urbana brasileira, pois, enquanto centro regional, articula fluxos diversos de pessoas, capital, mercadorias etc., sendo considerada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como uma capital regional de nível B. Para sustentar/corroborar essa lógica, contudo, muitas alterações ocorrem (algumas das quais foram impostas), que mudou substancialmente seja a estrutura urbana pretérita, seja o conteúdo das relações que dão vida à própria cidade (SANTOS, 2016, p. 16)

Mapa 4 - Território da área de Influência de Vitória da Conquista – BA - REGIC, 2007



Fonte: Regiões de Influência das Cidades 2007 - BRASIL, 2008.

Os centros identificados na rede urbana de Vitória da Conquista são: Centro Subregional A: Guanambi; Centros Subregionais B: Bom Jesus da Lapa e Brumado; Centros de Zona A: Caetité, Itapetinga, Macaúbas e Santa Maria da Vitória; Centros de Zona B: Boquira, Caculé, Ibotirama, Livramento de Nossa Senhora, Paramirim, Poções e Santana e Pedra Azul em Minas Gerais. As principais características da rede (Tabela 3) mostram uma dinâmica populacional e econômica da cidade, em que percebe-se sua importância no contexto regional, estadual e nacional.

Tabela 3 - Características da região de influência de Vitória da Conquista - BA em dados – REGIC 2007.

<b>Características</b>	<b>Região de influência de Vitória da Conquista (A)</b>	<b>Participação da região de influência de Vitória da Conquista no Brasil ((A)x100/Valor Brasil)</b>	<b>Núcleo da rede (Vitória da Conquista) (B)</b>	<b>Participação de Vitória da Conquista em sua região de influência ((B)x100/(A))</b>
População total (2007)	2 121 638	1,15	308 204	14,53
Área (km <sup>2</sup> )	145 962,64	1,71	3 204,26	2,20
Densidade demográfica (hab./km <sup>2</sup> )	14,54	67,27	96,19	661,73
Número de municípios	97	1,74	1	1,03
Intensidade de relacionamento	1009	—	398	39,44
PIB 2005 total (1 000 R\$)	7 403 460	0,34	1 793 824,65	24,23
Valor adicionado serviços (exceto administração pública)	2 683 392	0,29	977 682,00	36,43
Valor adicionado indústria	970 098	0,18	215 977,67	22,26
Valor adicionado agropecuária	1 228 287	1,17	66 682,49	5,43
Valor adicionado administração pública	1 909 945	0,69	264 631,83	13,86
Impostos	611 738	0,20	268 850,51	43,95
PIB per capita (R\$)	3 490	29,90	5 820,25	166,79

Fonte: REGIC 2007 (BRASIL, 2008). <sup>1</sup> A Intensidade de relacionamento indica o número de vezes que o município foi citado no questionário aplicado pelo IBGE.

Com base nos dados percebe-se a relação de interdependência entre as cidades pequenas do interior da Bahia e a cidade de Vitória da Conquista, que devido sua importância, fornece produtos e serviços urbanos considerados especializados, que não encontrados nas cidades pequenas, dentro da hierarquia proposta pelo REGIC 2007 (BRASIL, 2008) destaca-se enquanto um centro de quinto nível.

Em relação ao comércio e serviços o REGIC 2007 (BRASIL, 2008) destaca que a Região Nordeste apresenta duas dinâmicas distintas, uma do interior, outra do litoral. Vitória da Conquista aparece como um dos poucos centros do interior, que apoia a rede urbana, fortemente comandada pela capital. Em relação aos serviços bancários, centro de quinto nível conta com a maior parte dos bancos nacionais, a cidade faz parte do conjunto de centros tradicionais e esparsos no Nordeste.

A rede urbana influência da cidade de Vitória da Conquista apresenta uma significativa quantidade de cidades com características demográficas distintas, o que ajuda na compreensão das dinâmicas socioespaciais. Sua rede de influência é formada por 96 municípios localizados no estado da Bahia e no norte de Minas Gerais, composta em 2007 por 2.121.638 habitantes, distribuídos por uma área de 145.962,64 Km<sup>2</sup> (Tabela 4), 63,5% dos municípios da área de influência de Vitória da Conquista apresenta população rural, o que consiste num número expressivo.

Outro aspecto observado em relação à população urbana da área de influência de Vitória da Conquista, há cidades classificadas como centros locais, cuja centralidade e atuação não extrapola os limites do município, servindo apenas aos seus próprios habitantes, apresentam população predominantemente inferior a 10 mil habitantes. No entanto cidades como Barra do Choça por exemplo apresenta mais que o dobro desse número, tem uma população urbana superior a Centro de Zona A e B.

A localização de equipamentos terciários que alcançam um grande número de pessoas, tais como universidades, serviços médicos, atacadões, shoppings centers, acabam por atrair investimentos para a cidade de Vitória da Conquista. A rede de cidades, é, portanto, um sistema em que a integração e a hierarquização se estabelecem com base naquilo que podem oferecer, suas conexões tanto internas quanto externas, vão desde as pequenas cidades até os grandes centros. Cabe entender que as relações na rede de cidades é um processo complexo, que se materializa no espaço.

Tabela 4 - População Urbana da Região de influência de Vitória da Conquista - BA

<b>CIDADE</b>	<b>CLASSIFICAÇÃO</b>	<b>POP. URBANA (2010)</b>	
Guanambi	Centro Sub Regional A	62.534	
Brumado	Centro Sub Regional B	45.119	
Bom Jesus da Lapa	Centro Sub Regional B	43.111	
Caetité	Centro de Zona A	28.456	
Itapetinga	Centro de Zona A	66.329	
Macaúbas	Centro de Zona A	15.410	
Santa Maria da Vitória	Centro de Zona A	23.820	
Boquira	Centro de Zona B	7.361	
Caculé	Centro de Zona B	13.313	
Ibotirama	Centro de Zona B	19.499	
Livramento de N <sup>a</sup> Senhora	Centro de Zona B	20.546	
Paramirim	Centro de Zona B	10.029	
Pedra Azul (MG)	Centro de Zona B	20.997	
Poções	Centro de Zona B	34.698	
Santana	Centro de Zona B	13.483	
<p>Abaíra, Anagé, Aracatu, Barra da Estiva, Barra do Choça, Belo Campo, Boa Nova, Bom Jesus da Serra, Botuporã, Brotas de Macaúbas, Caatiba, Caetanos, Canápolis, Candiba, Cândido Sales, Caraíbas, Carinhanha, Caturama, Cocos, Condeúba, Contendas do Sincorá, Cordeiros, Coribe, Dom Basílio, Encruzilhada, Érico Cardoso, Feira da Mata, Guajeru, Ibiassucê, Ibicoara, Ibipitanga, Igaporã, Iguai, Ipupiara, Iramaia, Itambé, Itarantim, Ituaçu, Iuiú, Jaborandi, Jacaraci, Jussiape, Lagoa Real, Licínio de Almeida, Macarani, Maetinga, Maiquinique, Malhada, Malhada de Pedras, Matina, Mirante, Morpará, Mortugaba, Muquém de São Francisco, Nova Canaã, Oliveira dos Brejinhos, Palmas de Monte Alto, Paratinga, Pindaí, Piripá, Planalto, Potiraguá, Presidente Jânio Quadros, Ribeirão do Largo, Rio de Contas, Rio do Antônio, Riacho de Santana, São Félix do Coribe, Sebastião Laranjeiras, Serra do Ramalho, Sítio do Mato, Tanhaçu, Tanque Novo, Tremedal, Urandi, Águas Vermelhas (MG), Cachoeira de Pajeú (MG), Divisa Alegre (MG), Divisópolis (MG), Mata Verde (MG).</p>		Centros Locais	Varia de 1.283 a 22.407

Dados: Censo IBGE, 2010. Dados sistematizados pela autora.

A universidade é um dos serviços do setor terciário que na atualidade atrai pessoas de vários lugares, e acaba por extrapolar os limites das áreas de influências das cidades. A Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, oferece um serviço que atende a uma rede bem maior que a apresentada no REGIC, 2007.

#### 4.2 A rede urbano regional e a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia campus de Vitória da Conquista

A presença de um vasto oferecimento de serviços educacionais de nível superior em Vitória da Conquista, tem consolidado uma grande área de influência em relação a demanda por esse serviço. Essa área extrapola os limites de uma rede de cidades institucionalizada e confirma a cidade de Vitória da Conquista, como uma cidade média, conforme a caracterização de Sposito et al (2007), em relação à cidade média, que funcionalmente apresenta um papel regional, capaz de se articular com cidades de todo território brasileiro.

Assim apresenta-se a Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, mais especificamente, o campus de Vitória da Conquista (Fotografia 9).

Fotografia 9 - Campus de Vitória da Conquista – UESB – 2018.



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

A UESB consiste num importante instrumento para a análise da formação da rede urbana de Vitória da Conquista, uma vez que promove mudanças com a manutenção e criação de fixos e fluxos econômicos e sociais na região, colaborando com o desenvolvimento regional. Exemplo disso, muitos dos alunos da universidade pretendem continuar ou retornar as suas cidades de origem nesse intuito.

A Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, foi criada pelo governo estadual em 1969, com o objetivo de interiorizar o ensino superior, e percebe-se que tal fato agrega uma dimensão política na gestão do território, estrategicamente pensada.

Conforme o histórico da universidade:

O surgimento da UESB vai ocorrer a partir da política de interiorização do Ensino Superior, contida no Plano Integral de Educação do Governo do Estado, de 1969, com a instalação das Faculdades de Formação de Professores, nos municípios de Vitória da Conquista, Jequié, Feira de Santana e Alagoinhas, que se somava à Faculdade de Agronomia do Médio São Francisco-FAMESF, criada na década de 50 (UESB, 2018).

Um longo caminho foi percorrido, para que a UESB de fato se consolidasse como a instituição que se conhece nos dias atuais. Conforme dados da Pró- Reitoria de Graduação, (UESB, 2018): em 1962 (Lei nº 1.802, de 25/10) com a criação das Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras de Vitória da Conquista, Jequié, Feira de Santana, Ilhéus, Caetité e Juazeiro. Em 1969 (Decreto Federal nº 21.363 de 20/07) é criada a Faculdade de Educação de Vitória da Conquista, e no mesmo ano a Faculdade é constituída como Autarquia (Lei nº 2.741, de 11/11).

Em 1970 (Lei nº 2.852, de 09/11), o poder executivo institui a Fundação Faculdade de Educação de Jequié, denominada, posteriormente de Autarquia (Decreto nº 23.135/70); nos anos 1970-1971 efetivação do funcionamento das Faculdades só teriam os funcionamentos efetivados com a implantação dos cursos de Letras, em Vitória da Conquista (1971), Ciências e Letras, em Jequié (1972).

No ano de 1980 pensou em Universidade, quando o Poder Executivo instituiu uma Fundação para criar e manter uma universidade no Sudoeste do Estado (Lei nº 3.799, de 23/05), cria-se a Fundação Educacional do Sudoeste (Decreto nº 27.450, de 12/08), com o objetivo de implantar e manter uma Universidade no Sudoeste incorporando ao seu patrimônio os bens e direitos pertencentes às Faculdades existentes em Vitória da Conquista e Jequié, no mesmo ano (Lei Delegada nº 12, de

30/12) extingue, a Fundação Educacional do Sudoeste, como mantenedora da Universidade, sendo criada a Autarquia Universidade do Sudoeste.

O Regulamento de Implantação dessa Universidade foi aprovado em 25/08/81(Decreto nº 28.169) sendo a ela incorporadas as Faculdades de Formação de Professores, a Faculdade de Administração e outras unidades que viessem a ser instituídas e a ela vinculadas. A autorização para o funcionamento da Universidade se deu em 1987 (Decreto nº 94.250, de 22/04), após parecer favorável do Conselho Estadual de Educação. O credenciamento da UESB aconteceu em 1998 (Decreto nº 7.344, de 27/05). Em 2006 foi recredenciada (Decreto nº 9.996, de 02/05), por oito anos e em 2016, passou por um novo processo de recredenciamento, foi recredenciada (Decreto nº 16.825, de 04/07) a UESB foi por um período de oito anos.

A UESB, funciona como muticampia, nas cidades de Itapetinga, Jequié e Vitória da Conquista, sendo o campus de Vitória da Conquista o maior em número de Cursos e onde se concentra as atividades administrativas da universidade.

A universidade oferece, 47 cursos de graduação, distribuídos nas áreas de Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Exatas e da Terra, Humanas, Sociais Aplicadas, Engenharias e Linguística, Letras e Artes. Conta com um corpo docente de 1.008 professores efetivos, desses 544 são doutores, segundo o Catálogo de Cursos da UESB (2018). O total de alunos ativos da graduação é 7.880.

Especificamente o campus de Vitória da Conquista, oferece 23 cursos de graduação (bacharelado e licenciatura). Além dos cursos de Graduação presenciais, oferece três cursos de graduação na modalidade Educação à Distância; oferece ainda dez cursos de pós-graduação *Latu Sensu* e conta com doze programas de Pós-Graduação *Stricto Sensu*. São 478 professores efetivos, lotados nos 09 departamentos do campus, sendo 271 doutores, 128 mestres e 79 especialistas.

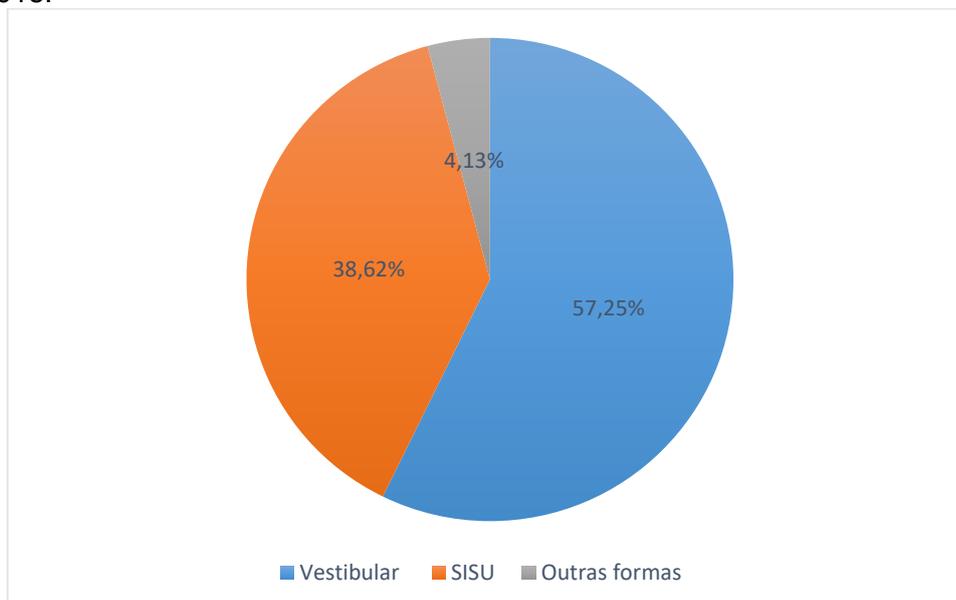
São 4.632 alunos efetivamente matriculados nos cursos de graduação oferecidos no campus de Vitória da Conquista da UESB, nos graus acadêmicos bacharelados: Administração, Agronomia, Ciências da Computação, Ciências Biológicas, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Cinema e Audiovisual, Comunicação Social, Direito, Engenharia Florestal, Jornalismo, Medicina e Psicologia e licenciaturas: Ciências Biológicas, Ciências Sociais, Filosofia, Física, Geografia, História, Letras, Matemática e Pedagogia, assim distribuídos, 59,13% nos cursos de bacharelado e 40,87% nos cursos de licenciatura, segundo dados da Secretaria Geral de Cursos (SGC/UESB).

A forma de entrada na Universidade, hoje se dá de maneiras distintas. Através do vestibular, realizado uma vez por ano, em que se oferece 50% das vagas das vagas totais, destas vagas 50% são reservadas para cotas. As demais vagas equivalentes a 50% do total de vagas são preenchidas pelo Sistema de Seleção Unificada (SISU), que seleciona os candidatos participantes do ENEM, nesse caso as vagas são disponibilizadas de acordo com o oferecimento do curso, para os primeiro e segundo períodos letivos. Dos 50% das vagas oferecidas nessa forma de seleção, 50% são reservadas para os cotistas. Transferências interna, externa e Ex-Offício, Matrícula *Sub-Judice*, Mudança de turno e de campus, Retorno ao Curso e Seleção, também se constituem como forma de acesso na universidade (Gráfico 1).

Apresentado sucintamente o público geral dos alunos da UESB, questionamentos mais específicos, foram coletados com os alunos que responderam à pesquisa, no sentido de entender que Vitória da Conquista é uma cidade média e que oferece o ensino superior através da universidade e se constitui como um nó, importante enquanto cidade média, e que suas conexões se dão para além da rede apresentada no REGIC 2007 (BRASIL, 2008).

Os questionários foram aplicados com alunos de todos os cursos, alguns com maior representatividade, como os cursos de Agronomia, Direito e Medicina, e outros com uma menor, destacam nesse caso os cursos de Física, Comunicação Social e Jornalismo.

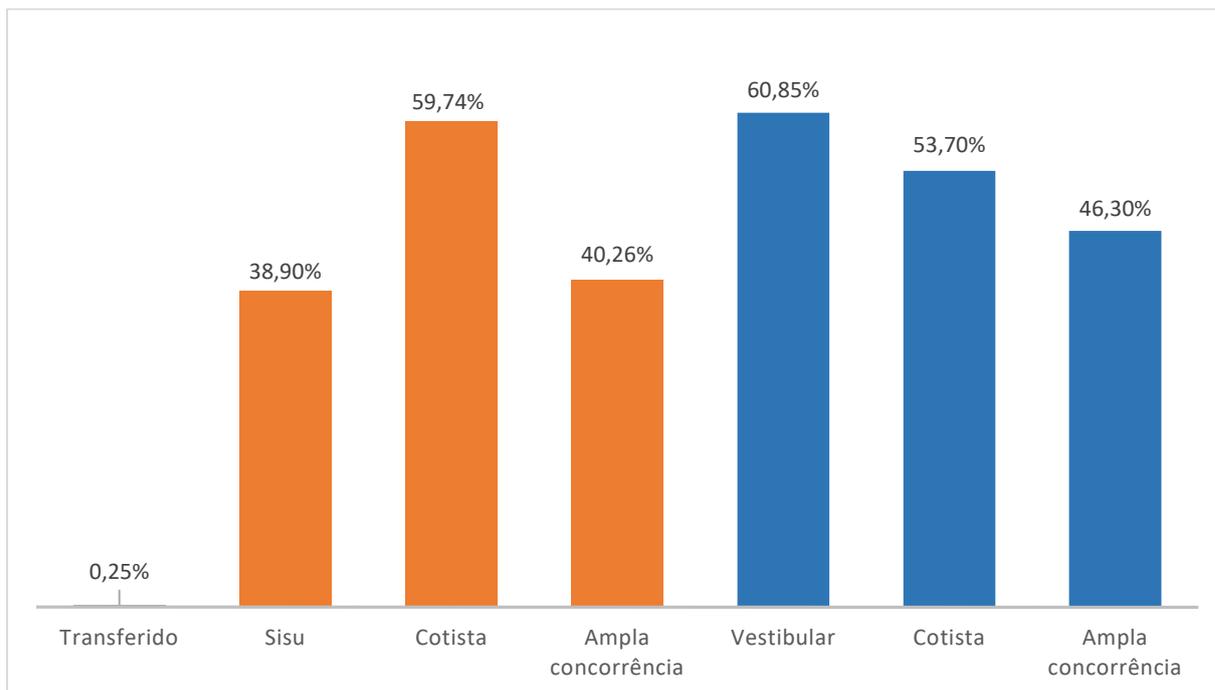
Gráfico 1 - Formas de acesso dos alunos matriculados no campus de Vitória da Conquista da UESB, 2018.



Fonte: Secretaria Geral de Cursos, UESB: 2018.

A forma de entrada dos alunos que responderam ao questionário na UESB, destaca-se: transferência, vestibular e SISU, sendo nessas duas formas de entrada identificados cotistas e não cotistas. (Gráfico 2)

Gráfico 2 - Formas de acesso à UESB dos alunos pesquisados, 2018.



Fonte: Pesquisa de campo, UESB: 2018.

A forma de acesso na UESB de uma certa forma influência na origem dos alunos, enquanto o vestibular vai atender sobretudo um público regional, o SISU é muito mais abrangente, pois atrai alunos de todas as partes do país

Assim o oferecimento do ensino superior público em Vitória da Conquista, organiza o espaço regional, uma vez que há uma pequena quantidade de estabelecimentos com as mesmas características apresentadas, pelas instituições presentes na cidade.

A origem dos alunos chama a atenção, porque pode se perceber um número grande de cidades e as mais diferentes sub-redes da rede urbana brasileira. Percebe-se essa organização quando se analisa a origem dos alunos da UESB, campus de Vitória da Conquista. Os alunos da UESB são oriundos de várias cidades do Brasil,

considerando o grande número de cidades da rede urbana de Salvador, bem como cidades da rede urbana de Vitória da Conquista (Quadro 3).

Quadro 3 - Cidades de origem dos alunos da UESB, que fazem parte da área de influência de Vitória da Conquista – BA.

<b>CIDADE</b>	<b>CLASSIFICAÇÃO REGIC 2007</b>	<b>REDE A QUAL PERTENCE REGIC 2007</b>
Guanambi	Centro Sub Regional A	Salvador
Bom Jesus da Lapa, Brumado/BA	Centro Sub Regional B	
Caetitê, Itapetinga, Macaúbas/BA	Centro de Zona A	
Boquira, Caculé, Livramento de Nossa Senhora, Paramirim, Poções/BA	Centro de Zona B	
Abaíra, Anagé, Aracatu, Barra do Choça, Barra da Estiva, Belo Campo, Bom Jesus da Serra, Botuporã, Caetanos, Cândido Sales, Caraíbas, Carinhanha, Condeúba, Contendas do Sincorá, Cordeiros, Dom Basílio, Encruzilhada, Ibiassucê, Ibicoara, Ibipitanga, Igaporã, Igauí, Itambé, Itarantim, Ituaçu, Jacaraci, Licínio de Almeida, Macarani, Maetinga, Maiquinique, Malhada, Malhada de Pedras, Mirante, Mortugaba, Piripá, Planalto, Potiraguá, Presidente Jânio Quadros, Ribeirão do Largo, Rio de Contas, Rio do Antônio, Tanhaçu, Tremedal/BA; Divisa Alegre, Divisópolis/MG	Centro local	

Fonte: Trabalho de campo, 2018.

Rochefort (1998), chama a atenção sobre o estudo da região, baseado na delimitação da mesma, através de oferecimento de serviços, por determinada cidade a uma área de influência nas proximidades, evitando que as pessoas recorram a outras localidades que por ventura podem oferecer um melhor serviço.

Vale a pena destacar que a área atingida pelo serviço de ensino superior ofertado pela universidade vai muito além da área de influência apresentada no REGIC, 2007 (Quadro 4).

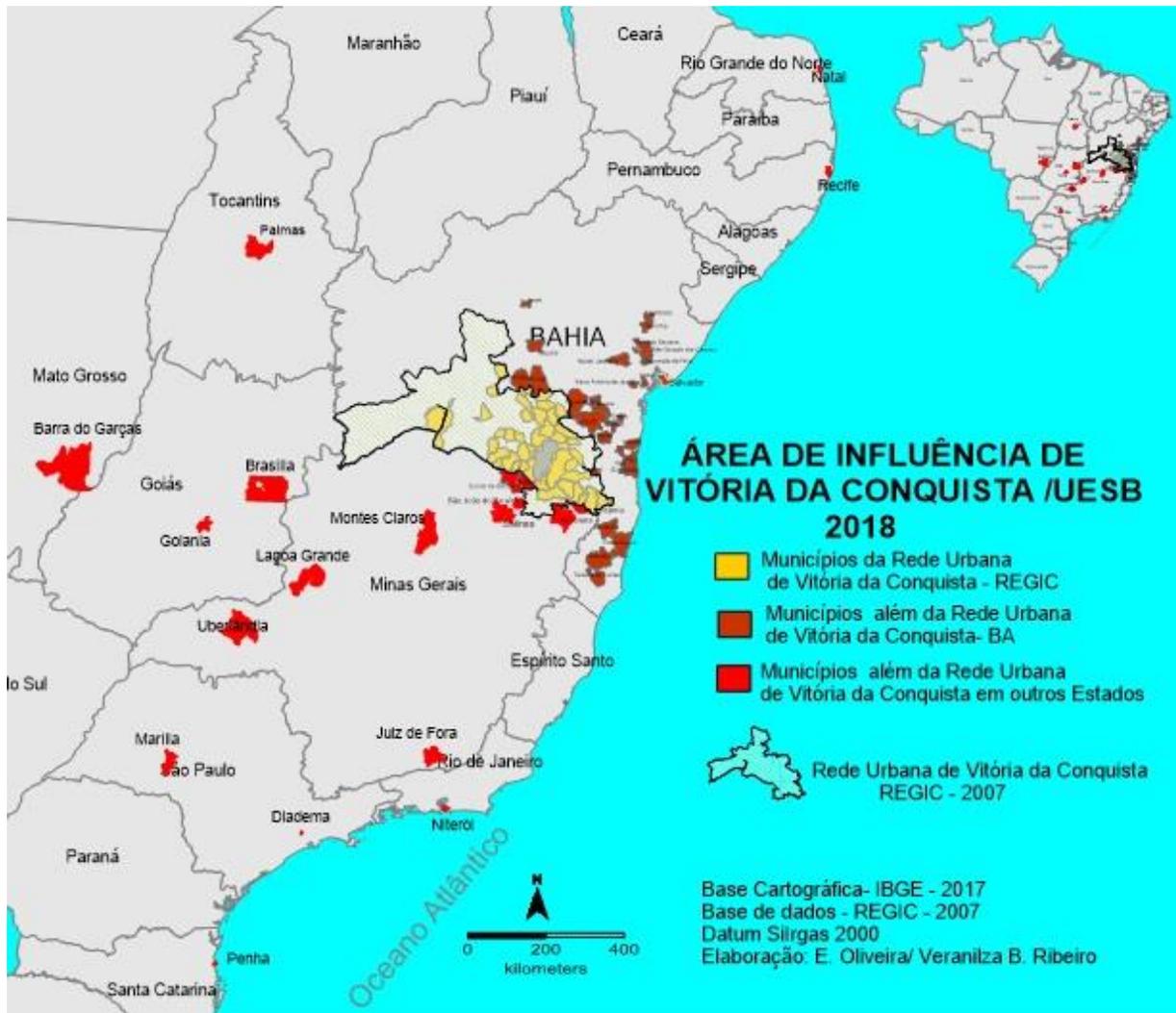
Quadro 4 - Cidades de origem dos alunos da UESB, que não fazem parte da área de influência de Vitória da Conquista – BA.

<b>CIDADE</b>	<b>CLASSIFICAÇÃO REGIC 2007</b>	<b>REDE A QUAL PERTENCE</b>
Brasília/DF	Metrópole Nacional	Brasília
Goiânia/GO	Metrópole	Goiânia
Recife/PE		Recife
Salvador/BA		Salvador
Aracaju/SE	Capital Regional A	Salvador
Natal/RN		Fortaleza
Juiz de Fora, Montes Claros, Uberlândia/MG	Capital Regional B	Belo Horizonte
Palmas/TO		Goiânia
Feira de Santana, Ilhéus-Itabuna/BA		Salvador
Marília/SP	Capital Regional C	São Paulo
Barreiras/BA		Salvador
Almenara, Salinas/MG	Centro Sub Regional A	Belo Horizonte
Barra do Garças/MT		Mato Grosso
Irecê, Jequié, Santo Antônio de Jesus, Teixeira de Freitas/BA		Salvador
Eunápolis/BA	Centro Sub Regional B	Salvador
Itamaraju, Porto Seguro, Serrinha/BA	Centro de Zona A	Salvador
Gandu, Jaguaquara, Nazaré Santana/BA	Centro de Zona B	Salvador
Curral de Dentro, Jordânia, Lagoa Grande, Ninheira, São João do Paraíso /MG	Centro local	Belo Horizonte
Penha/SC		Porto Alegre
Buerarema, Conceição da Feira, Ibirataia, Iraquara, Itacaré, Itagibá, Itiruçu, Itororó, Lagedo do Tabocal, Maracás, Mucugê, Mutuipe, Piatã, Rafael Jambeiro, Teofilândia/BA		Salvador
Diadema/SP - Niterói/RJ Não foram encontradas informações referentes a essas cidades no REGIC 2007 (BRASIL, 2008).		

Fonte: Trabalho de campo, 2018.

Os dados resultam numa rede urbana, muito mais ampla que a apresentada no REGIC 2007 (BRASIL, 2008), (Mapa 5). Reforça dessa forma a capacidade de centralizar, com base na atividade relacionada ao ensino superior, oferecido pela UESB, no campus de Vitória da Conquista.

Mapa 5 - Área de Influência de Vitória da Conquista/UESB – 2018



Fonte: Trabalho de campo, 2018.

As redes, funcionam também no sentido de possibilitar a circulação de pessoas, seu estudo permite compreender a lógica da produção espacial, uma vez que pessoas de várias regiões estão dispostas, pelos mais variados motivos, deslocar-se para Vitória da Conquista, para cursar uma universidade. Estabelecendo uma relação espacial entre sua cidade de origem e a cidade de Vitória da Conquista, dessa forma se estabelece uma rede.

A localização geográfica de Vitória da Conquista em relação a essas cidades, acaba por facilitar a materialização das relações com as cidades da sua área de influência. Percebe-se então uma rede do tipo dendrítica, conforme proposição de Corrêa (1989, 1997, 2006).

Questionados sobre os motivos que os levaram a escolher a UESB campus de Vitória da Conquista, para fazer o curso superior, 47,7% dos alunos responderam que

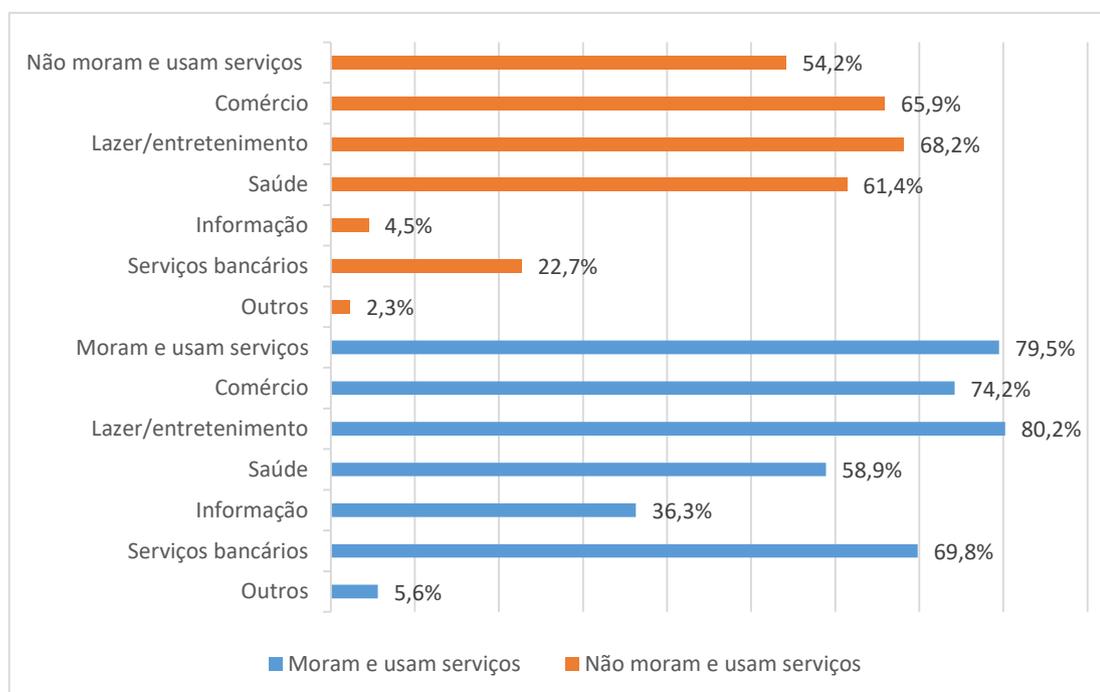
a proximidade com a cidade onde residem foi o motivo da escolha, superando até mesmo o fato da universidade oferecer o curso que eles escolheram fazer.

21,97% dos 396 alunos entrevistados continuam vivendo em suas cidades e viajam todos os dias para a Vitória da Conquista, foram identificados alunos de: Anagé, Aracatu, Belo Campo, Contendas do Sincorá, Cândido Sales, Barra da Estiva, Barra do Choça, Brumado, Itambé, Itapetinga, Planalto, Poções, Presidente Jânio Quadros. O deslocamento de 63 desses alunos até a universidade se dá através de ônibus ou vans da associação formada pelos alunos, 10 dependem de transporte fornecido pela prefeitura da sua cidade.

A mudança para Vitória da Conquista foi inevitável para 78,03% dos alunos, sobretudo por conta da distância entre a cidade de origem e Vitória da Conquista.

Conseqüentemente há um incremento no setor de serviços, como imobiliárias, bancos, comércio, clínicas médicas, entre outros. Dos alunos que agora moram em Vitória da Conquista, 79,5% afirmam utilizar outros serviços na cidade. Dos alunos que continuam vivendo em suas cidades, 54,2% utilizam serviços oferecidos na cidade de Vitória da Conquista, além da universidade. (Gráfico 3).

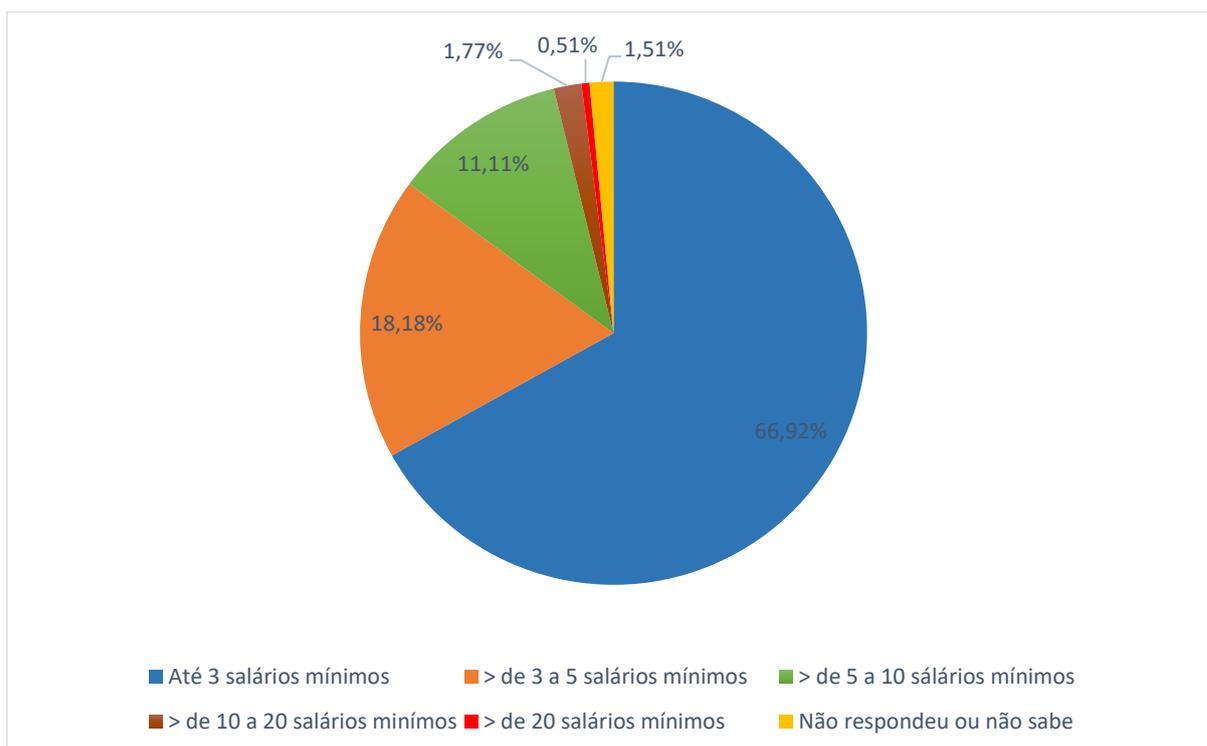
Gráfico 3 - Serviços utilizados pelos alunos da UESB em Vitória da Conquista - BA, 2018.



Fonte: Pesquisa de campo, UESB: 2018.

A questão de estudar em Vitória da Conquista, considerando em maior medida a proximidade com suas cidades, também é consequência da renda que a família dispõe para suprir as necessidades. Questionados sobre a renda familiar, boa parte se encontra na variável mais baixa apresentada. (Gráfico 4).

Gráfico 4 - Renda familiar dos alunos da UESB, 2018.



Fonte: Pesquisa de campo, UESB: 2018.

Dos 2,28% dos alunos que apresentam maior renda (> de 10 a 20 salários/ > de 20 salários mínimos), 66,7% estão cursando medicina e nenhum deles são oriundos da área de influência de Vitória da Conquista.

O ensino superior consiste na especialização dos futuros trabalhadores e conseqüentemente melhora na qualidade dos serviços que serão ofertados por esses profissionais, futuramente ao retornarem ou permanecerem nas suas cidades e regiões, e em qualquer outra cidade ou região do país, possibilitando dessa forma melhorar a renda familiar.

Os alunos que moram nas suas respectivas cidade e todos os dias viajam para estudar foram questionados, se pretendiam continuar morando na cidade onde

residem, 65,5% pretendem continuar morando na cidade onde residem, 32,1% não continuaram em suas cidades e 2,4% não responderam.

E para aqueles, que por conta da distância precisaram se mudar para Vitória da Conquista, se eles pretendem retornar para as suas cidades de origem, em sua maioria cidades pequenas. 44,7% responderam que sim, 54,7% não e 0,6% não responderam.

Quando juntados os dois grupos verificou-se um certo equilíbrio em relação a essa questão de continuar ou retornar, 49% dos alunos pretendem morar nas suas cidades de origem, 50% não pretendem e apenas 1% não responderam. Os motivos para uma escolha ou outra para todos os alunos estão relacionadas sobretudo a questão do trabalho, ou para ajudar a família.

A contribuição para o crescimento da cidade é pensada para 28,35% dos alunos questionados e no sentido de ajudar a população da cidade, questão bastante relacionada ao motivo anterior 8,76% pretendem o retorno ou a permanência com esse intuito.

Por outro lado, aqueles que pretendem uma saída ou o não retorno para sua cidade 25,76% dos alunos destacam a falta de emprego e oportunidade nessas cidades, e 48% desses profissionais pretendem morar numa cidade maior que a deles em busca de condições de emprego e renda para ajudar a família.

A universidade atrai diferentes formas de investimentos sociais e econômicos, uma vez que pessoas e capital passam a circular na cidade, dinamizando a economia local.

As cidades da área de influência de Vitória da Conquista, em sua maioria, consideradas pequenas, assumem uma importância nesse processo, pois há uma interação de interdependência entre as cidades na rede urbana. Confirmando assim o entendimento de Endlich (2009) sobre a importância das pequenas cidades, dentro da rede urbana, que acabam por ratificar Vitória da Conquista como cidade média dentro da rede urbano-regional.

## 5 CONCLUSÕES

As cidades, se inter-relacionam de maneira complexa, o que faz com que a rede urbana se estabeleça, em diferentes escalas geográficas.

A contribuição do setor terciário para o desenvolvimento econômico de determinadas cidades é indiscutível, sendo que o consumo de diferentes serviços se apresenta como base da reprodução do capital. Diante disso observa-se a formação de uma rede urbano regional com base nas atividades desse setor. Redes essas que possibilitam circulação de mercadorias, matéria primas, objetos, pessoas, possibilitando dessa forma que se compreendam os movimentos dos mesmos.

Vitória da Conquista constitui-se em um centro urbano de elevada acessibilidade na oferta de bens e serviços, configurando um centro regional. Cabe salientar que foi atribuído à Vitória da Conquista, pela divisão territorial do trabalho um papel muito importante na organização da rede urbana da Bahia, tanto territorial quanto funcional, uma vez que nessa cidade atividades especializadas tais como: educação, saúde e comércio.

O entendimento da rede urbana de Vitória da Conquista e as articulações com sua área de influência, são necessários, no sentido de classificá-la como cidade média. É possível perceber que há uma combinação de características, conforme proposição de Corrêa (2007), que pode sim resultar na classificação da cidade como tal. E conseqüentemente compreender seu papel na organização espacial dentro da rede urbano regional, que se dá além dos estudos institucionalizados.

Para compreender as inter-relações entre as cidades e regiões na formação da rede urbana, foram importantes os teóricos que discutiram, a contribuição da teoria das localidades centrais para os estudos da rede urbana, tanto na perspectiva de reiterar o que foi proposto ou criticá-la.

O REGIC 2007 (BRASIL, 2008) desenvolvido pelo IBGE, serviu de base para o desenvolvimento do estudo proposto, assim sua análise evidenciou que a cidade de Vitória da Conquista classificada como Capital Regional B, é um dos poucos centros urbanos da Bahia que concentra no seu espaço urbano, serviços mais especializados que são oferecidos as demais cidades desta região, classificadas como cidades pequenas.

A cidade de Vitória da Conquista é considerada a terceira maior cidade da Bahia e desde a sua origem apresenta características para um desenvolvimento econômico, como seu posicionamento regional privilegiado, que a fez figurar como eixo de circulação. Além disso a cidade, contou com a ajuda do poder público no sentido de defini-la como uma importante cidade que participou do programa que promoveu a interiorização do desenvolvimento.

Tanto os fatores internos quanto externos, contribuíram para uma maior diversificação e intensificação das atividades socioeconômicas, que garantiram uma dinâmica urbana para Vitória da Conquista, conseqüentemente promoveu a centralidade exercida pela cidade e a importância da mesma para a sua área de influência. E isso foi consolidado as funções desempenhadas pela cidade, passando a assumir o comando de uma grande extensão espacial. Hierarquicamente é o maior centro de serviços do setor terciário para a sua rede urbana. Atrai, portanto, um grande número de pessoas, numa população de 2 121 638 (BRASIL, 2008), para consumir em seu espaço urbano.

No sentido de entender como se dão as relações funcionais da cidade com a sua área de influência, analisou-se o oferecimento do curso superior da UEBS campus de Vitória da Conquista, tendo em vista que oferece um serviço diferenciado e especializado que apresenta um grande alcance espacial, como comprovado na pesquisa.

A interiorização do ensino superior na Bahia, promoveu mudanças espaciais em todos os sentidos na cidade, uma vez que precisou/precisa se adaptar para atender aos novos moradores, incorporando os alunos em todas as esferas da cidade.

O ensino superior na cidade, mais especificamente o oferecido pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia do campus de Vitória da Conquista impõe uma dinâmica diária à cidade e as pessoas que se deslocam até a cidade, ou se fixam, há portanto uma reorganização do espaço urbano, uma vez que há mudanças na dinâmica demográfica da cidade, além disso um novo contingente de usuários de serviços para os mais variados tipos de serviços, das quais pode-se citar: comércio, lazer, saúde, bancos, transporte entre outros.

Com o oferecimento desse serviço, constatou-se que o alcance da mesma, extrapola a área imediatamente vizinha, e também a área de influência apontada pelo REGIC 2007 (BRASIL, 2008) e contribui para ampliar essa rede urbana, atraindo

peças que além dos serviços educacionais usam vários serviços oferecidos pela cidade.

O fato da rede urbana de Salvador contar com poucos centros mais especializados de oferecimento de serviços, a localização de Vitória da Conquista reforça a sua centralidade. Reconhece-se Vitória da Conquista centro regional de uma grande área, e as articulações urbano-regionais com dezenas de pequenas cidades.

Na teoria das localidades centrais, classificação hierárquica está relacionada como os locais de mercado de diferentes dimensões e como estes estão distribuídos numa dada região. Percebeu-se na pesquisa que algumas cidades com populações maiores que outras, não são consideradas um polo de atração para nenhum serviço e se ligam apenas e diretamente à cidade de Vitória da Conquista, como é o caso de Barra do Choça.

Percebe-se desigualdades socioespaciais e econômicas entre as cidades que compõem a rede urbana, fortalecendo uma cidade em detrimento da outra. O que resulta na dependência das pequenas cidades. Foi possível constatar que Vitória da Conquista articula uma extensa rede de pequenas cidades, e que se referindo aos serviços educacionais estão subordinadas a centralidade da mesma.

A cidade hoje é considerada uma cidade média muito importante, e é possível perceber mudanças estruturais para atender as pessoas de um grande número de cidades que vai além da área determinada por estudos institucionais, considerada hoje polo em setores indispensáveis, definindo dessa maneira a dinâmica da rede urbano regional que se estabelece em seu entorno.

A cidade pode ser considerada um importante nó na rede urbana brasileira, pois se configura como uma rede urbana, em que se completam funcionalmente, ocupando uma posição de expressiva centralidade no contexto regional e exercendo influência sobre as pequenas cidades e que essas contribuem para a manutenção dessa hierarquia.

Diante do resultado apresentado permite concluir que Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, campus de Vitória da Conquista, é um elemento ratificador da centralidade de Vitória da Conquista em relação aos municípios da sua rede urbana; oferece vários serviços, fazendo com que muitos municípios dependam dos mesmos, criando interrelações. Ao consumirem os serviços educacionais da UESB, oferecidos na cidade, as pessoas contribuem para que o setor terciário da cidade se desenvolva.

A posição geográfica de Vitória da Conquista, favorecida pelas vias de acesso, de alguma forma contribui para que a mesma assumisse uma centralidade em relação a vários municípios, sobretudo os hierarquizados como centros locais. Assim conclui-se que a centralidade e Vitória da Conquista é uma condição territorial, conjuntamente com os municípios da sua rede urbana.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Bruno Ramos de. Um olhar sobre a cidade média de Vitória da Conquista. **Anais** do V Simpósio Cidades Médias e Pequenas da Bahia, 2016. Disponível em: <<http://periodicos.uesb.br/index.php/ascmpa/article/viewFile/3631/3318>>. Acesso em: 10 jul.2018.
- AGUIAR. Itamar Pereira de. Religiões Afro-Brasileiras em Vitória da Conquista: caminhos da diversidade. **Dissertação** de mestrado, São Paulo: PUC, 1999 . Disponível em:< <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/3957>>. Acesso: 25 abr. 2017.
- ALMAS, Rondinaldo Silva das; LONGUINHOS, Marco Antônio Araújo. Setor de serviços e dinâmica econômica no município de Vitória da Conquista/BA. **Anais** do VIII Encontro Baiano de Geografia, 2011. Disponível em: <<http://www.uesb.br/eventos/ebg/anais/2v.pdf>>. Acesso em 16 jan. 2018.
- ALVES, Melina Amoni Silveira; DINIZ, Alexandre Magno Alves. O Zoneamento Morfológico Funcional das Cidades Médias Mineiras: o Exemplo de Barão de Cocais. **Sociedade & Natureza**, Uberlândia, 20 (2): 79-91, DEZ. 2008. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/sn/v20n2/a05v20n2.pdf>>. Acesso: 25 mar. 2017.
- ALVIM, Ana Márcia Moreira. Análise da Rede Urbana de Minas Gerais a partir dos fluxos migratórios nos períodos 1989 -1991 E 1995-2000. **Tese** de doutorado. Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2009. Disponível em:< [http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/TratInfEspacial\\_AlvimAM\\_1.pdf](http://www.biblioteca.pucminas.br/teses/TratInfEspacial_AlvimAM_1.pdf)>, 2009. Acesso em 15 de maio de 2018.
- AMORIM FILHO. Oswaldo Bueno. Origens, evolução e perspectivas dos estudos sobre as cidades médias. In: SPOSITO. Maria Encarnação Beltrão. (Org.) **Cidades Médias espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 69 – 87.
- BEAUJEU-GARNIER, Jacqueline. **Geografia Urbana**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1980.
- BESSA, Kelly Cristine. Reestruturação da Rede Urbana Brasileira e Cidades Médias: o Exemplo de Uberlândia (MG). **Caminhos de Geografia** 24(16) 268 - 288, out/2005. Disponível em: <[http://www.redbcm.com.br/arquivos/bibliografia/uberl%C3%A2ndia%20reestrutura%C3%A7%C3%A3o%20urbana\[1\].pdf](http://www.redbcm.com.br/arquivos/bibliografia/uberl%C3%A2ndia%20reestrutura%C3%A7%C3%A3o%20urbana[1].pdf)>. Acesso: 05 mar. 2017.
- BRAGA, Roberto; CARVALHO, Pompeu Figueiredo. Cidade: Espaço da Cidadania. In: GIOMETTI, Analúcia B. R.; BRAGA, Roberto (orgs.). **Pedagogia Cidadã: Cadernos de Formação: Ensino de Geografia**. São Paulo: UNESP -PROPP, 2004. Disponível em: <<http://www.redbcm.com.br/arquivos/bibliografia/cidade%20espa%C3%A7o%20da%20cidadania%20braga11.pdf>>. Acesso: 12 mar 2018.

BRANCO, Maria Luisa Castello. Algumas considerações sobre a identificação de cidades médias. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. (Org.). **Cidades Médias espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 89 – 105.

\_\_\_\_\_. Cidades médias no Brasil. In: SPOSITO, Eliseu Savério; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; Sobarzo.(Org.). **Cidades Médias produção do espaço urbano e regional**. São Paulo: Expressão Popular, 2006. p. 245 – 277.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico, 2010**. Disponível em:  
<<https://www.ibge.gov.br/busca.html?searchword=censo%202010&searchphrase=all>>. Acesso em: 17 abr. 2017

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. **Região de Influência das cidades - 2007**. IBGE. Rio de Janeiro, 2008.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

\_\_\_\_\_. **A era da informação**. A sociedade em rede. Vol. 2, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato. Construindo o conceito de cidade média. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão.(Org.). **Cidades Médias espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 23 - 33.

\_\_\_\_\_. **Estudos sobre a Rede Urbana**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

\_\_\_\_\_. A rede urbana brasileira e a sua dinâmica: algumas reflexões e questões. In: SPOSITO, M. E. B. (org.). **Urbanização e cidades**: perspectivas geográficas. Presidente Prudente: [s.n.], 2001. p. 359-367.

\_\_\_\_\_. Rede Urbana e Formação Espacial – Uma Reflexão considerando o Brasil. **Revista Território**, ano V, nº 8, jan./jun. 2000. Disponível em:  
<<https://pt.scribd.com/document/130499924/Rede-Urbana-Roberto-Lobato-Correa>>. Acesso em: 25 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. **Trajetórias geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.

\_\_\_\_\_. **A Rede Urbana**. São Paulo: Editora Ática, 1989.

DIAS, Leila Christina. Os sentidos da rede: notas para discussão. In: DIAS, Leila Christina; SILVEIRA; Rogério Leandro Lima da (Org.). **Redes, sociedades e territórios**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2005.

\_\_\_\_\_. Redes: emergência e organização. In: CASTRO, Iná Elias; GOMES, Paulo César da Costa; CORRÊA, Roberto Lobato (org.). **Geografia: Conceitos e temas**. 5ª. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. p. 141-162.

EGLER, Claudio A. G. **Subsídios à Caracterização e Tendências da Rede Urbana do Brasil** - Configuração e Dinâmica da Rede Urbana. Petrópolis, 2001.

ENDLICH, Ângela Maria. **Pensando os papéis e significados das pequenas cidades**. Presidente Prudente: UNESP, 2009.

FERNANDES, Pedro Henrique Carnevalli; ENDLICH, Angela Maria. Município de Cambira (Pr): da Emancipação Política a Dinâmica Atual, no Contexto Regional. **Anais** do I Simpósio Cidades Médias e pequenas da Bahia. Salvador: UFBA, 2009.

FERRAZ, Ana Emilia de Quadros. O Espaço em Movimento: O Desvelar da Rede nos Processos Sociotécnicos do Sistema de Saúde de Vitória da Conquista – Bahia. **Tese** de doutorado. São Cristóvão: UEFS, 2009.

FERREIRA, Sandra Cristina. Urbanização e rede urbana brasileira: orientação teórica e metodológica preliminar. **Anais** 1º SIMPGEO/SP, Rio Claro, 2008 (545 – 548). Disponível em: <[www.rc.unesp.br/igce/simpgeo/535-548sandra.pdf](http://www.rc.unesp.br/igce/simpgeo/535-548sandra.pdf)>. Acesso: 15 fev. 2017.

GEIGER, Pedro P. **Evolução da rede urbana brasileira**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos - Ministério da Educação e Cultura, 1963.

GEORGE, Pierre. **Geografia Urbana**. São Paulo: Difel, 1983.

GUSMÃO, Adriana Davi Ferreira. Espaço regional e ensino superior em Vitória da Conquista – BA. **Dissertação** de Mestrado. São Cristóvão: UEFS, 2009.

MATOS, Ralfo; BRAGA, Fernando. Urbanização no Brasil Contemporâneo, população e a Rede de Localidades Centrais em Evolução. **Anais** do XI Encontro Nacional – ANPUR, Salvador, 2005. Disponível em: <<http://www.xienanpur.ufba.br/214.pdf>>. Acesso: 15 fev. 2017.

MENDES, Geisa Flores; ALMEIDA, Maria Geralda de. Memória, símbolos e representações na configuração socioespacial do Sertão da Ressaca – Bahia. **Revista Mercator**, Vol. 7, No 13, 2008. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/5>. Acesso em: 05 mai. 2018.

MOREIRA, Ruy. Da região à rede e ao lugar: a nova realidade e o novo olhar geográfico sobre o mundo. **etc., espaço, tempo e crítica**. N° 1(3), VOL. 1, 1º de junho de 2007. p. 55 – 70. Disponível em: <[http://gege.fct.unesp.br/docentes/geo/raul/cartografia\\_ensinoGeografia2016/racioc%EDnio%20geogr%E1fico%20-%20ruy%20moreira.pdf](http://gege.fct.unesp.br/docentes/geo/raul/cartografia_ensinoGeografia2016/racioc%EDnio%20geogr%E1fico%20-%20ruy%20moreira.pdf)>. Acesso: 02 fev. 2017.

MOURA, Rosa; WERNECK, Débora Zlotnik. Rede, Hierarquia e Região de Influência das cidades: um foco sobre a Região Sul. **Revista paranaense de desenvolvimento**, Curitiba, n. 100, p. 27-57, jan./jun. 2001. Disponível em: <<http://www.ipardes.pr.gov.br/ojs/index.php/revistaparanaense/article/view/223>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

NOGUEIRA, Cláudio Cristhiano da Silva; CALIXTO, Maria José Martinelli Silva. A reprodução do espaço urbano de Itaporã: uma análise a partir das relações/articulações com Dourados-MS. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros** – Seção Três Lagoas/MS – nº 22 – Ano 12, Novembro 2015. Disponível em: <<http://seer.ufms.br/index.php/RevAGB/article/viewFile/1420/933>>. Acesso em: 25 fev. 2017.

PASSOS, Sinval Almeida. Vitória da Conquista, cidade e região. **Dissertação** de Mestrado. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1995.

PEREIRA, Vinícius Rena. O setor de serviços no Brasil. **Dissertação** de mestrado em Economia, Araraquara: UNESP, 2014. Disponível em: <<https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/126327/000840571.pdf?sequence=1>>. Acesso em 10/01/2018.

PORTO, Gil Carlos Silveira. Evolução da rede de localidades centrais na Bahia nos séculos XIX e XX: permanências, complexidades e amadurecimento. **Tese** de doutorado em Geografia. Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, 2014.

RAFFESTIN, C. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: editora Ática, 1993.

RIBEIRO, Miguel Angelo. Abordagens analíticas das redes geográficas. **Boletim Goiano de Geografia** 20. (1-2), jan./dez, 2000. p. 77 a 105. <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/4229>. Acesso em 15 fev. 2017.

ROCHEFORT, Michel. **Redes e Sistemas** - Ensinando sobre o Urbano e a Região. São Paulo: Hucitec, 1998

SAMPAIO, Andrecksia Viana Oliveira, GUSMÃO, Adriana David Ferreira. Mobilidade do trabalho e produção do espaço nas Cidades Médias. **Anais do XVI ENG**, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <<http://www.agb.org.br/anais/autor.php>>. Acesso em 25 nov. 2017.

SANTANA, Mário Rubem Costa. O espaço urbano em construção: as redes técnicas da cidade de Salvador do Século XXI. **Tese** de doutorado. Salvador, UFBA, 2006.

SANTOS, Janio. Um (novo) olhar sobre a história de Vitória da Conquista na Condição de cidade média. In: SANTOS, Janio (Org.). **Vitória da Conquista no século XXI: Reestruturação urbana e mudanças em seu papel como cidade média**. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2016.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ª Ed. São Paulo: Hucitec, 2008 a.

\_\_\_\_\_. **O espaço dividido** – Os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2ª Ed. São Paulo: Edusp, 2008 b.

\_\_\_\_\_. **A urbanização brasileira**. São Paulo: Hucitec, 1993.

\_\_\_\_\_. **Manual de Geografia Urbana**. 4ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

SILVA, Danilo Pinto da. *Fontes Para a História Social do Trabalho: Vitória da Conquista e região – A economia regional nas fontes da Justiça do Trabalho (1963-1965)*. Ilhéus: **Anais Ciclos Históricos – UESC**, 2009.

SILVA, Sylvio C. Bandeira de Mello; SILVA, Christine Nentwig. Dinâmica recente do processo de urbanização/metropolização 1931 – 1985. In: SILVA, Sylvio C. Bandeira de Mello; LEÃO, Sônia de Oliveira, SILVA, Christine Nentwig. **Urbanização e metropolização no estado da Bahia – Evolução e dinâmica**. Salvador: Centro Editoria e didático da UFBA, 1989. p. 185 – 257.

SILVEIRA, Tamyres Virgínia. O papel das pequenas cidades na rede urbana: um estudo acerca do desenvolvimento da microregião de Viçosa-MG. **Dissertação de Mestrado**. Viçosa, UFV, 2015.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Redes e Cidades**. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

\_\_\_\_\_. Cidades médias e eixos de desenvolvimento no estado de São Paulo: Metodologia e abordagem. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão.(Org.). **Cidades Médias espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 215 – 232.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; ELIAS, Denise; SOARES, Beatriz Ribeiro; MAIA, Doralice Sátyro; GOMES, Edvânia Tôrres Aguiar. O estudo das cidades médias brasileiras: uma proposta metodológica. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão.(Org.). **Cidades Médias espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p. 35 - 67.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS E SOCIAIS DA BAHIA - SEI BA. **PIB dos municípios**. Disponível em: Acesso em 10 out. 2018.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE BAHIA. **Catálogo dos Cursos de Graduação da UESB**. Vitória da Conquista, 2018. Disponível em: <http://www.uesb.br/catalogo/index.asp>. Acesso em 15 jun. 2018.

VITÓRIA DA CONQUISTA. Prefeitura Municipal de Vitória da Conquista. **Economia**. Disponível em: <http://www.pmvc.ba.gov.br/economia/>

## APÊNDICE

Apêndice 1 - Questionário aplicado aos os alunos da UESB



**Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia**  
**Programa De Pós-Graduação Em Geografia- Ppgeo**  
**Mestrado em Geografia**



Aluna: Veranilza Batista Ribeiro

Pesquisa em andamento: O Setor Terciário e o Papel da Cidade Média na Articulação Desigual das Economias Locais – A Participação das Pequenas Cidades na Rede Urbano-Regional de Vitória da Conquista/BA.

1. Universidade: \_\_\_\_\_

2. Curso: \_\_\_\_\_ Semestre: \_\_\_\_\_

3. Forma de entrada na Universidade

( ) SISU Cotista: ( ) Sim ( ) Não

( ) VESTIBULAR Cotista: ( ) Sim ( ) Não

4. Cidade/Estado onde residia quando foi selecionado (a) para ingressar na Universidade: \_\_\_\_\_

5. Por que escolheu Vitória da Conquista para fazer o curso superior?

( ) Proximidade com a cidade onde reside

( ) Tem o curso que escolhi

( ) Melhor opção

( ) Foi a única opção

( ) Outro \_\_\_\_\_

6. Renda Familiar

( ) Até 3 salários mínimos

( ) > 3 a 5 salários mínimos

( ) > 5 a 10 salários mínimos

( ) > 10 a 20 salários mínimos

( ) > 20 salários mínimos

7. Mora em Vitória da Conquista?

Sim             Não; Qual cidade/estado: \_\_\_\_\_

Caso não more em Vitória da Conquista, como é feito o deslocamento da sua cidade para a universidade?

- Automóvel próprio
- Ônibus/ vans fornecido pela prefeitura da sua cidade
- Ônibus/ vans da associação formada pelos alunos
- Ônibus de linha
- Outro \_\_\_\_\_

8. Pretende continuar morando na cidade onde reside/ou retornar para sua cidade após o término do curso superior?             Sim             Não

Por que? (Responda caso tenha respondido **SIM**)

- Pretendo trabalhar lá/ Já trabalho lá.
- Contribuir com o crescimento da minha cidade.
- Para ajudar a família.
- Para ajudar a população a cidade.
- Outro motivo: \_\_\_\_\_

Por que? (Responda caso tenha respondido **NÃO**)

- Não tem trabalho lá.
- Pretendo morar numa cidade maior que a minha.
- Para ajudar a família.
- Não seria útil para a cidade.
- Outro motivo: \_\_\_\_\_

9. Além da Educação, utiliza outro tipo de serviço em Vitória da Conquista?

Sim             Não

Em caso afirmativo, quais?

- Comércio
- Lazer/entretenimento
- Saúde
- Informação
- Serviços bancários
- Outro: \_\_\_\_\_

**OBRIGADA!**

## ANEXOS

Anexo 1: Dados da Secretaria Geral de Cursos da UESB sobre a quantidade de Alunos por Nível de Curso, Forma de Ingresso e Cotas – SAGRES, 2018

<b>Quantidade de Alunos por Nível de Curso, Forma de Ingresso e Cotas</b>			
<b>Nível de Curso</b>	<b>Forma de Ingresso</b>	<b>Regime de Cotas</b>	<b>Quant.</b>
BACHARELADO	Matrícula Sub-Judice	NULL	6
BACHARELADO	Matrícula Sub-Judice	Adicional - PNE	1
BACHARELADO	Matrícula Sub-Judice	Adicional - Quilombola	2
BACHARELADO	Matrícula Sub-Judice	Étnico Racial	2
BACHARELADO	Matrícula Sub-Judice	Não Cotista	3
BACHARELADO	Matrícula Sub-Judice	Social	4
BACHARELADO	Mudança de Campus	NULL	2
BACHARELADO	Mudança de Turno	NULL	9
BACHARELADO	Retorno ao Curso	NULL	41
BACHARELADO	SISU	NULL	11
BACHARELADO	SISU	Adicional - Indígena	1
BACHARELADO	SISU	Adicional - PNE	6
BACHARELADO	SISU	Adicional - Quilombola	3
BACHARELADO	SISU	Étnico Racial	329
BACHARELADO	SISU	Não Cotista	528
BACHARELADO	SISU	Social	176
BACHARELADO	Transferência Ex-Offício	NULL	9
BACHARELADO	Transferência Ex-Offício	Não Cotista	1
BACHARELADO	Transferência Externa	NULL	28
BACHARELADO	Transferência Externa	Não Cotista	1
BACHARELADO	Transferência Interna	NULL	14
BACHARELADO	Transferência Interna	Não Cotista	1
BACHARELADO	Vestibular	NULL	56
BACHARELADO	Vestibular	Adicional - Indígena	12
BACHARELADO	Vestibular	Adicional - PNE	34
BACHARELADO	Vestibular	Adicional - Quilombola	46
BACHARELADO	Vestibular	Étnico Racial	428
BACHARELADO	Vestibular	Não Cotista	659
BACHARELADO	Vestibular	Social	279
BACHARELADO	Vestibular-Classificado	Não Cotista	2
BACHARELADO	Vestibular-Convocado	NULL	1
BACHARELADO	Vestibular-Convocado	Adicional - Indígena	1
BACHARELADO	Vestibular-Convocado	Adicional - PNE	2
BACHARELADO	Vestibular-Convocado	Adicional - Quilombola	2
BACHARELADO	Vestibular-Convocado	Étnico Racial	7
BACHARELADO	Vestibular-Convocado	Não Cotista	25
BACHARELADO	Vestibular-Convocado	Social	7

LICENCIATURA	Matrícula Sub-Judice	Adicional - PNE	1
LICENCIATURA	Matrícula Sub-Judice	Não Cotista	1
LICENCIATURA	Mudança de Campus	NULL	10
LICENCIATURA	Mudança de Campus	Não Cotista	1
LICENCIATURA	Mudança de Turno	NULL	11
LICENCIATURA	Retorno ao Curso	NULL	33
LICENCIATURA	Seleção	Social	1
LICENCIATURA	SISU	NULL	28
LICENCIATURA	SISU	Adicional - PNE	2
LICENCIATURA	SISU	Étnico Racial	224
LICENCIATURA	SISU	Não Cotista	354
LICENCIATURA	SISU	Social	127
LICENCIATURA	Transferência Externa	NULL	5
LICENCIATURA	Transferência Interna	NULL	2
LICENCIATURA	Transferência Interna	Étnico Racial	1
LICENCIATURA	Transferência Interna	Social	1
LICENCIATURA	Vestibular	NULL	56
LICENCIATURA	Vestibular	Adicional - Indígena	1
LICENCIATURA	Vestibular	Adicional - PNE	9
LICENCIATURA	Vestibular	Adicional - Quilombola	18
LICENCIATURA	Vestibular	Étnico Racial	238
LICENCIATURA	Vestibular	Não Cotista	475
LICENCIATURA	Vestibular	Social	283
LICENCIATURA	Vestibular- Mudança Curricular	NULL	9
LICENCIATURA	Vestibular-Convocado	Não Cotista	2

Anexo 02: Dados da Secretaria Geral de Cursos da UESB sobre o quantitativo de alunos ativos por Campus, País, Estado e Cidade de Moradia – SAGRES, 2018

<b>Quantitativo de alunos ativos por Campus, País, Estado e Cidade de Moradia</b>		
<b>Campus</b>	<b>Estado</b>	<b>Cidade Moradia</b>
UESB - Vitória da Conquista	AP	MACAPÁ
UESB - Vitória da Conquista	BA	ABAÍRA
UESB - Vitória da Conquista	BA	ABARÉ
UESB - Vitória da Conquista	BA	ALAGOINHAS
UESB - Vitória da Conquista	BA	AMARGOSA
UESB - Vitória da Conquista	BA	ANAGÉ
UESB - Vitória da Conquista	BA	ANDARAÍ
UESB - Vitória da Conquista	BA	ARACATU
UESB - Vitória da Conquista	BA	BARRA DA ESTIVA
UESB - Vitória da Conquista	BA	BARRA DO CHOÇA
UESB - Vitória da Conquista	BA	BARRA DO ROCHA
UESB - Vitória da Conquista	BA	BELMONTE
UESB - Vitória da Conquista	BA	BELO CAMPO
UESB - Vitória da Conquista	BA	BOA NOVA
UESB - Vitória da Conquista	BA	BOM JESUS DA LAPA
UESB - Vitória da Conquista	BA	BOM JESUS DA SERRA
UESB - Vitória da Conquista	BA	BONINAL
UESB - Vitória da Conquista	BA	BOQUIRA
UESB - Vitória da Conquista	BA	BOTUPORÁ
UESB - Vitória da Conquista	BA	BRUMADO
UESB - Vitória da Conquista	BA	BUERAREMA
UESB - Vitória da Conquista	BA	CAATIBA
UESB - Vitória da Conquista	BA	CACULÉ
UESB - Vitória da Conquista	BA	CAETANOS
UESB - Vitória da Conquista	BA	CAETITÉ
UESB - Vitória da Conquista	BA	CAMACAN
UESB - Vitória da Conquista	BA	CANAVIEIRAS
UESB - Vitória da Conquista	BA	CANDIBA
UESB - Vitória da Conquista	BA	CÂNDIDO SALES
UESB - Vitória da Conquista	BA	CARAÍBAS
UESB - Vitória da Conquista	BA	CARINHANHA
UESB - Vitória da Conquista	BA	CATU
UESB - Vitória da Conquista	BA	CATURAMA
UESB - Vitória da Conquista	BA	CONCEIÇÃO DA FEIRA
UESB - Vitória da Conquista	BA	CONDEÚBA
UESB - Vitória da Conquista	BA	CONTENDAS DO SINCORÁ
UESB - Vitória da Conquista	BA	CORDEIROS
UESB - Vitória da Conquista	BA	CRUZ DAS ALMAS
UESB - Vitória da Conquista	BA	DÁRIO MEIRA
UESB - Vitória da Conquista	BA	DOM BASÍLIO
UESB - Vitória da Conquista	BA	ENCRUZILHADA

UESB - Vitória da Conquista	BA	ENTRE RIOS
UESB - Vitória da Conquista	BA	ÉRICO CARDOSO
UESB - Vitória da Conquista	BA	EUNÁPOLIS
UESB - Vitória da Conquista	BA	FEIRA DE SANTANA
UESB - Vitória da Conquista	BA	FIRMINO ALVES
UESB - Vitória da Conquista	BA	FLORESTA AZUL
UESB - Vitória da Conquista	BA	GANDU
UESB - Vitória da Conquista	BA	GUANAMBI
UESB - Vitória da Conquista	BA	IBIASSUCÉ
UESB - Vitória da Conquista	BA	IBICARAÍ
UESB - Vitória da Conquista	BA	IBICOARA
UESB - Vitória da Conquista	BA	IBICUÍ
UESB - Vitória da Conquista	BA	IBIPITANGA
UESB - Vitória da Conquista	BA	IBIRATAIA
UESB - Vitória da Conquista	BA	IBITIARA
UESB - Vitória da Conquista	BA	IBOTIRAMA
UESB - Vitória da Conquista	BA	IGAPORÃ
UESB - Vitória da Conquista	BA	IGRAPIÚNA
UESB - Vitória da Conquista	BA	IGUAÍ
UESB - Vitória da Conquista	BA	ILHÉUS
UESB - Vitória da Conquista	BA	IPIAÚ
UESB - Vitória da Conquista	BA	IPIRÁ
UESB - Vitória da Conquista	BA	IRAJUBA
UESB - Vitória da Conquista	BA	IRAQUARA
UESB - Vitória da Conquista	BA	IRECÊ
UESB - Vitória da Conquista	BA	ITABUNA
UESB - Vitória da Conquista	BA	ITACARÉ
UESB - Vitória da Conquista	BA	ITAGIBÁ
UESB - Vitória da Conquista	BA	ITAJUÍPE
UESB - Vitória da Conquista	BA	ITAMARAJU
UESB - Vitória da Conquista	BA	ITAMBÉ
UESB - Vitória da Conquista	BA	ITAPÉ
UESB - Vitória da Conquista	BA	ITAPETINGA
UESB - Vitória da Conquista	BA	ITAPITANGA
UESB - Vitória da Conquista	BA	ITARANTIM
UESB - Vitória da Conquista	BA	ITIRUÇU
UESB - Vitória da Conquista	BA	ITORORÓ
UESB - Vitória da Conquista	BA	ITUAÇU
UESB - Vitória da Conquista	BA	JABORANDI
UESB - Vitória da Conquista	BA	JACARACI
UESB - Vitória da Conquista	BA	JAGUAQUARA
UESB - Vitória da Conquista	BA	JEQUIÉ
UESB - Vitória da Conquista	BA	JIQUEIRIÇÁ
UESB - Vitória da Conquista	BA	JITAÚNA
UESB - Vitória da Conquista	BA	JUAZEIRO

UESB - Vitória da Conquista	BA	JUSSIAPE
UESB - Vitória da Conquista	BA	LAFAIETE COUTINHO
UESB - Vitória da Conquista	BA	LAJE
UESB - Vitória da Conquista	BA	LAJEDO DO TABOCAL
UESB - Vitória da Conquista	BA	LICÍNIO DE ALMEIDA
UESB - Vitória da Conquista	BA	LIVRAMENTO DE N. SENHORA
UESB - Vitória da Conquista	BA	MACARANI
UESB - Vitória da Conquista	BA	MACAÚBAS
UESB - Vitória da Conquista	BA	MAETINGA
UESB - Vitória da Conquista	BA	MAIQUINIQUE
UESB - Vitória da Conquista	BA	MAIRI
UESB - Vitória da Conquista	BA	MALHADA
UESB - Vitória da Conquista	BA	MALHADA DE PEDRAS
UESB - Vitória da Conquista	BA	MANOEL VITORINO
UESB - Vitória da Conquista	BA	MARACÁS
UESB - Vitória da Conquista	BA	MEDEIROS NETO
UESB - Vitória da Conquista	BA	MIRANTE
UESB - Vitória da Conquista	BA	MORTUGABA
UESB - Vitória da Conquista	BA	MUCUGÊ
UESB - Vitória da Conquista	BA	MUCURI
UESB - Vitória da Conquista	BA	MUTUÍPE
UESB - Vitória da Conquista	BA	NAZARÉ
UESB - Vitória da Conquista	BA	NOVA CANAÃ
UESB - Vitória da Conquista	BA	OLIVEIRA DOS BREJINHOS
UESB - Vitória da Conquista	BA	PALMAS DE MONTE ALTO
UESB - Vitória da Conquista	BA	PALMEIRAS
UESB - Vitória da Conquista	BA	PARAMIRIM
UESB - Vitória da Conquista	BA	PAU BRASIL
UESB - Vitória da Conquista	BA	PIATÃ
UESB - Vitória da Conquista	BA	PINDAÍ
UESB - Vitória da Conquista	BA	PIRIPÁ
UESB - Vitória da Conquista	BA	PLANALTO
UESB - Vitória da Conquista	BA	POÇÕES
UESB - Vitória da Conquista	BA	PORTO SEGURO
UESB - Vitória da Conquista	BA	POTIRAGUÁ
UESB - Vitória da Conquista	BA	PRESIDENTE JÂNIO QUADROS
UESB - Vitória da Conquista	BA	RAFAEL JAMBEIRO
UESB - Vitória da Conquista	BA	RIACHÃO DO JACUÍPE
UESB - Vitória da Conquista	BA	RIACHO DE SANTANA
UESB - Vitória da Conquista	BA	RIBEIRÃO DO LARGO
UESB - Vitória da Conquista	BA	RIO DE CONTAS
UESB - Vitória da Conquista	BA	RIO DO ANTÔNIO
UESB - Vitória da Conquista	BA	RIO DO PIRES
UESB - Vitória da Conquista	BA	SALVADOR
UESB - Vitória da Conquista	BA	SANTA CRUZ CABRÁLIA

UESB - Vitória da Conquista	BA	SANTA INÊS
UESB - Vitória da Conquista	BA	SANTA MARIA DA VITÓRIA
UESB - Vitória da Conquista	BA	SANTA RITA DE CÁSSIA
UESB - Vitória da Conquista	BA	SANTANA
UESB - Vitória da Conquista	BA	SANTO ANTÔNIO DE JESUS
UESB - Vitória da Conquista	BA	SANTO ESTÊVÃO
UESB - Vitória da Conquista	BA	SÃO GABRIEL
UESB - Vitória da Conquista	BA	SEABRA
UESB - Vitória da Conquista	BA	SERRINHA
UESB - Vitória da Conquista	BA	SOUTO SOARES
UESB - Vitória da Conquista	BA	TANHAÇU
UESB - Vitória da Conquista	BA	TANQUE NOVO
UESB - Vitória da Conquista	BA	TAPEROÁ
UESB - Vitória da Conquista	BA	TEIXEIRA DE FREITAS
UESB - Vitória da Conquista	BA	TEOLÂNDIA
UESB - Vitória da Conquista	BA	TREMEDAL
UESB - Vitória da Conquista	BA	UBAÍRA
UESB - Vitória da Conquista	BA	UBAITABA
UESB - Vitória da Conquista	BA	UBATÃ
UESB - Vitória da Conquista	BA	URANDI
UESB - Vitória da Conquista	BA	URUÇUCA
UESB - Vitória da Conquista	BA	VALENÇA
UESB - Vitória da Conquista	BA	VÁRZEA DA ROÇA
UESB - Vitória da Conquista	BA	VEREDA
UESB - Vitória da Conquista	BA	VITÓRIA DA CONQUISTA
UESB - Vitória da Conquista	BA	WAGNER
UESB - Vitória da Conquista	BA	XIQUE-XIQUE
UESB - Vitória da Conquista	CE	FORTALEZA
UESB - Vitória da Conquista	CE	JUAZEIRO DO NORTE
UESB - Vitória da Conquista	DF	BRASÍLIA
UESB - Vitória da Conquista	ES	SÃO GABRIEL DA PALHA
UESB - Vitória da Conquista	GO	CATALÃO
UESB - Vitória da Conquista	GO	GOIÂNIA
UESB - Vitória da Conquista	GO	GOIÁS
UESB - Vitória da Conquista	MA	CURURUPU
UESB - Vitória da Conquista	MG	ÁGUAS VERMELHAS
UESB - Vitória da Conquista	MG	ALMENARA
UESB - Vitória da Conquista	MG	BELO HORIZONTE
UESB - Vitória da Conquista	MG	CAPELINHA
UESB - Vitória da Conquista	MG	CURRAL DE DENTRO
UESB - Vitória da Conquista	MG	DIVISA ALEGRE
UESB - Vitória da Conquista	MG	DIVISÓPOLIS
UESB - Vitória da Conquista	MG	GOVERNADOR VALADARES
UESB - Vitória da Conquista	MG	JANAÚBA
UESB - Vitória da Conquista	MG	JORDÂNIA

UESB - Vitória da Conquista	MG	LAGAMAR
UESB - Vitória da Conquista	MG	MATA VERDE
UESB - Vitória da Conquista	MG	MEDINA
UESB - Vitória da Conquista	MG	MENDES PIMENTEL
UESB - Vitória da Conquista	MG	MONTES CLAROS
UESB - Vitória da Conquista	MG	PEDRA AZUL
UESB - Vitória da Conquista	MG	PORTEIRINHA
UESB - Vitória da Conquista	MG	RIO PARDO DE MINAS
UESB - Vitória da Conquista	MG	SALINAS
UESB - Vitória da Conquista	MG	SANTA VITÓRIA
UESB - Vitória da Conquista	MG	SÃO JOÃO DO PARAÍSO
UESB - Vitória da Conquista	MG	TAIOBEIRAS
UESB - Vitória da Conquista	MG	TEÓFILO OTONI
UESB - Vitória da Conquista	MG	TRÊS CORAÇÕES
UESB - Vitória da Conquista	MS	NAVIRAÍ
UESB - Vitória da Conquista	MT	CUIABÁ
UESB - Vitória da Conquista	PE	CARNAUBEIRA DA PENHA
UESB - Vitória da Conquista	PE	MIRANDIBA
UESB - Vitória da Conquista	PE	PESQUEIRA
UESB - Vitória da Conquista	PE	PETROLÂNDIA
UESB - Vitória da Conquista	PR	CURITIBA
UESB - Vitória da Conquista	RJ	NITERÓI
UESB - Vitória da Conquista	RN	NATAL
UESB - Vitória da Conquista	SE	ARACAJU
UESB - Vitória da Conquista	SP	ARAÇARIGUAMA
UESB - Vitória da Conquista	SP	DIADEMA
UESB - Vitória da Conquista	SP	MARÍLIA
UESB - Vitória da Conquista	SP	SANTA BÁRBARA D'OESTE
UESB - Vitória da Conquista	SP	SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
UESB - Vitória da Conquista	SP	SÃO ROQUE
UESB - Vitória da Conquista	SP	SOROCABA
UESB - Vitória da Conquista	TO	PALMAS